COLECÇÃO

HORIZONTE POESIA

20

1. Provavelmente Alegria
   José Saramago
2. Os Quarenta e Dois Sonetos
   Pedro Tamen
3. Medos Mudos
   Loy Rolim
4. Os Olhos de Passagem
   Manuel Alberto Valente
5. Coração em Armas
   José Jorge Letria
6. As Palavras Só-Lidas
   E. M. de Melo e Castro
7. 26 Sonetos
   Sidónio Muralha
8. Cyborg
   Alexandre Vargas
9. A Esperança Agredida
   José Manuel Mendes
10. Amã em Setembro
    Tawfiq Zayyad
11. Poesia da R.D.A.
    breve antologia
    Rainer Bettermann e *Álvaro Pina*
12. Álbum — Poemas Escolhidos
    António Bellini Jara
13. Os Dias do Trigo
    José Manuel Mendes
14. Os Silos da Infância
    António Torrado
15. Antologia da Novíssima Poesia Brasileira
    Gramiro de Matos e *Manuel de Seabra*
16. A Linguagem dos Espelhos
    Eufrázio Filipe
17. Antologia da Poesia Britânica Contemporânea
    Manuel de Seabra
18. Encontros
    António Bellini Jara
19. Pedra a Pedra
    José Manuel Mendes
20. Obra Completa de Cesário Verde — 4.ª edição
    Organizada, prefaciada e anotada por Joel Serrão

OBRA COMPLETA DE
CESÁRIO VERDE

4.ª edição

Organizada, prefaciada e anotada
por

JOEL SERRÃO

LIVROS HORIZONTE

ÍNDICE

Advertência (2.ª edição) ... 7

Advertência (1.ª edição) ... 8

Fundamentos e critério da presente edição ... 9

I POESIAS PUBLICADAS EM *O LIVRO DE CESARIO VERDE* ... 29

1873 - 1874 ... 31

Setentrional ... 33
Responso ... 36
Meridional ... 40
Flores velhas ... 42
Ironias do desgosto ... 47

1875 - 1876 ... 49

Deslumbramentos ... 51
Frígida ... 53
A débil ... 56
Humilhações ... 58
Contrariedades ... 60

1877 - 1880 ... 65

Num bairro moderno ... 67
Noites gélidas ... 71
Sardenta ... 72
Manhãs brumosas ... 72
Noite fechada ... 74
Em petiz ... 78
Cristalizações ... 84
O sentimento dum ocidental ... 89

1881 - 1886 ... 99

De tarde ... 101
De Verão ... 102
Nós ... 106
Provincianas ... 130

II POESIAS NÃO INCLUÍDAS EM *O LIVRO DE CESÁRIO VERDE* ... 135

A forca ... 137
Eu e ela ... 139
Lúbrica ... 140
Ele ... 142
Ecos do Realismo
Impossível! ... 145
Lágrimas ... 147
Proh Pudor! ... 147
Manias! ... 148
Heroísmos ... 149
Cantos de tristeza ... 150
Cinismos ... 155
Esplêndida ... 156
Arrojos ... 158
Vaidosa ... 159
Cadências tristes ... 160
Desastre ... 162
Num álbum ... 165

III CARTAS ... 167

A João de Sousa Araújo ... 169
A Silva Pinto ... 179
A António Macedo Papança (Conde de Monsaraz) ... 205
A Mariano Pina ... 223

Tábua biobibliográfica de Cesário Verde (1855 - 1886) ... 228

Esboço de bibliografia respeitante a Cesário Verde ... 231

ADVERTÊNCIA

(2.ª edição)

Nos apertos e na angústia do escasso tempo que o Editor me concedeu para a preparação desta 2.ª edição da *Obra Completa de Cesário Verde,* lancei mão de tudo quanto se encontrava ao meu alcance no fito de aperfeiçoar este livro. Além de todo revisto e cotejado pelas fontes, foi possível, segundo me inclino a pensar, resolver algumas dificuldades que até agora se mantinham. Se, porventura, o consegui, isso ficar-se-á devendo, sobretudo, à colaboração tão prestimosa dos meus amigos Armindo Rodrigues, Jacinto do Prado Coelho, Óscar Lopes e Pedro da Silveira. Com a sua segura experiência de poeta e o seu profundíssimo conhecimento da poesia de Cesário, Armindo Rodrigues, logo após a publicação deste livro, transmitiu-me em longa carta todas as suas dúvidas acerca do trabalho levado a efeito: meditei-a e aprendi muito com ela. Óscar Lopes, apesar dos seus trabalhos e das suas preocupações, logo se dispôs a realizar em bibliotecas do Porto, dada a mudez das de Lisboa a respeito dos problemas que me preocupavam e preocupam, investigações que se manifestariam frutuosas. Jacinto do Prado Coelho pronunciou-se, a meu pedido, sobre emendas que se impunham nalguns versos de Cesário. Pedro da Silveira deu a lume, oportunamente, muitos esclarecimentos de valor sobre as personagens referidas nas cartas de Cesário, incluídas neste volume, além de ter permitido o enriquecimento da 3.ª parte deste livro, com o seu descobrimento das missivas a João de Sousa Araújo.

De todo o coração lhes agradeço, pois, a colaboração prestada, desde já lhes pedindo desculpa, caso não tenha sabido utilizar bem tão valiosa ajuda.

E aproveito o ensejo para pedir, uma vez mais, a todos a quem a memória de Cesário Verde seja cara, que me ajudem quer pela crítica ao que já se fez, quer pelo fornecimento de elementos de que porventura hajam conhecimento, a melhorar e a enriquecer esta suma cesárica que a cultura portuguesa deve à memória do grande poeta.

Lisboa, Novembro de 1969.

ADVERTÊNCIA

(1.ª edição)

Quaisquer venham a ser os méritos ou deméritos atribuídos à presente edição da *Obra Completa* de Cesário Verde, cumpre-me tornar público um agradecimento e formular um pedido.

Bem se poderá dizer que nesta melindrosa conjuntura, a que os fados me impeliram, fui auxiliado, no decurso de alguns anos, por uma admirável conjugação de esforços e boas vontades. Na verdade, a conclusão desta empresa teria sido impossível sem os factos que passo a referir: as consultas levadas a efeito em bibliotecas do Porto pelo querido amigo poeta Eugénio de Andrade; as informações do Prof. Rodrigues Lapa e do pioneiro destes estudos, Dr. Luís Amaro de Oliveira; a boa vontade do falecido Dr. Alberto de Monsaraz, em cuja biblioteca me foi dado descobrir a única poesia autógrafa de Cesário, conhecida; o estímulo amigo e generoso do romancista e poeta Carlos de Oliveira; os esforços do editor, Sr. Agostinho Fernandes, para vencer as dificuldades que até hoje se haviam erguido ante a realização de projecto tão longamente acarinhado. A todos, pois, muito e muito obrigado!

Quanto ao pedido, ei-lo:

Sempre encarei este livro, devido à memória de Cesário, como tarefa cultural que a todos nós respeita e como que a todos empenha. Se, claro está, reservo para mim a responsabilidade dos erros acaso praticados nesta edição, muito desejaria, e muito agradeceria, que eles fossem apontados, discutidos, escalpelizados sem dó nem piedade. Esse será, como é evidente, o único caminho para, em futuras edições, se aperfeiçoar, até ao limite das possibilidades, a presente suma da obra de Cesário Verde. Só isso, na verdade, importa quando o alvo que se teve em mira (como me atrevo a ajuizar) foi o da objectividade. Da objectividade *possível*, evidentemente, que outra é apanágio de deuses.

Santana, Agosto de 1963.

FUNDAMENTOS E CRITÉRIO DA PRESENTE EDIÇÃO

I — *O problema*

Em Abril de 1887, cerca de nove meses após a morte de Cesário Verde, publicou-se em Lisboa, numa edição de 200 exemplares, que foram distribuídos «pelos parentes, pelos amigos e pelos admiradores *provados* do ilustre poeta» [1], um pequenino livro de poesias que ostentava na capa os seguintes dizeres: em cima, as datas «1873-1886»; em diagonal, o título: *O Livro de Cesário Verde;* e, em baixo, a seguinte indicação: «Publicado por Silva Pinto». Tal livro apresentava-se dedicado, por obra e graça de Silva Pinto, a Jorge Verde, e era prefaciado pelo mesmo com algumas páginas repassadas de amor e de amargura, nas quais evocava a profunda amizade que o unira ao malogrado poeta. Aí, em dado momento, afirmava: «A estesia, o processo artístico e a individualidade deste admirável e originalíssimo poeta merecem à Crítica independente uma atenção desvelada. Eu não hesito em vincular o meu nome à promessa de um tributo que *a obra* de Cesário Verde está reclamando.»

As poesias de Cesário apresentavam-se divididas em duas secções intituladas: a primeira, «Crise Romanesca», e, a segunda, «Naturais». No fim do livro, o seu editor referia alguns elementos biobibliográficos do poeta, mencionava o nome de poesias que «foram condenadas pelo autor e a condenação foi hoje respeitada» e, contraditando a promessa feita no prefácio, declarava: «Essa obra [...] não será discutida pelo autor destas linhas. Não é hoje discutida, nem o será jamais.» [2]

O livrinho vingou, e as edições foram-se sucedendo em 1901, 1911, 1919, 1926, 1945, etc.; a 2.ª edição [3], ainda em vida do seu primeiro editor, continha o esclarecimento de que se tratava

[1] O *Livro de Cesário Verde*, 1.ª ed., notas finais de Silva Pinto.
[2] O *Livro de Cesário Verde*; 1.ª ed., notas finais.
[3] Lisboa, Manuel Gomes, editor. Livreiros de Suas Majestades e Altezas, 61, R. Garrett (Chiado) — 61, MDCCCCI.

de uma «reimpressão textual da primeira edição feita pelo amigo do poeta — Silva Pinto».

Entretanto, a peculiar e originalíssima estesia poética de Cesário fora abrindo caminho, impondo-se, até vir a ser objecto de estudo e de admiração geral, à qual se seguiu, naturalmente, a fase da imitação mais ou menos patente. O pequenino livro tornara-se um clássico da nossa poesia. A categoria assim alcançada explica que, na década de 40, um licenciando em Filologia Românica, o Dr. Luís Amaro de Oliveira, tenha concebido o projecto de aprofundar, numa dissertação académica, o conhecimento da vida e da obra do poeta.

Com efeito, pelos elementos novos que carreou, e pelos problemas que formulou e procurou resolver, o livro de Luís Amaro de Oliveira, *Cesário Verde (Novos Subsídios para o Estudo da Sua Personalidade)* [1], marcou data nos estudos cesáricos. Além de um esboço biográfico, com muitas informações até então ignoradas, o livro apresentava cópias das poesias desconhecidas que haviam sido recusadas na 1.ª edição, revelava a existência de variantes entre poesias incluídas em *O Livro* e as suas primeiras versões — dadas à estampa em revistas e jornais do tempo; e levantava o melindroso problema do papel que Silva Pinto teria desempenhado na organização das poesias do seu «bem-amado» [2] amigo.

Tudo indica, porém, como tentaremos provar, que Luís Amaro de Oliveira não acertou ao ajuizar que a intervenção de Silva Pinto na organização de *O Livro* se limitara, mais ou menos, a dar a público um original que o seu falecido amigo havia deixado pronto, ou em vias disso. E essa conclusão influenciou todas as edições de *O Livro* que, posteriormente ao seu meritório trabalho, foram sendo lançadas no mercado.

Ora acontece que, vai já para uns bons anos, nós conceberamos o propósito de levar a efeito um estudo da poesia de Cesário, em suas íntimas ligações com a época dele, o que se enquadrava nas nossas preocupações atinentes à compreensão do século XIX português. Ocorrera-nos que, para isso, se tornava necessário estudar tal poesia mediante um esquema cronológico-evolutivo —, e eis que, desse modo, se nos deparou a primeira dificuldade, pois a edição de que nos servíamos, decalcada, como todas as restantes, na de Silva Pinto, não nos fornecia os elementos de que carecíamos.

[1] Coimbra, Editorial Nobel, 1944.

[2] «Nos domínios da nossa Arte, sabem os cultores dela, os inteligentes e sinceros, quanto devem ao bem-amado insubstituível» (Silva Pinto, *Noite de Vigília*, vol. II, p. 215).

Recorremos então ao livro de Luís Amaro de Oliveira. Infelizmente, eram tais as gralhas que nele se haviam insinuado que, não obstante os esclarecimentos particulares amistosamente transmitidos pelo autor, fomos obrigados a refazer tudo desde o princípio — e eis como, lateralmente às nossas preocupações fundamentais, fomos colhendo os elementos que viríamos a reunir no estudo publicado, em 1955, na revista coimbrã *Vértice* [1], sob o título de «Cesário Verde — Para uma edição crítica das suas poesias», o que, por si, sugere as conclusões a que, paulatinamente, fôramos chegando.

Entretanto, o Prof. António Salgado Júnior dera a lume, nesse mesmo ano, em *O Comércio do Porto,* um notabilíssimo artigo a que deu o título de «Introdução ao estudo de Cesário» [2], e no qual defendia, abertamente, a tese de que a organização de *O Livro de Cesário Verde* se devera à intervenção do seu primeiro editor. Se é certo que o autor do artigo não apresentava prova alguma da sua asserção, baseava-se, contudo, nas seguintes premissas: Silva Pinto prometera um estudo crítico sobre a poesia do seu amigo, que, todavia, não chegou a efectuar; a divisão de *O Livro* em duas partes, «Crise Romanesca» e «Naturais», insinuava, segundo pensava o emérito estudioso, «um ponto de vista crítico que muito possivelmente seria aquele que Silva Pinto iria sustentar no seu estudo prometido e logo recusado». [3] Portanto, «Silva Pinto pôs o livro ao serviço duma tese» — a sua, em função da qual teria organizado *O Livro de Cesário Verde.*

A observação é pertinentíssima e, como se imaginará, deu-nos alento para prosseguir na tarefa que já referimos e que ficou sumariada no estudo já também indicado.

Ora esse escrito, que viemos a reunir em livro [4], pelo que nos dispensamos de o reproduzir aqui, rematava por esta forma:

«Importa concluir. À face do que se apurou, parece legítimo afirmar:

1) Cesário não legou a Silva Pinto um livro; nem mesmo um esboço dele.

2) Silva Pinto concebeu-o e realizou-o com materiais dispersos deixados pelo poeta — publicados em jornais, e alguns autógrafos em mãos amigas — e consoante o seu critério crítico.

[1] **N.º 147.**

[2] Reunido em *Estrada Larga,* 1, Porto, s/ d.

[3] António Salgado Júnior, *ob. cit.,* p. 387.

[4] Joel Serrão, *Cesário Verde — Interpretação, Poesias Dispersas e Cartas,* 2.ª ed., Lisboa, Delfos, 1961, pp. 115-154.

3) Não fica provado que algumas das variantes existentes de *O Livro* sejam ou não sejam de Silva Pinto. Há indícios pró e contra qualquer das hipóteses. Com rigor, não se pode afirmar aí, por ora, coisa alguma. Só há a esperar que ainda apareçam documentos, porventura não perdidos de todo, para esclarecimento definitivo» [1].

Tais conclusões, desde que justificadas, o que se tentou levar a efeito no já referido estudo, implicavam, por seu turno, uma nova tarefa — a reedição de *O Livro de Cesário Verde,* de harmonia com as premissas estabelecidas. E se ela não foi tornada pública então, foi isso devido a intransponíveis dificuldades editoriais surgidas e resultantes da questão dos direitos devidos por lei aos herdeiros do poeta. Vencido, enfim, o embargo, não nos poderíamos furtar a levar por diante tão necessária obra, e assim surgiu este livro, que se apresenta à apreciação do leitor.

Importa prevenir, todavia, que a hipótese de uma *edição crítica,* na sua plena acepção, de *O Livro de Cesário Verde* é e será impossível, e por estas razões: tudo indica que estão inteiramente perdidos o original ou os originais enviados para a tipografia na qual se compôs, pela primeira vez, *O Livro;* terá tido o mesmo destino um exemplar da 1.ª edição, anotado por Silva Pinto, a que Cabral do Nascimento se referiu por este modo: «É voz corrente [...] que há um exemplar da edição *princeps* emendado por Silva Pinto. Ignoramos onde pára.» [2].

Nestas circunstâncias, que nada inculca venham a ser modificadas, é, evidentemente, impossível uma autêntica edição crítica que consistisse, sobretudo, em respeitar, com escrupulosa fidelidade, o original que teria saído das mãos do poeta. Infelizmente, é bem mais complexo o problema com que tivemos de defrontar-nos... Não havendo original ou originais, impõe-se, não obstante, pelas razões que expusemos, e a que voltaremos de novo, uma edição de *O Livro* tanto quanto possível depurada da intervenção de Silva Pinto [3], seu primeiro editor, e que nos propicie o estudo da poesia de Cesário Verde sem alguns entraves ou algumas dificuldades até agora patentes. Quer isto dizer, afinal, que os óbices

[1] Joel Serrão, *ob. cit.,* pp. 145-146.

[2] «Advertência» à 9.ª ed. de *O Livro de Cesário Verde,* Lisboa, Minerva, p. 12.

[3] Isto não significa, como é evidente, menosprezo pela dedicação de Silva Pinto à memória do seu amigo, sem a qual, muito provavelmente, a poesia de Cesário se teria perdido, dispersa como andava por revistas e jornais de pequena tiragem e de diminuta circulação, que em breve se tornaram de rastro muito fugídio. O que se põe em causa não é o facto

a uma edição crítica não podem impedir que ela seja tentada, pois, directa ou indirectamente, nesses óbices residem as razões fundamentais que nos obrigam a tal esforço... Se, portanto, não nos atrevemos a designar, sem mais, como *crítica* a edição que neste livro propomos, importa acentuar, todavia, que esta pretende ser *tão crítica quanto possível,* e de tal modo que, no condicionalismo do problema cesárico, não se entreveja outra solução.

Por tudo isto, há que tentar, neste lugar, a mais rigorosa explicitação dos *fundamentos* em que assenta o nosso esforço e do *critério* seguido, que se pretende decorra necessariamente deles.

II — *Fundamentos da presente edição*

Uma vez posta em causa a plena autenticidade do modo pelo qual Silva Pinto promoveu a edição de *O Livro de Cesário Verde,* torna-se necessário provar o que poderia, afinal, ser tão-só uma hipótese mais ou menos gratuita. Na verdade, que factos ou testemunhos confirmam ou infirmam esta peremptória declaração do editor de *O Livro:* «Aqui tenho, sobre a banca de trabalho, todos os [versos] que entrarão no *Livro de Cesário Verde.* Devo a Jorge Verde — o querido irmão do poeta — a oferta de todos os manuscritos. Entre estes está o *plano* do Livro; — será fielmente executado, nas variantes e nas supressões, em tudo.» [1]?

Antes de prosseguirmos, explicitemos bem o que aí se afirma: 1) Silva Pinto confessa-se na posse de «todos» os versos que entrariam em *O Livro;* 2) «todos os manuscritos», oferecidos por Jorge Verde, não significa que «todos» os versos estivessem nesses manuscritos; 3) o editor afirma que «o *plano* do Livro» «está» entre esses manuscritos, devidos à colaboração do irmão do poeta.

Simplesmente, acontece que esta última afirmação não é confirmada por facto algum do nosso conhecimento. E, em contrapartida, Jorge Verde, esse mesmo que lhe «oferecera todos os manuscritos», a seu tempo veio a declarar isto que não apresenta ambiguidade alguma: «... pela dedicatória com que Silva Pinto *(ao*

---

de Silva Pinto ter publicado, generosamente, os versos do seu amigo, mas o ***modo*** como o terá feito, o critério que terá adoptado nas difíceis circunstâncias em que terá sido posto, ante a morte prematura de Cesário Verde. Jamais nos passou pela cabeça a suposição de que Silva Pinto terá sido menos honesto na organização e na publicação de *O Livro.* Fê-lo o melhor que lhe era possível. Simplesmente, precisamos de buscar entrever, pelo menos parcialmente, de que *modo* é que a obra foi levada por diante.

[1] *A Folha Nova,* Porto, n.° 76, de 25 de Agosto de 1886. Cesário falecera a 19 de Julho desse mesmo ano.

compilar as poesias dispersas de meu irmão, reunindo-as num livro depois da sua morte) tão carinhosamente me distinguiu» [1]; «Maintenant que j'ai terminé la traduction des poésies de mon frère, je la dédie à sa mémoire, aussi bien qu'à celle de son grand ami *Silva Pinto, qui les a réunies dans un livre, les ayant prises dans les journaux où elles étaient dispersées.*» [1]

E agora? Como resolver o carácter contraditório, senão contrário, destes dois tão importantes testemunhos? Quem errou, o amigo dilecto e editor do livro, ou o irmão do poeta, ao rememorar os factos passados havia cerca de 40 anos? [2]

Se o diferendo tem ou virá a ter uma solução que possa ser considerada definitiva, não sabemos. Por isso, importa deixar entre parêntesis o problema, e recuar um pouco no tempo, na tentativa de uma perspectivação documental, porventura esclaredora do que se busca averiguar.

Após o fracasso do livro projectado, *e anunciado para breve,* em 1874 [3], teria Cesário voltado a pensar em reunir em volume as suas poesias que mais estimava? É de crer que sim. Que escritor, e com a consciência do valor do que escrevia como Cesário, entrega deliberadamente a mãos alheias tal cuidado? A principal explicação de ele não ter dado a lume um livro terá residido, afinal, em que Cesário não previu que iria morrer tão novo... Os tuberculosos, ao que parece, morrem, muitas vezes, com a esperança de cura breve a sorrir nos lábios exangues e crestados pela febre. Não esqueçamos que em 16 de Junho de 1886, a pouco mais de um mês do desenlace, o poeta escrevia a Monsaraz: «Curo-me? Sim, talvez. Mas como fico eu? Um cangalho, um canastrão, um grande cesto-roto, entra-me o vento, entra-me a chuva no corpo escangalhado.» [4] Doente, talvez — mas haveria de viver. Sobrava, pois, o tempo.

De resto, vários testemunhos inculcam o facto de que Cesário não tinha pressa de se impor como poeta. Bourbon e Meneses faz-se eco da tradição de que Cesário teria declarado, um dia: «não publicaria senão um livro que pela rigorosa selecção e pelo paciente trabalho da forma pudesse, como *As Flores do Mal,* de

[1] Jorge Verde, *As Minhas Poesias,* Lisboa, 1928, p. 112. Itálicos nossos.

[2] Como é sabido, a velhice não costuma afectar a nitidez das recordações da juventade (lei da regressão, de Ribot). E que Jorge Verde esteve ligado, directamente, à distribuição do livro de seu irmão, em 1887, demonstra-o o facto de ter estado em minhas mãos um exemplar da 1.ª edição, oferecido e dedicado por ele ao Conde de Monsaraz.

[3] Jornal *A República,* de 27 de Dezembro de 1874.

[4] V., neste livro, a carta n.º 10, a Monsaraz.

Baudelaire, impor-se através da aparente descontinuidade das composições». [1] Doutra feita, a pergunta semelhante, teria respondido que «a sua obra valia apenas como um tentar de asas para regiões mais olímpicas e eternas». [2] E na sua própria poesia, ante versos como estes, se ausculta a confirmação dessa atitude:

A crítica segundo o método de Taine
Ignoram-na. *Juntei numa fogueira imensa*
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene. [3]

... sinto só desdém pela literatura,
E até desprezo e esqueço os meus amados versos! [4]

Segundo parece, na Primavera do próprio ano em que Cesário Verde veio a morrer, Silva Pinto, o amigo de todas as horas, ter-lhe-ia falado, com a trágica discrição de quem não ignorava o avizinhamento da morte, do interesse em reunir os versos. Mas Cesário não se entusiasmou com a ideia... [5] O seu destino estava traçado: o seu livro seria póstumo.

Ora, oito dias após a morte de Cesário, depara-se-nos esta prosa de Silva Pinto:

Meu caro Magalhães Lima:

Satisfazendo nobilíssimos desejos de amigos e admiradores de Cesário Verde, registo no teu jornal esta declaração — serei eu o editor do nosso querido poeta.

Procede-se aos trabalhos de composição e impressão do livro. Devo a mim próprio e ao sentimento de fraternal amizade que eu consagrei a Cesário Verde a afirmação seguinte:

Dias antes da morte do poeta eu concebera o projecto da edição e de nenhum modo cederia a outrem a honra e a responsabilidade desse trabalho.

S/C 27-7-86

Teu amigo
Silva Pinto [6]

[1] *Diário de Notícias,* 4 de Outubro de 1929.
[2] A. Moreira, *Jornal de Notícias,* Porto, 13 de Maio de 1955. Não cita as fontes.
[3] «Contrariedades», do período de 1876-77. Itálico nosso.
[4] «Nós», poesia dada a lume em 1884.
[5] A. Moreira, *Jornal de Notícias,* Porto, 13 de Maio de 1955.
[6] *O Século,* 27 de Julho de 1886.

No mesmo dia, envia para o jornal portuense *Folha Nova* a seguinte carta:

Meu caro Emídio d'Oliveira:

Alguns amigos e admiradores de Cesário falam com entusiasmo e amor do belo livro de versos admiráveis que um editor amigo poderia formar coligindo as produções dispersas do nosso querido poeta. Eu serei o editor de Cesário Verde. Assim a honra que eu me concedo pudesse abafar por momentos a dor que me está esmagando.

Deixa-me registar na «Folha Nova» esta minha resolução nascida na hora em que eu adivinhei a aproximação da Morte no pálido rosto do meu amigo.

Adeus, meu caro Emídio. Desejo-te um profundo amor da vida, ou o positivo desprezo dela.

Lisboa, 27 de Julho

Teu
Silva Pinto

Será necessário explicitar o que aí se contém, cristalinamente? Não recebeu qualquer encargo de Cesário para o efeito; ele é que concebera o projecto de coligir «as produções dispersas do nosso querido poeta», as quais se encontrariam já em vias de composição e impressão. Cerca de um mês depois, como já sabemos, ele declarará, implicitamente, que não haviam principiado ainda nem a composição nem a impressão... [1]

Quanto à roda de amigos de Cesário e de Silva Pinto, temos conhecimento dos seguintes testemunhos:

Em Setembro de 1886 (Cesário falecera em Julho), Mariano Pina escrevia na sua revista: «O senhor Silva Pinto promove neste momento *uma edição completa dos versos de Cesário Verde,* ilustrada com o retrato do autor» (itálico nosso) [2]; mais tarde, aquando da publicação de *O Livro de Cesário Verde,* o mesmo jornalista que, pelo menos desde Agosto de 1886, se correspondia com Silva Pinto [3], averbava o seguinte: «Toda a obra de Cesário Verde andava dispersa nas colunas do *Diário da Tarde,* da *Renas-*

[1] V. p. 13 deste livro.
[2] *Ilustração,* Setembro de 1886.
[3] *A Folha Nova,* Porto, 25 de Agosto de 1886.

cença, da *Revista de Coimbra,* do *Diário de Notícias,* da *Tribuna,* da *Ilustração,* etc. *Reunindo-a em volume,* Silva Pinto provou quanto amava o defunto poeta [...]» (Itálico nosso.) [1]

Em Julho de 1887 *(O Livro* fora publicado em Abril desse ano), Henrique Lopes de Mendonça escreve o seguinte: «Não faltaram mãos piedosas que levantassem este monumento: a amizade sincera do Snr. Silva Pinto supriu todos os afectos e todas as admirações que o espírito do poeta inspirara na terra [...]. Conquanto resumida e destinada apenas aos amigos e admiradores *provados* do poeta, como afirma uma nota do livro, a edição perpetua, numa forma elegante e artística, a obra de Cesário Verde, *antes dispersa por jornais e revistas e por isso de difícil consulta e leitura para os vindouros.*» (Este último itálico é nosso.» [2]

Reunidos e sumariados *todos* os documentos de que temos conhecimento, que é lícito e necessário extrair deles?

1) Com excepção do informe do próprio Silva Pinto, de 25 de Agosto de 1886, não se entrevê o mais breve indício de que Cesário tenha organizado ou estivesse a organizar o *seu* livro.

2) Não pode haver dúvida nenhuma, ante as palavras do próprio, que Silva Pinto assumiu a responsabilidade da edição das poesias do seu amigo, ainda em vida do malogrado Cesário, mas sem prévio acordo com este.

3) Todos os testemunhos dos conviventes de Silva Pinto e de Cesário são concordes em declarar que as poesias deste se encontravam dispersas; que elas foram reunidas por Silva Pinto; e que merece louvor tal empresa.

Anote-se, vincando o facto, que em todos esses documentos não há a mais fugidia referência ao facto de a acção do editor não ter consistido apenas em reunir num livro as poesias que se encontravam dispersas por vários jornais, o que concorda em absoluto com a versão, já nossa conhecida, de Jorge Verde. [3] Por outro lado, não sabemos de qualquer esclarecimento de Silva Pinto às reiteradas afirmações públicas de conviventes seus, as quais dificilmente se admitirá lhe tenham passado desapercebidas, assim como em vão se procurará qualquer informe a esse respeito no próprio *O Livro de Cesário Verde.*

[1] *Ilustração,* 20 de Abril de 1887.
[2] *Jornal de Domingo,* Lisboa, 31 de Julho de 1887.
[3] V. p. 13 deste livro.

Portanto, o testemunho de Silva Pinto surge-nos isolado, sem qualquer outra confirmação ou dele mesmo ou de quem quer, lançado numa folha do Porto de pequeníssima circulação. Que significado, pois, é legítimo atribuir-se-lhe, em face do contexto em que se situa?

Analisemo-lo. «Aqui tenho, sobre a banca de trabalho, todos os [versos] que entrarão no *Livro de Cesário Verde.*» Afirmação de facto, como é, nenhuma objecção há a fazer-se-lhe. É como se ele dissesse: já sei, neste momento, o que devo incluir no *Livro.*

Segundo período: «Devo a Jorge Verde — o querido irmão do poeta — a oferta de todos os manuscritos.» Dir-se-ia que em tal asserção falta um adjectivo que determinaria a quota-parte desses «manuscritos» no todo do *Livro.* Que, na verdade, tenha havido manuscritos é forçoso admiti-lo, à face do que se sabe: as poesias *Humilhações* (aliás, dedicada a Silva Pinto, e, portanto, da qual teria, pelo menos, cópia), *Noite Fechada, De tarde, De verão* (dedicada a Eduardo Coelho) e *Provincianas* (poema inacabado) são de publicação póstuma. Como se torna evidente, pelo menos dessas terá havido os respectivos manuscritos — e ou todos eles ou parte deles — os que houve à mão —, Jorge Verde tê-los-ia entregado, naturalmente, a quem organizava a edição. De resto, importa relevar que Silva Pinto deveria ter também manuscritos de Cesário: «A poesia que eu hoje te mando é a minha última maneira.» [1] E como admitir que não fosse assim, dadas as tão íntimas relações pessoais e literárias entre os dois?

Terceiro período: «Entre estes [manuscritos] está o *plano* do Livro; — será fielmente executado, nas variantes e nas supressões, em tudo.» Não alimentamos, hoje, dúvida alguma sobre aquilo que aí está afirmado por Silva Pinto: *«o plano* do Livro» seria um dos tais manuscritos que Jorge Verde lhe passara para as mãos. Perguntamo-nos, todavia, se aquilo que Silva Pinto pretendou afirmar não teria sido que o plano do *Livro* estava já, no momento em que escrevia, pronto, o qual seria fielmente executado, etc. Perguntamos apenas, na dúvida, mas na crença também, de que se não entrevê outro modo de conciliar todos os testemunhos de que temos conhecimento. Admita-se, até, como hipótese, que todos os apontamentos de Cesário Verde, existentes por sua morte, tenham ido parar às mãos do amigo dilecto. Nada o impede, ante o que se conhece. Mas, então, o problema terá de ser equacionado nestes termos: ou Cesário teria legado um livro em vias de publicação, ou o que aconteceu foi que os materiais

[1] V. carta 13, a Silva Pinto.

existentes eram apenas um livro em potência, em gestação, e, portanto, apenas parte daquilo que Cesário viria a fazer, se a morte o não tivesse embargado. No primeiro termo da alternativa, que, aliás, *nenhum testemunho confirma*, como admitir que isso tivesse ocorrido sem que o irmão de Cesário tivesse tido conhecimento do facto? [1] Como admitir que Silva Pinto o não tenha declarado, sem rodeios, quer no próprio *Livro*, quer algures? Quanto ao segundo termo da alternativa, tudo induz à convicção de que ele, e só ele, se coaduna, harmonicamente, com todos os mais testemunhos.

Na verdade, quer pelo trato íntimo com o poeta ao longo dos anos, quer porque teve em seu poder elementos do espólio literário do seu malogrado amigo, ninguém estava mais habilitado do que Silva Pinto para a espinhosa missão que a sua generosidade e a sua admiração pela mensagem literária de Cesário o impeliram a assumir, com intrepidez. Isso é para nós indiscutível. Aquilo, sim, que estamos no direito de inquirir é se Silva Pinto se rodeou dos cuidados críticos indispensáveis a essa tarefa, de modo, precisamente, a não obrigar os leitores de hoje da poesia de Cesário, que ele salvou do possível olvido, a uma reconsideração do modo por que ele levou por diante o seu alto desígnio.

Se assim é, urge inquirir agora: até onde teria levado Silva Pinto a sua intervenção ao erguer, generosamente, para a luz da publicidade e da glória esse livro do amigo prematuramente falecido?

Com certeza, pode afirmar-se o seguinte:

Deu-lhe o título, evidentemente de sua lavra. Com efeito, será necessário explicitar que *O Livro de Cesário Verde* só poderia ter sido da responsabilidade do autor das poesias se, após a sua morte, Cesário pudesse ter colaborado na organização do seu definitivo legado artístico?... Esse *O* do título responsabiliza em absoluto o editor.

Deu-lhe a dedicatória a Jorge Verde e o prefácio soluçante de amor e saudade.

Deu-lhe, muito provavelmente, a divisão em duas partes: «Crise Romanesca» e «Naturais». Como, lucidamente, anotou António Salgado Júnior, tal partição denota um ponto de vista crítico, uma arrumação em vista de uma tese, que Silva Pinto iria defender no seu prometido estudo. Claro: nada impede que

[1] Entre descendentes de Jorge Verde, com quem conversei, nenhuma tradição familiar da existência de tal hipotético livro se mantém.

um poeta seja capaz, acerca dos seus próprios versos, de dada arrumação de teor crítico. Simplesmente, os indícios existentes têm de organizar-se em todos coerentes, e tudo quanto se sabe conduz à crença de que Cesário não considerara chegada a hora do seu livro. Além do mais, mesmo que fosse plausível essa divisão, ela não corresponde, afinal, a dois ciclos, temporalmente definíveis, da evolução da estesia do nosso poeta: por exemplo, foi incluída em «Naturais» a poesia *Flores velhas,* publicada pela primeira vez em fins de 1874 e *anterior,* cronológica e esteticamente, a *Deslumbramentos,* com que «Crise Romanesca» se inicia...

Deu-lhe ainda, em cada uma das secções em que repartiu o livro, a ordenação dos poemas que se lhe afigurou *melhor.* Não admira que assim tivesse ocorrido: obra mais de amor que de crítica, *O Livro* resultou de uma nobilíssima intenção de *salvar* a poesia do «bem-amado», tendo-se Silva Pinto, entretanto, esquecido de si e das responsabilidades de ordem crítica que, desse modo, assumia.

Deu-lhe também a selecção geral das poesias que nele deviam figurar. Com efeito, ele mesmo declarou, nas notas finais à sua edição, que eliminara as poesias *Sátira ao «Diário Ilustrado», Vaidosa, Subindo* [1], *Desastre* e algumas outras composições de menos fôlego. E porquê? Teriam sido, afirma, «condenadas pelo autor e a condenação foi hoje respeitada». Mas quando e como «foram» elas «condenadas pelo autor»? Eis um esclarecimento fundamental que se esqueceu de nos ministrar; torna-se, todavia, evidente que, se essa condenação estivesse contida no tal *plano* de *O Livro* a que com alguma possível ambiguidade se referiu um dia, e se esse *plano* fosse, de facto, da autoria do poeta, *se não justificaria a ressalva de que essa condenação «foi hoje respeitada».* Não estaremos no direito de perguntar a razão por que não a haveria de respeitar?

Conquanto de modo menos categórico, pode sugerir-se como hipótese o seguinte:

Silva Pinto deu aos poemas de Cesário a sua forma definitiva, verosimilmente amputando em *Setentrional* nove quadras de teor mais romântico, fixando as variantes (relativamente às primeiras versões publicadas) e ajeitando «em tudo» o legado espiritual do seu amigo para a viagem da imortalidade. O que se passou com o poema *Setentrional* foi isto: com o título de *Cantos*

[1] Até hoje, ninguém anunciou vestígios verificáveis desta poesia.

da Tristeza, Cesário dera a lume a poesia no *Diário da Tarde*, Porto, 14 de Fevereiro de 1874. Ora, nesse mesmo jornal, no dia 20 do mês de Março do mesmo ano, logo Silva Pinto, num artigo acerca da poesia do seu amigo, vai ilustrá-la com umas tantas quadras extractadas de *Cantos da Tristeza*. E quais foram as que escolheu em tal ensejo? Pois bem: as que então escolheu são precisamente *todas as que*, treze anos depois, aparecerão em *O Livro* sob o título *Setentrional*. Mais: entre as duas versões não lográmos encontrar senão variantes de pequena importância, a não ser o título da poesia que, como se disse já, aparece transmudado. Que se passou entretanto, capaz de explicar facto tão anómalo, não o sabemos, e não valerá a pena ensaiar hipóteses mais ou menos gratuitas por carência de qualquer fundamentação. Que as coisas se passaram assim, atestamo-lo, e convidamos o leitor a que o verifique na fonte bibliográfica indicada.

O problema das variantes introduzidas na edição organizada por Silva Pinto é, de todos quantos tivemos de enfrentar, o mais delicado, por falta de elementos. Em rigor, nada sabemos acerca do que aí tenha ocorrido. Na sua grande maioria, senão na totalidade, as emendas introduzidas *melhoram* o texto. E é de inquirir se o editor teria talento poético para isso. No nosso estudo, cujas conclusões transcrevemos anteriormente, inclinávamo-nos para uma prudente dúvida: «Há indícios pró e contra...»

Só agora, ao voltarmos de novo ao problema, a nossa atenção incidiu sobre o facto que passamos a referir.

Na poesia *O Sentimento dum Ocidental*, quer na sua primeira versão, quer na edição de Silva Pinto, depara-se-nos a seguinte quadra:

> E evoco, então, as crónicas navais
> Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
> Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
> Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

Pois bem: na 2.ª edição de *O Livro* (1901), que, como vimos já, contém a indicação de se tratar de uma «reimpressão textual da primeira edição», o terceiro verso surge modificado:

> Luta Camões no mar, salvando um livro a nado!

De três hipóteses, uma corresponderá à verdade: ou essa variante existiria no «original», e, não tendo sido respeitada na composição de *O Livro*, foi introduzida na 2.ª edição deste; ou se

trata de gralha desta edição, levada a efeito ainda em vida de Silva Pinto; ou, muito simplesmente, a variante seria da lavra do editor. A hipótese de gralha na 1.ª edição de *O Livro* não é plausível, pois que confirma a primeira versão publicada, antes de *O Livro*. Ficam, pois, em campo, as hipóteses: essa emenda estaria num «original»; ela foi introduzida por Silva Pinto. A verdade, porém, é que a intervenção do editor em *um* caso, a ser comprovada, por maiores e mais legítimas que sejam as suspeitas que ela permita, não demonstra de modo incontrovertível a sua actuação *noutros* casos.

Nestas circunstâncias, ou seja na hipótese de a maior parte das variantes introduzidas em *O Livro* serem da responsabilidade de Cesário, dir-se-ia que Silva Pinto teve entre mãos os originais do poeta, trabalhados por este, e estaria, pois, comprovada a existência do tal livro legado pelo poeta... Ao fim e ao cabo, será isto?

Há que atender-se, em primeiro lugar, ao seguinte:

As variantes mais importantes e frequentes ocorrem em poemas datados de 1874. Ora aconteceu que, nesse mesmo ano, Cesário anunciou *para breve* [1] a publicação de um livro seu que, como é sabido, não chegou a sair do prelo ou, porventura, a nele entrar. Parece, pois, legítima a hipótese de que o trabalho levado a efeito pelo poeta para esse fim imediato — revisão, correcção e aperfeiçoamento dos versos — se não perdeu e foi parar às mãos de Silva Pinto, que o teria aproveitado na sua edição.

Na poesia *Flores velhas*, tal como foi publicada em *O Livro*, verifica-se um facto que, na opinião de Luís Amaro de Oliveira, constituiria a prova de que o editor mais não teria feito que proceder à publicação de um original que lhe fora legado. Ei-lo: foi-lhe amputada a quadra:

> E cheio das visões em que a alma se dilata,
> Julguei-me no teu peito, ó coração que dormes!
> E foram embalar-me as águas da cascata
> De búzios naturais e conchas multiformes.

e acrescentada outra:

> E não virás, chorosa, aos rústicos tapetes,
> Com lágrimas regar as plantações ruins;
> E esperarão por ti, naqueles alegretes,
> As dálias a chorar nos braços dos jasmins!

[1] Jornal *A República* de 27 de Dezembro de 1874.

Com efeito, repugna-nos em absoluto crer que Silva Pinto tenha levado a sua intervenção em *O Livro* a ponto de introduzir aí uma quadra sua. A explicação desse facto residirá, muito simplesmente, no seguinte: essa poesia, com o título primitivo de *Melodias vulgares,* foi publicada em Julho desse ano de 1874 e, naturalmente, faria parte do livro que Cesário projectou dar a lume, para o que a teria afeiçoado.

Na hipótese (nem verificada, nem infirmada) *de Silva Pinto não ter introduzido pelo menos algumas variantes de sua lavra nos versos do amigo,* as ocorridas em poemas de data posterior, tais como *A débil, Cristalizações, Frígida,* teriam sido efectuadas a partir de autógrafos trabalhados pelo poeta, os quais teriam chegado também às mãos do organizador.

Na verdade, é muitíssimo plausível que Silva Pinto tenha trabalhado com *alguns* manuscritos, *os que existiam* quando Cesário faleceu, esses «todos os manuscritos» que Jorge Verde lhe entregara. Quais eram eles, porém? Eis aí uma pergunta à qual, em face dos elementos hoje conhecidos, não se pode responder.

III — *Critério seguido nesta edição*

Importa agora, em função das conclusões e das interrogações a que se chegou, explicar com toda a clareza possível o critério que nos guiou na organização desta *Obra Completa* de Cesário Verde, dividida em três secções, a saber: 1.ª «Poesias publicadas em *O Livro de Cesário Verde*»; 2.ª «Poesias não incluídas em *O Livro de Cesário Verde*»; 3.ª «Cartas».

A reunião em um único livro de tudo quanto Cesário produziu como escritor [1] reveste-se de vantagens que será truísmo encarecer. A maior de todas, quanto a nós, será a de abrir novo caminho à interpretação do nosso grande poeta. Com efeito, tudo quanto aí se reuniu passa a constituir um conjunto do qual não é separável elemento algum. Se *O Livro* encerra as poesias mais significativas e mais originais de Cesário, aquelas que se publicam em segundo lugar fornecem também elementos indispensáveis para a compreensão da génese dessa mundividência poética. Quanto às «Cartas», elas põem ao alcance do leitor elementos não só de natureza biográfica, mas também de feição psicológica

[1] A ressalva justifica-se, pois, há alguns anos, ainda existia um duplicador, que esteve em nossas mãos, da correspondência comercial redigida por Cesário, o qual seria do maior interesse viesse a ser conservado na Biblioteca Nacional.

e cultural, a que se terá de atender um dia, quando chegar a hora do estudo amplo, completo, documentado, que a sua obra há-de, enfim, suscitar.

Poderá perguntar-se, e com alguma razão aparente: porquê essa ordem: *O Livro,* «Poesias não incluídas em *O Livro*» e «Cartas», e não, por exemplo, esta: «Primeiros versos», *O Livro* e «Cartas»?

É que, se o maior número de poesias reunidas na segunda parte deste livro pertencem, com efeito, às primícias do poeta, outras aí se incluíram também que, contemporâneas de *O Livro,* foram excluídas deste, e com razão, pelo seu primeiro editor, critério que se manteve.

Em boa verdade, afigurou-se-nos que, além do consagrado primeiro título — *O Livro de Cesário Verde* —, seria de manter também a selecção de poemas levada a efeito por Silva Pinto. Essa colectânea de poesias ocupa lugar primacial na obra de Cesário, e só em função dela é que o mais se justifica e admite.

Porém, se se respeitou o critério selectivo de Silva Pinto, não o tivemos em conta ao proceder à ordenação das poesias que constituem *O Livro de Cesário Verde.* Como se compreende, por tudo quanto até aqui aduzimos, um único critério nos seria permitido — o cronológico. Qualquer outro que viéssemos a tentar conduzir-nos-ia, fatalmente, à interferência de factores subjectivos de apreciação, precisamente o que se deseja eliminar. Nos casos de algumas raras poesias que tudo indica serem de publicação póstuma, ignoramos em absoluto, todavia, as datas em que foram redigidas. Ora, se, em referência a tais poemas, fomos compelidos a utilizar, na sua seriação, o critério temático, utilizámo-lo tendo em vista chegar também, por aí, a uma datação, conquanto hipotética.

As poesias foram divididas em quatro ciclos, a saber: 1873-74; 1875-76; 1877-80; 1881-86. Em cada um deles, utilizando as datas de feitura ou de publicação, quando existam, ou lançando mão de critério temático, se situaram as poesias que asseguradamente lhe pertencem ou se conjectura pertencerem-lhe, quando não existam elementos de referenciação objectiva. O primeiro ciclo, no qual se inclui também a maior parte das poesias não insertas em *O Livro,* é um breve período de tenteios e de facúndia poética, ao qual se segue uma fase de amadurecimento e de maior contensão, para, a partir de 1877, com *Num bairro moderno,* Cesário encontrar a sua voz própria e inconfundível, que alcança o seu momento mais alto em *O Sentimento dum Ocidental.* Depois,

quase abruptamente, a fase final, interrompida pelo falecimento prematuro [1].

As poesias cujas datas quer de redacção, quer de eventual publicação se ignoram são: *Humilhações, Noite fechada, De tarde, De verão,* todas póstumas. Em notas de fim de página, referentes a cada uma delas, expusemos os indícios e as razões que nos levaram a situá-las onde se encontram, nesta edição.

Para mais fácil cotejo das duas edições de *O Livro de Cesário Verde* — a de Silva Pinto e esta —, recorra-se ao quadro esquemático seguinte, em que tudo quanto se fez fica sumariado com suficiente clareza.

Títulos das poesias e sua ordem nesta ed. *N. B.* — Entre parêntesis e em itálico, quando o tenha havido, indica-se o primitivo título da poesia	Local e data da 1.ª publicação	Local e data de feitura	Edição de Silva Pinto
I *Setentrional (Cantos da Tristeza)*	*Diário da Tarde* 14-2-74	Lisboa	Com o título de *Setentrional*, amputada de 9 quadras de teor mais romântico, e em 2.º lugar
II *Responso (Fantasias do impossível-Caprichos)*	*Diário de Notícias* 22-3-74	Lisboa	Com o título de *Responso*, e em 6.º lugar
III *Meridional (Flores venenosas — I, Cabelos)*	*Tribuna*, 1874, republicada em *A Harpa*, 18 — 1.ª Série, 11-1874	Lisboa, 4-74	Incluída com o título de *Meridional*, e em 3.º lugar
IV *Flores velhas (Melodias vulgares)*	*Jornal da Tarde* 4-12-74	—	Incluída com o título de *Flores velhas*, amputada de uma quadra e acrescentada de uma outra, a final, e em 13.º lugar
V *Ironias do desgosto*	*Tribuna*, Setembro de 1875	Lisboa, 1874	Incluída com o mesmo título, e em 4.º lugar
VI *Deslumbramentos*	*Mosaico*, Coimbra 2-75	—	Incluída com o mesmo título, e em 1.º lugar

[1] Para mais adequada caracterização dos quatros ciclos, ver o nosso livro já citado, pp. 68-113.

Títulos das poesias e sua ordem nesta ed. *N. B.* — Entre parêntesis e em itálico, quando o tenha havido, indica-se o primitivo título da poesia	Local e data da 1.ª publicação	Local e data de feitura	Edição de Silva Pinto
VII *Frígida (Humorismos do amor)*	*Tribuna*, 1875	Lisboa, 1875	Incluída com o título de *Frígida*, e em 16.º lugar
VIII *A débil*	*Evolução*, Coimbra 11-76	Lisboa, 1875 sendo o primitivo título *Na cidade*	Incluída com o mesmo título, e em 8.º lugar
IX *Humilhações*	Póstuma	—	Incluída, e em 5.º lugar
X *Contrariedades (Nevroses)*, dedicada a Coelho de Carvalho	*O Porto*, 18-3-76	—	Incluída com o título *Contrariedades*, e em 7.º lugar
XI *Num bairro moderno*	Brinde aos assinantes do *Diário de Notícias*, 1877, logo, publicada em 1878	Lisboa, Verão de 1877	Incluída com o mesmo título, e em 9.º lugar
XII *Noites gélidas — Merina (Merina)*	*Ocidente*, 1-5-78	—	Incluída com o título *Noites gélidas — Merina*, e em 11.º lugar
XIII *Sardenta*	*Renascença*, Porto, 1878 — p. 41	—	Incluída com o mesmo título, e em 12.º lugar
XIV *Manhãs brumosas* (versos de um inglês)	*Renascença*, Porto, 1879 — p. 155	Foz do Tejo 1877	Incluída com o título *Manhãs brumosas*, e em 15.º lugar
XV *Noite fechada*	Póstuma	—	Incluída, e em 14.º lugar
XVI *Em petiz* 1) De tarde 2) Irmãozinhos 3) Histórias	*Diário de Notícias* 29-9-79	Linda-a-Pastora, 1878	Incluída com o mesmo título, e em 20.º lugar
XVII *Cristalizações*	*Revista de Coimbra*, n.º 1, 1879, republicada em *Correspondência de Coimbra*, 17-6-79	Lisboa, *Inverno de* 1878	Incluída com o mesmo título, e em 10.º lugar

27.MAR 1335-J

Títulos das poesias e sua ordem nesta ed. *N. B.* — Entre parêntesis e em itálico, quando o tenha havido, indica-se o primitivo título da poesia	Local e data da 1.ª publicação	Local e data de feitura	Edição de Silva Pinto
XVIII *O Sentimento dum Ocidental*	*Portugal a Camões*, publicação extraordinária do *Jornal de Viagens*, Porto, 10 de Junho de 1880	—	Incluída com o mesmo título; tem a mais a dedicatória e os títulos *Ave-Marias*, *Noite fechada*, *Ao gás*, *Horas mortas* dos poemetos que o constituem, e em 18.º lugar
XIX *De Tarde*	Póstuma	—	Incluída, e em 19.º lugar
XX *De verão*	Póstuma	—	Incluída, e em 17.º lugar
XXI *Nós*	*Ilustração*, 5-9-84, rev. univ. imp. em Paris	Lisboa	Incluída com o mesmo título, e em 21.º lugar
XXII *Provincianas*	Póstuma	—	Incluída, e em 22.º lugar

N. B. — Eliminaram-se nesta edição a dedicatória, o prefácio, os subtítulos «Crise Romanesca» e «Naturais», e notas finais — tudo da autoria de Silva Pinto —, como se deparava na 1.ª edição.

No que respeita à delicadíssima questão das variantes, seguiu-se o critério de fixar o texto que neste livro se publica, fundamentalmente, a partir da edição de Silva Pinto. Sempre que tal não aconteça e se tenha preferido, particularmente na pontuação, a primeira versão, isso é mencionado em notas de fim de página. Quanto às variantes entre a primeira publicação e a 1.ª edição em livro, são elas sempre referidas em notas também de fim de página. Na verdade, tendo em vista o condicionalismo que anteriormente se apresentou, não se entrevê outra via para dirimir esta questão, que, supomos, dificilmente poderá vir a ser esclarecida de modo definitivo. É um problema que se mantém em aberto até ao eventualíssimo aparecimento de novas luzes.

Quanto à segunda parte da *Obra Completa* de Cesário Verde, importa tão-só pôr a claro que as poesias que publicamos foram transcritas tão fielmente quanto possível das fontes utilizadas e referidas *in loco*. Dispusemo-las pela ordem cronológica da sua primeira edição.

Universidade de Brasília
BIBLIOTECA

As cartas, agrupámo-las por secções, consoante os destinatários, e, em cada uma destas, por ordem cronológica.[1] Pareceu-nos que as notas de esclarecimento com que as acompanhamos facilitariam a compreensão do mundo de pessoas, de valores e de problemas no qual se processou a curta trajectória do grande poeta. Será assim? Ao leitor cumpre, aí, pronunciar-se.[2]

E agora, e não sem tempo, tem a palavra Cesário, um Cesário que desejamos nos surja tal-qual teria sido, pois que depurado de intervenções, sem dúvida bem intencionadas, e até necessárias, mas de duvidosa fundamentação crítica. E têm a palavra, outrossim, os atentos leitores de poesia e os críticos que desejem penetrar no sortilégio do legado de Cesário, aos quais se ofereceu, com lealdade, quer as certezas a que chegámos, quer as dúvidas que persistem e nos enleiam.[3]

Uma coisa é certa, se não nos equivocamos de todo: com a publicação deste livro dá-se um passo em frente no conhecimento da poesia de Cesário[4].

... Voltai a página! E eis que se ouvem já, em surdina, os trilos da flauta mágica duma poesia que é das mais originais, mais límpidas e mais belas de toda a nossa literatura.

[1] Fiados, claro está, nas datas indicadas pelos que as deram a lume! Com excepção das cartas a João de Sousa Araújo, cujos manuscritos copiámos pessoalmente, e da carta n.º 1, a António de Macedo Papança, cujo original nos foi oferecido por Alberto de Monsaraz, de todas as restantes por onde param os respectivos manuscritos? Há, portanto, em aberto um problema de ordem crítica acerca das cartas de Cesário Verde. Esperemos que alguém possa prosseguir a tarefa que iniciámos.

[2] Elas são, na verdade, de difícil anotação, sobretudo no que respeita a algumas personagens referidas que deixaram pequeníssimos sulcos na memória da nossa cultura. Devido à erudição de Pedro da Silveira, foi possível preencher certas lacunas de informação com que elas foram publicadas na 1.ª edição desta suma cesárica.

[3] Não deixa de ser de algum consolo que todos quantos tiveram a gentileza de argumentar connosco acerca dos problemas levantados tivessem partido de factos que nós próprios havíamos ou revelado ou utilizado. Na verdade, no intervalo já longo que medeia entre a 1.ª edição e esta de agora, não tivemos conhecimento de qualquer novo elemento que obrigasse a um reequacionamento dos difíceis problemas enfrentados. Os novos elementos que, entretanto, encontrámos — o testemunho de H. Lopes de Mendonça e a publicação, em 1874, por Silva Pinto, da verão «definitiva» do poema *Setentrional (Cantos da Tristeza)* — somente vieram reforçar a validade da solução que se buscou e se busca.

[4] Não se estranhará, esperamo-lo bem, que não exponhamos neste lugar a nossa interpretação de tal poesia. Fazê-lo seria de algum modo admitir que detínhamos, aí, contestáveis direitos de prioridade. Uma vez publicado este livro, *que pertence a todos nós*, tão-somente nos poderemos candidatar, como qualquer outro, à análise da mundividência poética de Cesário.

I

Poesias publicadas em

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

A fonte utilizada é a primeira edição de *O Livro de Cesário Verde,* 1887. Sempre que nos afastamos dessa versão, isso é registado e justificado em nota de fim de página.

Depois de cada poesia, indicam-se, em corpo itálico, o local e a data de feitura, sempre que o poeta os registou na primeira publicação.

Na linha seguinte, em corpo redondo, mencionam-se o nome da publicação e a respectiva data em que, pela primeira vez, foi dada a lume.

Actualizou-se a ortografia.

Pertencem também ao ciclo de 1873-74 as poesias: *A forca, Num tripúdio de corte rigoroso, Ó áridas Messalinas, Eu e ela, Lúbrica..., Ele, Impossível!, L á g r i m a s, Proh-pudor!, Manias, Heroísmos, Cantos da Tristeza* (inclui *Setentrional), Cinismos, Esplêndida, Arrojos, Vaidosa* e *Cadências Tristes,* publicadas, nesta edição, sob a rubrica geral de «Poesias não incluídas em *O Livro de Cesário Verde*».

SETENTRIONAL [1]

Talvez já te esquecesses, ó bonina,
Que viveste no campo só comigo,
Que te osculei a boca purpurina,
E que fui o teu sol e o teu abrigo.

Que fugiste comigo da Babel,
Mulher como não há nem na Circássia,
Que bebemos, nós dois, do mesmo fel,
E regámos com prantos uma acácia.

Talvez já te não lembres com desgosto
Daquelas brancas noites de mistério,
Em que a lua sorria no teu rosto
E nas lajes que estão no cemitério. [2]

Quando, à brisa outoniça, como um manto,
Os teus cabelos de âmbar, desmanchados,
Se prendiam nas folhas dum acanto,
Ou nos bicos agrestes dos silvados,

[1] Título primitivo da poesia, *Cantos da Tristeza*, com mais 9 quadras que lhe foram amputadas em *O Livro de Cesário Verde*. V. a poesia completa, na sua primeira versão, na 2.ª parte deste livro.

Na primitiva publicação:

[2] *E nas lajes campais do cemitério.*

E eu ia desprendê-los, como um pajem
Que a cauda solevasse aos teus vestidos;
E ouvia murmurar à doce aragem
Uns delírios de amor, entristecidos;

Quando eu via, invejoso, mas sem queixas,
Pousarem borboletas doudejantes
Nas tuas formosíssimas madeixas,
Daquela cor das messes lourejantes,

E no pomar, nós dois, ombro com ombro,
Caminhávamos sós e de mãos dadas,
Beijando os nossos rostos sem assombro,
E colorindo as faces desbotadas; [1]

Quando ao nascer da aurora, unidos ambos
Num amor grande como um mar sem praias,
Ouvíamos os meios ditirambos,
Que os rouxinóis teciam nas olaias,

E, afastados da aldeia e dos casais,
Eu contigo, abraçado como as heras,
Escondidos nas ondas dos trigais,
Devolvia-te os beijos que me deras;

Quando, se havia lama no caminho,
Eu te levava ao colo sobre a greda,
E o teu corpo nevado como arminho
Pesava menos que um papel de seda ... [2]

Na primitiva publicação:
[1] *E colorindo as faces desbotoadas.*
[2] *Pesava menos que um papel de seda.*

E foste sepultar-te, ó serafim,
No claustro das Fiéis emparedadas,
Escondeste o teu rosto de marfim
No véu negro das freiras resignadas.

E eu passo, tão calado como a Morte,
Nesta velha cidade tão sombria,
Chorando aflitamente a minha sorte
E prelibando o cálix da agonia.

E, tristíssima Helena, com verdade,
Se pudera na terra achar suplícios,
Eu também me faria gordo frade
E cobriria a carne de cilícios.

Porto, *Diário da Tarde*, 14 de Fevereiro de 1874

RESPONSO [1]

I

Num castelo deserto e solitário,
Toda de preto, às horas silenciosas,
Envolve-se nas pregas dum sudário
E chora como as grandes criminosas.

Pudesse eu ser o lenço de Bruxelas
Em que ela esconde as lágrimas singelas.

II

É loura como as doces escocesas,
Duma beleza ideal, quase indecisa; [2]
Circunda-se de luto e de tristezas
E excede a melancólica Artemisa.

Fosse eu os seus vestidos afogados
E havia de escutar-lhe os seus pecados.

III

Alta noite, os planetas argentados [3]
Deslizam um olhar macio e vago
Nos seus olhos de pranto marejados
E nas águas mansíssimas do lago.

Pudesse eu ser a Lua, a Lua terna,
E faria que a noite fosse eterna. [4]

[1] Título primitivo da poesia: *Fantasias do impossível — Caprichos*
Na primitiva publicação:
[2] *Duma beleza ideal quase indecisa;*
[3] *Alta noute, os planetas argentados*
[4] *E faria que a noute fosse eterna.*

IV

E os abutres e os corvos fazem giros
De roda das ameias e dos pegos,
E nas salas ressoam uns suspiros
Dolentes como as súplicas dos cegos.

Fosse eu aquelas aves de pilhagem
E cercara-lhe a fronte, em homenagem.

V

E ela vaga nas praias rumorosas,
Triste como as rainhas destronadas,
A contemplar as gôndolas airosas,
Que passam, *a giorno* iluminadas.

Pudesse eu ser o rude gondoleiro
E ali é que fizera o meu cruzeiro.

VI

De dia, entre os veludos e entre as sedas, [1]
Murmurando palavras aflitivas,
Vagueia nas umbrosas alamedas
E acarinha, de leve, as sensitivas.

Fosse eu aquelas árvores frondosas,
E prendera-lhe as roupas vaporosas.

Na primitiva publicação:
[1] *De dia, entre os veludos e **as sedas,***

VII

Ou domina, a rezar, no pavimento
Da capela onde outrora se ouviu missa,
A música dulcíssima do vento
E o sussurro do mar, que se espreguiça. [1]

Pudesse eu ser o mar e os meus desejos
Eram ir borrifar-lhe os pés, com beijos. [2]

VIII

E às horas do crepúsculo saudosas,
Nos parques com tapetes cultivados,
Quando ela passa curvam-se amorosas
As estátuas dos seus antepassados.

Fosse eu também granito e a minha vida
Era vê-la a chorar arrependida.

IX

No palácio isolado como um monge,
Erram as velhas almas dos precitos,
E nas noites de inverno ouvem-se ao longe
Os lamentos dos náufragos aflitos.

Pudesse eu ter também uma procela
E as lentas agonias ao pé dela!

Na primitiva publicação:
1 *E o sussuro do mar que s'espreguiça.*
2 *Eram ir borrifar-lhe os pés com beijos.*

X

E às lajes, no silêncio dos mosteiros,
Ela conta o seu drama negregado,
E o vasto carmesim dos reposteiros
Ondula como um mar ensanguentado.

Fossem aquelas mil tapeçarias
Nossas mortalhas quentes e sombrias.

XI

E assim passa, chorando, as noites belas,
Sonhando uns tristes sonhos doloridos,
E a reflectir nas góticas janelas
As estrelas dos céus desconhecidos.

Pudesse eu ir sonhar também contigo
E ter as mesmas pedras no jazigo!
... ...

XII

Mergulha-se em angústias lacrimosas
Nos ermos dum castelo abandonado,
E as próximas florestas tenebrosas
Repercutem um choro amargurado.

Uníssemos, nós dois, as nossas covas,
Ó doce castelã das minhas trovas!

Lisboa
Lisboa, *Diário de Notícias*, 22 de Março de 1874

CABELOS

Ó vagas de cabelo esparsas longamente,
Que sois o vasto espelho onde eu me vou mirar,
E tendes o cristal dum lago refulgente
E a rude escuridão dum largo e negro mar;

Cabelos torrenciais daquela que me enleva,
Deixai-me mergulhar as mãos e os braços nus
No báratro febril da vossa grande treva,
Que tem cintilações e meigos céus de luz.

Deixai-me navegar, morosamente, a remos,
Quando ele estiver brando e livre de tufões,
E, ao plácido luar, ó vagas, marulhemos
E enchamos de harmonia as amplas solidões.

Deixai-me naufragar no cimo dos cachopos [2]
Ocultos nesse abismo ebânico e tão bom [3]
Como um licor renano a fermentar nos copos,
Abismo que se espraia em rendas de Alençon! [4]

E, ó mágica mulher, ó minha Inigualável, [5]
Que tens o imenso bem de ter cabelos tais,
E os pisas desdenhosa, altiva, imperturbável,
Entre o rumor banal dos hinos triunfais;

[1] Título primitivo da poesia: *Flores venenosas — I*, **Cabelos.**
Na primitiva publicação:
[2] *Deixai-me naufragar no dorso dos cachopos*
[3] *Ocultos nesse abismo escuro, etéreo e bom,*
[4] *Ou como um pé subtil calçado à Benoiton!*
[5] *Ó pálida mulher, formosa incomparável,*
Na edição de Silva Pinto:
E ó mágica mulher, ó minha Inigualável,
Introduziu-se, pois, a vírgula.

Consente que eu aspire esse perfume raro,
Que exalas da cabeça erguida com fulgor,
Perfume que estonteia um milionário avaro
E faz morrer de febre um louco sonhador.

Eu sei que tu possuis balsâmicos desejos, [1]
E vais na direcção constante do querer, [2]
Mas ouço, ao ver-te andar, melódicos harpejos,
Que fazem mansamente amar e elanguescer.

E a tua cabeleira, errante pelas costas, [3]
Suponho que te serve, em noites de verão,
De flácido espaldar aonde te recostas
Se sentes o abandono e a morna prostração.

E ela há-de, ela há-de, um dia, em turbilhões insanos
Nos rolos envolver-me e armar-me do vigor [4]
Que antigamente deu, nos circos dos Romanos,
Um óleo para ungir o corpo ao gladiador.

... ...
... ...

Na primitiva publicação:
1 *Eu sei que não possuis balsâmicos desejos,*
2 *Que és fria e não trilhaste a senda do prazer,*
3 *E a tua cabeleira, em ondas, pelas costas,*
4 *Nos rolos envolver-me e encher-me de vigor*

Ó mantos de veludo esplêndido e sombrio,
Na vossa vastidão posso talvez morrer! [1]
Mas vinde-me aquecer, que eu tenho muito frio
E quero asfixiar-me em ondas de prazer.

Lisboa, Abril de 1874
Tribuna, 1874, e republicada em *A Harpa*, n.º 18, 1.ª série, Novembro de 1874

FLORES VELHAS [2]

Fui ontem visitar o jardinzinho agreste,
Aonde tanta vez a lua nos beijou,
E em tudo vi sorrir o amor que tu me deste, [3]
Soberba como um sol, serena como um voo.

Em tudo cintilava o límpido poema
Com ósculos rimado às luzes dos planetas;
A abelha inda zumbia em torno da alfazema;
E ondulava o matiz das leves borboletas. [4]

Na primitiva publicação:
[1] *Na vossa vastidão eu vou talvez morrer!*
[2] Título primitivo da poesia: *Melodias vulgares*
[3] *E em tudo eu vi sorrir o amor que tu me deste,*
[4] *E via-se o matiz das leves borboletas*

Em tudo eu pude ver ainda a tua imagem,
A imagem que inspirava os castos madrigais;
E as virações, o rio, os astros, a paisagem,
Traziam-me à memória idílios imortais.

Diziam-me que tu, no flórido passado, [1]
Detinhas sobre mim, ao pé daquelas rosas,
Aquele teu olhar moroso e delicado,
Que fala de languor e de emoções mimosas;

E, ó pálida Clarisse, ó alma ardente e pura,
Que não me desgostou nem uma vez sequer,
Eu não sabia haurir do cálix da ventura
O néctar que nos vem dos mimos da mulher. [2]

Falou-me tudo, tudo, em tons comovedores,
Do nosso amor, que uniu as almas de dois entes;
As falas quase irmãs do vento com as flores [3]
E a mole exalação das várzeas rescendentes. [4]

Inda pensei ouvir aquelas coisas mansas
No ninho de afeições criado para ti,
Por entre o riso claro, e as vozes das crianças,
E as nuvens que esbocei, e os sonhos que nutri.

[1] Na edição de Silva Pinto: *florido*, em vez de ***flórido***. A emenda deve-se a Cabral do Nascimento, e é pertinente.
Na primitiva publicação:
[2] *O néctar que nos vem nos mimos da mulher!*
[3] *As falas quase irmãs das auras com as flores*
[4] *E a mole exalação dos campos rescendentes.*

Lembrei-me muito, muito, ó símbolo das santas,
Do tempo em que eu soltava as notas inspiradas.
E sob aquele céu e sobre aquelas plantas
Bebemos o elixir das tardes perfumadas.

E nosso bom romance escrito num desterro, [1]
Com beijos sem ruído em noites sem luar, [2]
Fizeram-mo reler, mais tristes que um enterro,
Os goivos, a baunilha e as rosas-de-toucar.

Mas tu agora nunca, ah! nunca mais te sentas [3]
Nos bancos de tijolo em musgo atapetados,
E eu não te beijarei, às horas sonolentas,
Os dedos de marfim, polidos e delgados...

Eu, por não ter sabido amar os movimentos [4]
Da estrofe mais ideal das harmonias mudas,
Eu sinto as decepções e os grandes desalentos
E tenho um riso mau como o sorrir de Judas.

E tudo enfim passou, passou como uma pena
Que o mar leva no dorso exposto aos vendavais, [5]
E aquela doce vida, aquela vida amena,
Ah! nunca mais virá, meu lírio, nunca mais! [6]

Na primitiva publicação:

[1] Assim, quer na primitiva publicação, quer em *O Livro*. **Emendar** «E nosso bom romance» para «É o nosso bom romance», que **apetece**, é coisa a que não nos atrevemos.

[2] *Beijos sem ruído, em noites sem luar*

[3] *Mas tu agora nunca, ai, nunca mais te sentas*

[4] *Eu por não ter sabido amar os movimentos*

[5] *Que o mar leve no dorso exposto aos vendavais,*

[6] *Ai, nunca mais virá, Clarisse, nunca mais!*

Ó minha boa amiga, ó minha meiga amante!
Quando ontem eu pisei, bem magro e bem curvado,
A areia em que rangia a saia roçagante, [1]
Que foi na minha vida o céu aurirrosado, [2]

Eu tinha tão impresso o cunho da saudade,
Que as ondas que formei das suas ilusões
Fizeram-me enganar na minha soledade [3]
E as asas ir abrindo às minhas impressões.

Soltei com devoção lembranças inda escravas,
No espaço construí fantásticos castelos,
No tanque debrucei-me em que te debruçavas,
E onde o luar parava os raios amarelos.

Cuidei até sentir, mais doce que uma prece,
Suster a minha fé, num véu consolador,
O teu divino olhar que as pedras amolece,
E há muito me prendeu nos cárceres do amor. [4]

Os teus pequenos pés, aqueles pés suaves,
Juguei-os esconder por entre as minhas mãos,
E imaginei ouvir ao conversar das aves [5]
As célicas canções dos anjos teus irmãos.

Na primitiva publicação:

[1] *A areia em que rugiu a saia roçagante*

[2] *Que foi na minha vida ó céu aurirrosado;*

[3] *Fizeram-me cismar na minha soledade*

[4] Após esta quadra, existiam, na primeira versão, os seguintes versos suprimidos na edição de Silva Pinto:

E cheio das visões em que a alma se dilata,
Julguei-me no teu peito, ó coração que dormes!
E foram embalar-me as águas da cascata
De búzios naturais e conchas multiformes.

[5] *E imaginei ouvir no conversar das aves,*

E como na minha alma a luz era uma aurora,
A aragem ao passar parece que me trouxe
O som da tua voz, metálica, sonora, [1]
E o teu perfume forte, o teu perfume doce.

Agonizava o Sol gostosa e lentamente,
Um sino que tangia, austero e com vagar,
Vestia de tristeza esta paixão veemente,
Esta doença, enfim, que a morte há-de curar.

E quando me envolveu a noite, noite fria, [2]
Eu trouxe do jardim duas saudades roxas,
E vim a meditar em quem me cerraria,
Depois de eu morrer, as pálpebras já frouxas.

Pois que, minha adorada, eu peço que não creias [3]
Que eu amo esta existência e não lhe queira um fim; [4]
Há tempos que não sinto o sangue pelas veias
E a campa talvez seja afável para mim.

Portanto, eu, que não cedo às atracções do gozo, [5]
Sem custo hei-de deixar as mágoas deste mundo,
E, ó pálida mulher, de longo olhar piedoso, [6]
Em breve te olharei calado e moribundo.

Na primitiva publicação:
1 *O som da tua voz metálica, sonora*
2 *E quando me envolveu a noute, noute fria,*
3 *Porém minha Clarisse, eu peço que não creias*
4 *Que eu ame esta existência e não lhe queira um fim;*
5 *Portanto eu que não cedo às atracções do gozo*
6 *E, ó pálida mulher de longo olhar piedoso,*

Mas quero só fugir das coisas e dos seres,
Só quero abandonar a vida triste e má
Na véspera do dia em que também morreres,
Morreres de pesar, por eu não *viver* já!

E não virás, chorosa, aos rústicos tapetes,
Com lágrimas regar as plantações ruins;
E esperarão por ti, naqueles alegretes,
As dálias a chorar nos braços dos jasmins! [1]

Porto, *Jornal da Tarde*, 4 de Dezembro de 1874

IRONIAS DO DESGOSTO

«Onde é que te nasceu» — dizia-me ela às vezes —
«O horror calado e triste às coisas sepulcrais?
«Porque é que não possuis a *verve* dos Franceses
«E aspiras, em silêncio, os frascos dos meus sais?

«Porque é que tens no olhar, moroso e persistente,
«As sombras dum jazigo e as fundas abstracções,
«E abrigas tanto fel no peito, que não sente
«O abalo feminil das minhas expansões?

«Há quem te julgue um velho. O teu sorriso é falso;
«Mas quando tentas rir parece então, meu bem,
«Que estão edificando um negro cadafalso
«E ou vai alguém morrer ou vão matar alguém!

[1] Esta quadra não existia na primitiva publicação.

«Eu vim — não sabes tu? — para gozar em Maio,
«No campo, a quietação banhada de prazer!
«Não vês, ó descorado, as vestes com que saio, [1]
«E os júbilos, que Abril acaba de trazer?

«Não vês como a campina é toda embalsamada
«E como nos alegra em cada nova flor?
«Então porque é que tens na fronte consternada
«Um não-sei-quê tocante e enternecedor? [2]

E eu só lhe respondia: — «Escuta-me. Conforme
«Tu vibras os cristais da boca musical,
«Vai-nos minando o tempo, o tempo — o cancro enorme
«Que te há-de corromper o corpo de vestal.

«E eu calmamente sei, na dor que me amortalha,
«Que a tua cabecinha ornada à Rabagas,
«A pouco e pouco há-de ir tornando-se grisalha
«E em breve ao quente sol e ao gás alvejará!

«E eu que daria um rei por cada teu suspiro,
«Eu que amo a mocidade e as modas fúteis, vãs,
«Eu morro de pesar, talvez, porque prefiro
«O teu cabelo escuro às veneráveis cãs!»

Lisboa, 1874
Tribuna, 1875

Na primitiva publicação:
[1] *Não vês, ó descarado, as* ***vestes com que saio,***
[2] *Não sei que de tocante e de* ***enternecedor?***

Pertence a este período a poesia *Desastre* (V., adiante, «Poesias não incluídas em *O Livro de Cesário Verde*»).

DESLUMBRAMENTOS [1]

Milady, é perigoso contemplá-la, [2]
Quando passa aromática e normal,
Com seu tipo tão nobre e tão de sala,
Com seus gestos de neve e de metal.

Sem que nisso a desgoste ou desenfade,
Quantas vezes, seguindo-lhe as passadas,
Eu vejo-a, com real solenidade,
Ir impondo *toilettes* complicadas!...

Em si tudo me atrai como um tesoiro:
O seu ar pensativo e senhoril,
A sua voz que tem um timbre de oiro
E o seu nevado e lúcido perfil!

Ah! Como me estonteia e me fascina...
E é, na graça distinta do seu porte,
Como a Moda supérflua e feminina,
E tão alta e serena como a Morte!...

Eu ontem encontrei-a, quando vinha,
Britânica, e fazendo-me assombrar;
Grande dama fatal, sempre sozinha,
E com firmeza e música no andar!

[1] Na primitiva publicação, sob o título, havia a abreviatura *S.*
[2] Na primitiva publicação:
Milady, é perigoso contemplá-la

O seu olhar possui, num jogo ardente,
Um arcanjo e um demónio a iluminá-lo;
Como um florete, fere agudamente,
E afaga como o pêlo dum regalo!

Pois bem. Conserve o gelo por esposo,
E mostre, se eu beijar-lhe as brancas mãos,
O modo diplomático e orgulhoso
Que Ana de Áustria mostrava aos cortesãos.

E enfim prossiga altiva como a Fama,
Sem sorrisos, dramática, cortante;
Que eu procuro fundir na minha chama
Seu ermo coração, como um brilhante. [1]

Mas cuidado, *milady*, não se afoite,
Que hão-de acabar os bárbaros reais;
E os povos humilhados, pela noite,
Para a vingança aguçam os punhais.

E um dia, ó flor do Luxo, nas estradas,
Sob o cetim do Azul e as andorinhas,
Eu hei-de ver errar, alucinadas,
E arrastando farrapos — as rainhas! [2]

Coimbra, *Mosaico*, n.º 6, Fevereiro de 1875

Na primitiva publicação:

[1] *Seu ermo coração, como a um brilhante.*

[2] Esta poesia foi enviada a Macedo Papança para publicação na revista *Mosaico* a 25 de Janeiro de 1875. (V., adiante, carta n.º 1 a Macedo Papança.) Isto não demonstra, como é evidente, que tivesse sido escrita nessa data. Por estes indícios, e pela sua temática, supomos ser possível asseverar que ela foi redigida entre fins de 1874 e princípios de 1875.

FRÍGIDA [1]

I

Balzac é meu rival, minha senhora inglesa!
Eu quero-a porque odeio as carnações redondas!
Mas ele eternizou-lhe a singular beleza
E eu turbo-me ao deter seus olhos cor das ondas.

II

Admiro-a. A sua longa e plácida estatura
Expõe a majestade austera dos invernos.
Não cora no seu todo a tímida candura;
Dançam a paz dos céus e o assombro dos infernos.

III

Eu vejo-a caminhar, fleumática, irritante,
Numa das mãos franzindo um lenço de cambraia!...
Ninguém me prende assim, fúnebre, extravagante, [2]
Quando arregaça e ondula a preguiçosa saia!

IV

Ouso esperar, talvez, que o seu amor me acoite, [3]
Mas nunca a fitarei duma maneira franca;
Traz o esplendor do Dia e a palidez da Noite,
É, como o Sol, dourada, e, como a Lua, branca! [4]

[1] Título primitivo da poesia: *Humorismos de amor*
Na primitiva publicação:
[2] *Ninguém assim me prende, ó séria extravagante,*
[3] *Hei-d' esperar, talvez, que o seu amor me acoite,*
[4] *É como o Sol — dourada, e como a Lua — branca!*

V

Pudesse-me eu prostrar, num meditado impulso, [1]
Ó gélida mulher bizarramente estranha,
E trémulo depor os lábios no seu pulso,
Entre a macia luva e o punho de bretanha!...

VI

Cintila no seu rosto a lucidez das jóias.
Ao encarar consigo a fantasia pasma; [2]
Pausadamente lembra o silvo das jibóias
E a marcha demorada e muda dum fantasma.

VII

Metálica visão que Charles Baudelaire
Sonhou e pressentiu nos seus delírios mornos,
Permita que eu lhe adule a distinção que fere,
As curvas da magreza e o lustre dos adornos! [3]

VIII

Deslize como um astro, um astro que declina;
Tão descansada e firme é que me desvaria,
E tem a lentidão duma corveta fina
Que nobremente vá num mar de calmaria.

Na primitiva publicação:
1 *Pudesse-m'eu prostrar, num meditado impulso.*
2 *Ao deparar consigo a fantasia pasma;*
3 *As curvas da magreza e o brilho dos adornos!*

IX

Não me imagine um doido. Eu vivo como um monge,
No bosque das ficções, ó grande flor do Norte!
E, ao persegui-la, penso acompanhar de longe
O sossegado espectro angélico da Morte!

X

O seu vagar oculta uma elasticidade
Que deve dar um gosto amargo e deleitoso,
E a sua glacial impassibilidade
Exalta o meu desejo e irrita o meu nervoso. [1]

XI

Porém, não arderei aos seus contactos frios,
E não me enroscará nos serpentinos braços:
Receio suportar febrões e calafrios;
Adoro no seu corpo os movimentos lassos.

XII

E se uma vez me abrisse o colo transparente,
E me osculasse, enfim, flexível e submissa,
Eu julgaria ouvir alguém, agudamente, [2]
Nas trevas, a cortar pedaços de cortiça!

Lisboa
Tribuna, 2.ª série, n.º 67, 1875

Na primitiva publicação:
[1] *Exalta o meu desejo e ataca o meu nervoso.*
[2] *Eu julgaria ouvir alguém, soturnamente,*

A DÉBIL [1]

Eu, que sou feio, sólido, leal,
A ti, que és bela, frágil, assustada,
Quero estimar-te, sempre, recatada
Numa existência honesta, de cristal.

Sentado à mesa dum café devasso,
Ao avistar-te, há pouco, fraca e loura,
Nesta Babel tão velha e corruptora,
Tive tenções de oferecer-te o braço.

E, quando socorreste um miserável, [2]
Eu, que bebia cálices de absinto,
Mandei ir a garrafa, porque sinto
Que me tornas prestante, bom, saudável.

«Ela aí vem!» disse eu para os demais;
E pus-me a olhar, vexado e suspirando,
O teu corpo que pulsa, alegre e brando, [3]
Na frescura dos linhos matinais. [4]

Via-te pela porta envidraçada;
E invejava, — talvez que não o **suspeites!** —
Esse vestido simples, sem enfeites, [5]
Nessa cintura tenra, imaculada.

[1] Título da poesia autógrafa, única existente: *Na cidade.* Na primitiva publicação:
[2] *E, quando deste esmola a um miserável,*
[3] *O teu corpo que pulsa, alegre e brando*
[4] *Na fresquidão dos linhos matinais.*
[5] *Esse vestido simples sem enfeites,*

Ia passando, a quatro, o patriarca.
Triste eu saí. Doía-me a cabeça. [1]
Uma turba ruidosa, negra, espessa,
Voltava das exéquias dum monarca.

Adorável! Tu, muito natural, [2]
Seguias a pensar no teu bordado;
Avultava, num largo arborizado,
Uma estátua de rei num pedestal.

Sorriam, nos seus trens, os titulares; [3]
E ao claro sol, guardava-te, no entanto,
A tua boa mãe, que te ama tanto,
Que não te morrerá sem te casares!

Soberbo dia! Impunha-me respeito
A limpidez do teu semblante grego;
E uma família, um ninho de sossego,
Desejava beijar sobre o teu peito.

Com elegância e sem ostentação,
Atravessavas branca, esvelta e fina, [4]
Uma chusma de padres de batina,
E de altos funcionários da nação.

Na primitiva publicação:
[1] *Triste, eu deixei o botiquim, à pressa;*
Na edição de Silva Pinto:
[2] *Adorável! Tu muito natural,*
[3] *Sorriam nos seus trens os titulares;*
Adopta-se, nos dois casos anteriores, a **virgulação da primitiva** publicação.
No autógrafo:
[4] *Atravessavas branca, esbelta e fina,*

«Mas se a atropela o povo turbulento!
Se fosse, por acaso, ali pisada!»
De repente, paraste embaraçada
Ao pé dum numeroso ajuntamento.

E eu, que urdia estes fáceis esbocetos,
Julguei ver, com a vista de poeta
Uma pombinha tímida e quieta
Num bando ameaçador de corvos pretos.

E foi, então, que eu, homem varonil, [1]
Quis dedicar-te a minha pobre vida,
A ti, que és ténue, dócil, recolhida,
Eu, que sou hábil, prático, viril.

Lisboa, 1875
Coimbra, *Evolução*, n.º 2, Novembro de 1876

HUMILHAÇÕES

De todo o coração — a Silva Pinto

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Job,
Aceito os seus desdéns, seus ódios idolatro-os;
E espero-a nos salões dos principais teatros,
Todas as noites, ignorado e só.

Na edição de Silva Pinto:
[1] *E foi, então, que eu homem varonil,*

Lá cansa-me o ranger da seda, a orquestra, o gás;
As damas, ao chegar, gemem nos espartilhos,
E enquanto vão passando as *cortesãs* e os brilhos,
Eu analiso as peças no cartaz.

Na representação dum drama de Feuillet,
Eu aguardava, junto à porta, na penumbra,
Quando a mulher nervosa e vã que me deslumbra
Saltou soberba o estribo do *coupé*.

Como ela marcha! Lembra um magnetizador.
Roçavam no veludo as guarnições das rendas;
E, muito embora tu, burguês, me não entendas,
Fiquei batendo os dentes de terror.

Sim! Porque não podia abandoná-la em paz!
Ó minha pobre bolsa, amortalhou-se a ideia
De vê-la aproximar, sentado na plateia,
De tê-la num binóculo mordaz!

Eu ocultava o fraque usado nos botões;
Cada contratador dizia em voz rouquenha:
— Quem compra algum bilhete ou vende alguma senha?
E ouviam-se cá fora as ovações.

Que desvanecimento! A pérola do Tom!
As outras ao pé dela imitam de bonecas;
Têm menos melodia as harpas e as rabecas,
Nos grandes espectáculos do Som.

Ao mesmo tempo, eu não deixava de a abranger;
Via-a subir, direita, a larga escadaria
E entrar no camarote. Antes estimaria
Que o chão se abrisse para me abater.

Saí; mas ao sair senti-me atropelar.
Era um municipal sobre um cavalo. A guarda
Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda,
Cresci com raiva contra o militar.

De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,
Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,
E disse-me, piscando os olhos de coruja:
— Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?... [1]

Lisboa, *O Livro de Cesário Verde*, 1887

CONTRARIEDADES [2]

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente. [3]

[1] Tudo indica que «a mulher nervosa e vã que me deslumbra», à qual Cesário se refere nesta poesia (3.ª quadra), é a actriz Tomásia Veloso por quem se teria apaixonado. (Ver, a este respeito, Júlio Brandão, *Galeria de Sombras*, p. 70.) Por aí se entrevê uma via de datação do poema.
Dedicada a Silva Pinto, este deveria possuir cópia ou o original da poesia.

[2] Título primitivo da poesia, *Nevroses*.
Na primitiva publicação:

[3] *E agrado a pouca gente.*

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve a conta na botica! [1]
Mal ganha para sopas ... [2]

O obstáculo estimula, torna-nos perversos; [3]
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
Mais duma redacção, das que elogiam tudo,
Me tem fechado a porta.

[1] Na sua edição de *O Livro de Cesário Verde*, Cabral do Nascimento, por motivos de metrificação, propôs se emende *E deve a conta à botica!*, que é o verso publicado no *Livro*, para *E deve a conta na botica!* Adoptou-se esta versão.

Na primitiva publicação:

[2] *Mal ganha para as sopas...*

[3] *O obstáculo ou depura ou torna-nos* ***perversos;***

A crítica segundo o método de Taine
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene.

Com raras excepções merece-me o epigrama.
Deu meia-noite; e em paz pela calçada abaixo, [1]
Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho [2]
Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei poemas às fortunas, [3]
Mas sim, por deferência, a amigos ou a artistas. [4]
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingénuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convém, visto que os seus leitores
Deliram por Zaccone.

Um prosador qualquer desfruta fama honrosa, [5]
Obtém dinheiro, arranja a sua *coterie;*
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

Na primitiva publicação:
1 *Deu meia-noite, e em paz, pela calçada abaixo*
2 *Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho*
O verso da edição de Silva Pinto é o seguinte:
Um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho
3 *Eu nunca dediquei composições nenhumas,*
4 *Senão, por deferência, a amigos ou a artistas.*
5 *Um prosador, aqui, desfruta fama honrosa,*

A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exactos,
Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe humedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

Mantém-se a chá e pão! Antes entrar na cova. [1]
Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,
Oiço-a cantarolar uma canção plangente
Duma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a *réclame*, a intriga, o anúncio, a *blague*,
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras...

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que mundo! Coitadinha! [2]

Porto, *O Porto*, 18 de Março de 1876

Na primitiva publicação:
[1] *Nem pão no armário, ò Deus! chama por ela a cova.*
[2] *Que vida! Coitadinha!*

Pertence a este período a poesia *Num álbum*. (V., adiante, «Poesias não incluídas em *O Livro de Cesário Verde*».)

NUM BAIRRO MODERNO

A Manuel Ribeiro

Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se as nascentes, [1]
E fere a vista, com brancuras quentes,
A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E dum ou doutro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papéis pintados,
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,
E a sua vida fácil! Eu descia,
Sem muita pressa, para o meu emprego,
Aonde agora quase sempre chego
Com as tonturas duma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,
Notei de costas uma rapariga,
Que no xadrez marmóreo duma escada,
Como um retalho de horta aglomerada,
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

Na edição de Silva Pinto:
[1] *Pelos jardins estancam-se os nascentes*, que, aliás, repete a primitiva publicação.

E eu, apesar do sol, examinei-a:
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;
E abre-se-lhe o algodão azul da meia,
Se ela se curva, esguedelhada, feia,
E pendurando os seus bracinhos brancos.

Do patamar responde-lhe um criado:
«Se te convém, despacha; não converses.
Eu não dou mais.» E muito descansado,
Atira um cobre lívido, oxidado, [1]
Que vem bater nas faces duns alperces.

Subitamente — que visão de artista! —
Se eu transformasse os simples vegetais,
À luz do Sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista
Cheio de belas proporções carnais?!

Bóiam aromas, fumos de cozinha;
Com o cabaz às costas, e vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia,
E nuns repolhos seios injectados.

Na primitiva publicação:
[1] *Atira um cobre ignóbil,* ***oxidado,***

As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças dum cabelo que se ajeite;
E os nabos — ossos nus, da cor do leite,
E os cachos de uvas — os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante
Nas posições de certos frutos. E entre
As hortaliças, túmido, fragrante,
Como dalguém que tudo aquilo jante,
Surge um melão, que me lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,
Vi nos legumes carnes tentadoras,
Sangue na ginja vívida, escarlate, [1]
Bons corações pulsando no tomate
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O Sol dourava o céu. E a regateira,
Como vendera a sua fresca alface
E dera o ramo de hortelã que cheira,
Voltando-se, gritou-me, prazenteira: [2]
«Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...»

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;
E, pelas duas asas a quebrar,
Nós levantámos todo aquele peso
Que ao chão de pedra resistia preso,
Com um enorme esforço muscular.

Na edição de Silva Pinto:

[1] *Sangue na ginja vivida, escarlate.*

A emenda de *vivida* para *vívida* é de Cabral do Nascimento, e é pertinente.

[2] *Voltando-se, gritou-me prazenteira:*

Adoptou-se a virgulação da primitiva publicação.

«Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!»
E recebi, naquela despedida,
As forças, a alegria, a plenitude,
Que brotam dum excesso de virtude
Ou duma digestão desconhecida.

E enquanto sigo para o lado oposto,
E ao longe rodam umas carruagens,
A pobre afasta-se, ao calor de Agosto,
Descolorida nas maçãs do rosto,
E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira
Duma janela azul; e, com o ralo
Do regador, parece que joeira
Ou que borrifa estrelas; e a poeira
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanações sadias,
Oiço um canário — que infantil chilrada! —
Lidam *ménages* entre as gelosias,
E o sol estende, pelas frontarias,
Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
Duma desgraça alegre que me incita,
Ela apregoa, magra, enfezadita,
As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante,[1]
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,
Carregam sobre a pobre caminhante,
Sobre a verdura rústica, abundante,
Duas frugais abóboras carneiras.

Lisboa, Verão de 1877
Lisboa, Brinde aos assinantes do *Diário de Notícias* (1877). **Publicado, portanto, em 1878**

NOITES GÉLIDAS [2]

MERINA

Rosto comprido, airosa, angelical, macia,
Por vezes, a alemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gás dá noites de balada;

Sob os abafos bons que o Norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegância, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha branca, ingénua e delicada.

Lisboa, *Ocidente*, 1 de Maio de 1878

Na edição de Silva Pinto:
[1] *E como as grossas pernas dum gigante,*
Adoptou-se a virgulação da primitiva publicação.
[2] Título primitivo da poesia: *Merina*

SARDENTA

Tu, nesse corpo completo,
Ó láctea virgem doirada, [1]
Tens o linfático aspecto
Duma camélia melada.

Porto, *Renascença*, 1878

MANHÃS BRUMOSAS [2]

Aquela, cujo amor me causa alguma pena, [3]
Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda,
E com a forte voz cantada com que ordena,
Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda,
Por entre o campo e o mar, bucólica, morena,
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

Na primitiva publicação:
[1] *Ó láctea virgem doirada!*
[2] Título primitivo da poesia: *Manhãs brumosas — Versos de um inglês.*
Na primitiva publicação:
[3] *Aquela, cujo amor me causa tanta pena,*

Que línguas fala? A ouvir-lhe as inflexões inglesas,
— Na névoa azul, a caça, as pescas, os rebanhos! —
Sigo-lhe os altos pés por estas asperezas;
E o meu desejo nada em época de banhos,
E, ave de arribação, ele enche de surpresas
Seus olhos de perdiz, redondos e castanhos.

As Irlandesas têm soberbos desmazelos!
Ela descobre assim, com lentidões ufanas,
Alta, escorrida, abstracta, os grossos tornozelos;
E como aquelas são marítimas, serranas,
Sugere-me o naufrágio, as músicas, os gelos
E as redes, a manteiga, os queijos, as choupanas.

Parece um *rural boy!* Sem brincos nas orelhas,
Traz um vestido claro a comprimir-lhe os flancos,
Botões a tiracolo e aplicações vermelhas;
E à roda, num país de prados e barrancos,
Se as minhas mágoas vão, mansíssimas ovelhas,
Correm os seus desdéns, como vitelos brancos.

E aquela, cujo amor me causa alguma pena,[1]
Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda,
E com a forte voz cantada com que ordena,
Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda,
Por entre o campo e o mar, católica, morena,
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

Foz do Tejo, 1877
Porto, *Renascença*, 1879

Na primitiva publicação:
[1] ***E aquela, cujo amor me causa tanta pena.***

(L.)

Lembras-te tu do sábado passado,
Do passeio que demos, devagar,
Entre um saudoso gás amarelado
E as carícias leitosas do luar?

Bem me lembro das altas ruazinhas,
Que ambos nós percorremos de mãos dadas:
Às janelas palravam as vizinhas;
Tinham lívidas luzes as fachadas.

Não me esqueço das cousas que disseste,
Ante um pesado templo com recortes;
E os cemitérios ricos, e o cipreste
Que vive de gorduras e de mortes!

Nós saíramos próximo ao sol-posto,
Mas seguíamos cheios de demoras;
Não me esqueceu ainda o meu desgosto
Nem o sino rachado que deu horas.

Tenho ainda gravado no sentido,
Porque tu caminhavas com prazer,
Cara rapada, gordo e presumido,
O padre que parou para te ver.

Como uma mitra a cúpula da igreja
Cobria parte do ventoso largo;
E essa boca viçosa de cereja
Torcia risos com sabor amargo.

A Lua dava trémulas brancuras,
Eu ia cada vez mais magoado;
Vi um jardim com árvores escuras,
Como uma jaula todo gradeado!

E para te seguir entrei contigo
Num pátio velho que era dum canteiro,
E onde, talvez, se faça inda o jazigo
Em que eu irei apodrecer primeiro!

Eu sinto ainda a flor da tua pele,
Tua luva, teu véu, o que tu és!
Não sei que tentação é que te impele
Os pequeninos e cansados pés.

Sei que em tudo atentavas, tudo vias!
Eu por mim tinha pena dos marçanos,
Como ratos, nas gordas mercearias,
Encafurnados por imensos anos!

Tu sorrias de tudo: os carvoeiros, [1]
Que aparecem ao fundo dumas minas,
E à crua luz os pálidos barbeiros
Com óleos e maneiras femininas!

[1] Na edição de Silva Pinto:
Tu sorriras de tudo: Os Carvoeiros,
Mas logo na 1.ª reedição do poema (*Ilustração Portuguesa*, Julho de 1887) *sorriras* é emendado para *sorrias*, forma que se preferiu.

Fins de semana! Que miséria em bando!
O povo folga, estúpido e grisalho!
E os artistas de ofício iam passando,
Com as férias, ralados do trabalho.

O quadro interior, dum que à candeia,
Ensina a filha a ler, meteu-me dó!
Gosto mais do plebeu que cambaleia,
Do bêbado feliz que fala só!

De súbito, na volta de uma esquina,
Sob um bico de gás que abria em leque
Vimos um militar, de barretina
E galões marciais de pechisbeque,

E enquanto ele falava ao seu namoro,
Que morava num prédio de azulejo,
Nos nossos lábios retiniu sonoro
Um vigoroso e formidável beijo!

E assim ao meu capricho abandonada,
Errámos por travessas, por vielas,
E passámos por pé duma tapada
E um palácio real com sentinelas.

E eu que busco a moderna e fina arte,
Sobre a umbrosa calçada sepulcral,
Tive a rude intenção de violentar-te
Imbecilmente, como um animal!

Mas ao rumor dos ramos e da aragem,
Como longínquos bosques muito ermos,
Tu querias no meio da folhagem
Um ninho enorme para nós vivermos.

E ao passo que eu te ouvia abstractamente,
Ó grande pomba tépida que arrulha,
Vinham batendo o macadam fremente,
As patadas sonoras da patrulha,

E através a imortal cidadezinha,
Nós fomos ter às portas, às barreiras,
Em que uma negra multidão se apinha
De tecelões, de fumos, de caldeiras.

Mas a noite dormente e esbranquiçada
Era uma esteira lúcida de amor;
Ó jovial senhora perfumada,
Ó terrível criança! Que esplendor!

E ali começaria o meu desterro!...
Lodoso o rio, e glacial, corria;
Sentámo-nos, os dois, num novo aterro
Na muralha dos cais de cantaria.

Nunca mais amarei, já que não amas,
E é preciso, decerto, que me deixes!
Toda a maré luzia como escamas, [1]
Como alguidar de prateados peixes.

Na edição de Silva Pinto:
[1] *Toda a maré luzida como escamas,*
Gralha? Emendou-se *luzida* para *luzia*.

E como é necessário que eu me afoite
A perder-me de ti por quem existo,
Eu fui passar ao campo aquela noite
E andei léguas a pé, pensando nisto.

E tu que não serás somente minha,
Às carícias leitosas do luar,
Recolheste-te, pálida e sozinha,
À gaiola do teu terceiro andar! [1]

Lisboa, *O Livro de Cesário Verde,* 1887

EM PETIZ

I

DE TARDE

Mais morta do que viva, a minha companheira [2]
Nem força teve em si para soltar um grito;
E eu, nesse tempo, um destro e bravo rapazito, [3]
Como um homenzarrão servi-lhe de barreira!

[1] Ignoramos em absoluto quaisquer referências directas ou indirectas a este poema que permitam datá-lo com segurança. Em trabalhos anteriores, propusemos a sua inclusão entre *Cristalizações* e *O Sentimento dum Ocidental*. Permanecendo na convicção de que *Noite fechada* pertence, pela temática, a este período de 1877-1880, parece-nos, hoje, preferível incluir a poesia após *Manhãs brumosas* e antes de *Em petiz*. E isto pelas seguintes razões: *Noite fechada*, pelos temas e por certos motivos (entre eles a referência ao gás), apresenta ar de família com as poesias anteriores; desta forma ainda, as poesias *Em petiz*, *Cristalizações*, *O Sentimento dum Ocidental*, três das obras-primas que Cesário nos legou, ficam juntas e ordenadas com rigor cronológico.

Na primitiva publicação:

[2] *Mais morta do que viva, a minha companheira,*

[3] *E eu nesse tempo um bravo rapazito,*

Em meio de arvoredo, azenhas e ruínas,
Pulavam para a fonte as bezerrinhas brancas;
E, tetas a abanar, as mães, de largas ancas,
Desciam mais atrás, malhadas e turinas.

Do seio do lugar — casitas com postigos —
Vem-nos o leite. Mas baptizam-no primeiro.
Leva-o, de madrugada, em bilhas, o leiteiro,
Cujo pregão vos tira ao vosso sono, amigos! [1]

Nós dávamos, os dois, um giro pelo vale:
Várzeas, povoações, pegos, silêncios vastos!
E os fartos animais, ao recolher dos pastos,
Roçavam pelo teu «costume de percale».

Já não receias tu essa vaquita preta,
Que eu segurei, prendi por um chavelho? Juro [2]
Que estavas a tremer, cosida com o muro,
Ombros em pé, medrosa, e fina, de luneta!

II

OS IRMÃOZINHOS

Pois eu, que no deserto dos caminhos,
Por ti me expunha imenso, contra as vacas; [3]
Eu, que apartava as mansas das velhacas,
Fugia com terror dos pobrezinhos!

Na primeira publicação:
1 *Cujo pregão vos tira o vosso sono, amigos!*
2 *Que eu segurei, prendi por um chavelho? Juro*
3 *Por ti me expunha imenso contra as vacas;*

Vejo-os no pátio, ainda! Ainda os ouço!
Os velhos, que nos rezam padre-nossos; [1]
Os mandriões que rosnam, altos, grossos;
E os cegos que se apoiam sobre o moço.

Ah! Os ceguinhos com a cor dos barros,
Os que a poeira no suor mascarra,
Chegam das feiras a tocar guitarra,
Rolam os olhos como dois escarros!

E os pobres metem medo! Os de marmita,
Para forrar, por ano, alguns patacos,
Entrapam-se nas mantas com buracos,
Choramingando, a voz rachada, aflita.

Outros pedincham pelas cinco chagas;
E no poial, tirando as ligaduras,
Mostram as pernas pútridas, maduras,
Com que se arrastam pelas azinhagas!

Querem viver! E picam-se nos cardos;
Correm as vilas; sobem os outeiros;
E às horas de calor, nos esterqueiros,
De roda deles zumbem os moscardos.

Aos sábados, os monstros, que eu lamento, [2]
Batiam ao portão com seus cajados;
E um aleijado com os pés quadrados,
Pedia-nos de cima de um jumento.

Na primitiva publicação:
1 *Os velhos que nos rezam padre-nossos;*
2 *Aos sábados, os monstros que eu lamento;*

O resmungão! Que barbas! Que sacolas!
Cheirava a migas, a bafio, a arrotos;
Dormia as noutes por telheiros rotos,
E sustentava o burro a pão de esmolas.

*

Ó minha loura e doce como um bolo!
Afável hóspeda na nossa casa,
Logo que a tórrida cidade abrasa,
Como um enorme forno de tijolo!

Tu visitavas, esmoler, garrida,
Umas crianças num casal queimado;
E eu, pela estrada, espicaçava o gado,
Numa atitude esperta e decidida.

Por lobisomens, por papões, por bruxas,
Nunca sofremos o menor receio.
Temíeis, vós, porém, o meu asseio, [1]
Mendigazitas sórdidas, gorduchas!

Vícios, sezões, epidemias, furtos,
Decerto, fermentavam entre lixos;
Que podridão cobria aqueles bichos!
E que luar nos teus fatinhos curtos! [2]

Na primitiva publicação:
[1] *Temíeis vós, porém, ó meu* ***anceio***
[2] *E que luar os teus fatinhos* ***curtos!***

Sei de uma pobre, apenas, sem desleixos,[1]
Ruça, descalça, a trote nos atalhos,
E que lavava o corpo e os seus retalhos
No rio, ao pé dos choupos e dos freixos.

E a douda a quem chamavam a «Ratada»
E que falava só! Que antipatia!
E se com ela a malta contendia,
Quanta indecência! Quanta palavrada!

Uns operários, nestes descampados,
Também surdiam, de chapéu de coco,
Dizendo-se, de olhar rebelde e louco,
Artistas despedidos, desgraçados.

Muitos! E um bêbedo — o Camões — que fora
Rico, e morreu a mendigar, zarolho,
Com uma pala verde sobre um olho!
Tivera ovelhas, bois, mulher, lavoura.

E o resto? Bandos de selvagenzinhos:
Um nu que se gabava de maroto;
Um, que cortada a mão, coçava o coto,
E os bons que nos tratavam por padrinhos.

Na primitiva publicação:
[1] *Sei de uma pobre, apenas, sem desleixos;*

Pediam fatos, botas, cobertores!
Outro jogava bem o pau, e vinha
Chorar, humilde, junto da cozinha!
«Cinco-rèizinhos!... Nobres benfeitores!...»

E quando alguns ficavam nos palheiros,
E de manhã catavam os piolhos:
Enquanto o sol batia nos restolhos
E os nossos cães ladravam, rezingueiros!

Hoje entristeço. Lembro-me dos coxos,
Dos surdos, dos manhosos, dos manetas. [1]
Sulcavam as calçadas, as muletas;
Cantavam, no pomar, os pintarroxos!

III

HISTÓRIAS

Cismático, doente, azedo, apoquentado,
Eu agourava o crime, as facas, a enxovia,
Assim que um besuntão dos tais se apercebia
Da minha blusa azul e branca, de riscado.

Mináveis-me, ao serão, a cabecita loira. [2]
Com contos de província, ingénuas criaditas:
Quadrilhas assaltando as quintas mais bonitas,
E pondo a gente fina, em postas, de salmoira!

Na primitiva publicação:
[1] *Dos surdos, dos manhosos, dos manetas,*
Na edição de Silva Pinto:
[2] *Mináveis, ao serão, a cabecita loira,*
Preferiu-se a primeira versão publicada.

Na noite velha, a mim, como tições ardendo,
Fitavam-me os olhões pesados das ciganas;
Deitavam-nos o fogo aos prédios e arribanas;
Cercava-me um incêndio ensanguentado, horrendo.

E eu que era um cavalão, eu que fazia pinos,
Eu que jogava a pedra, eu que corria tanto;
Sonhava que os ladrões — homens de quem me espanto —
Roubavam para azeite a carne dos meninos!

E protegia-te eu, naquele Outono brando,
Mal tu sentias, entre as serras esmoitadas,
Gritos de maiorais, mugidos de boiadas,
Branca de susto, meiga e míope, estacando!

Linda-a-Pastora, 1878
Lisboa, *Diário de Notícias,* 22 de Setembro de 1879

CRISTALIZAÇÕES

A Bettencourt Rodrigues [1]

Faz frio. Mas, depois duns dias de aguaceiros,
Vibra uma imensa claridade crua.
De cócoras, em linha os calceteiros,
Com lentidão, terrosos e grosseiros,
Calçam de lado a lado a longa rua. [2]

[1] Na primitiva publicação não há dedicatória. Ela aparece na 2.ª publicação anterior ao *Livro de Cesário Verde (Revista de Coimbra,* Novembro de 1879).

Na edição de Silva Pinto:

[2] *Calcam de lado a lado a longa rua.* Adoptou-se a primitiva versão.

Como as elevações secaram do relento,
E o descoberto Sol abafa e cria!
A frialdade exige o movimento;
E as poças de água, como um cão vidrento, [1]
Reflectem a molhada casaria.

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,
Disseminadas, gritam as peixeiras;
Luzem, aquecem na manhã bonita,
Uns barracões de gente pobrezita
E uns quintalórios velhos com parreiras. [2]

Não se ouvem aves; nem o choro duma nora!
Tomam por outra parte os viandantes;
E o ferro e a pedra — que união sonora! —
Retinem alto pelo espaço fora,
Com choques rijos, ásperos, cantantes.

Bom tempo. E os rapagões, morosos, duros, baços,
Cuja coluna nunca se endireita,
Partem penedos; cruzam-se estilhaços. [3]
Pesam enormemente os grossos maços,
Com que outros batem a calçada feita.

A sua barba agreste! A lã dos seus barretes!
Que espessos forros! Numa das regueiras
Acamam-se as japonas, os coletes;
E eles descalçam com os picaretes, [4]
Que ferem lume sobre pederneiras.

Na edição de Silva Pinto:
[1] *E as poças de água, como em chão vidrento,*
Adoptou-se a primitiva versão.
Na primitiva publicação:
[2] *E uns quintalórios velhos, com parreiras.*
[3] *Partem penedos. Voam-lhe estilhaços.*
[4] *E eles descalçam com as picaretas,*

E nesse rude mês, que não consente as flores,
Fundeiam, como a esquadra em fria paz, [1]
As árvores despidas. Sóbrias cores!
Mastros, enxárcias, vergas! Valadores
Atiram terra com as largas pás.

Eu julgo-me no Norte, ao frio — o grande agente! —
Carros de mão, que chiam carregados,
Conduzem saibro, vagarosamente;
Vê-se a cidade, mercantil, contente:
Madeiras, águas, multidões, telhados!

Negrejam os quintais, enxuga a alvenaria; [2]
Em arco, sem as nuvens flutuantes,
O céu renova a tinta corredia;
E os charcos brilham tanto, que eu diria [3]
Ter ante mim lagoas de brilhantes!

E engelhem, muito embora, os fracos, os tolhidos, [4]
Eu tudo encontro alegremente exacto.
Lavo, refresco, limpo os meus sentidos.
E tangem-me, excitados, sacudidos,
O tacto, a vista, o ouvido, o gosto, o olfacto!

Pede-me o corpo inteiro esforços na friagem
De tão lavada e igual temperatura!
Os ares, o caminho, a luz reagem;
Cheira-me a fogo, a sílex, a ferragem;
Sabe-me a campo, a lenha, a agricultura.

Na primitiva publicação:
1 *Fundeiam, como esquadra em fria paz,*
2 *Negrejam os quintais; enxuga a alvenaria;*
3 *E os charcos brilham tanto que eu diria*
4 *E engelham muito embora, os fracos, os tolhidos,*

Mal encarado e negro, um pára enquanto eu passo,
Dois assobiam, altas as marretas
Possantes, grossas, temperadas de aço;
E um gordo, o mestre, com um ar ralaço [1]
E manso, tira o nível das valetas.

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida tão custosa! Que diabo!
E os cavadores pousam as enxadas, [2]
E cospem nas calosas mãos gretadas,
Para que não lhes escorregue o cabo.

Povo! No pano cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sofres, bebes, agonizas;
Listrões de vinho lançam-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

De escuro, bruscamente, ao cimo da barroca,
Surge um perfil direito que se aguça;
E ar matinal de quem saiu da toca,
Uma figura fina, desemboca,
Toda abafada num casaco à russa.

Donde ela vem! A actriz que tanto cumprimento
E a quem, à noite na plateia, atraio
Os olhos lisos como polimento!
Com seu rostinho estreito, friorento,
Caminha agora para o seu ensaio.

Na primitiva publicação:
[1] *E um gordo, o mestre, com ar ralaço*
[2] *E os cavadores descansam as enxadas,*

E aos outros eu admiro os dorsos, os costados [1]
Como lajões. Os bons trabalhadores!
Os filhos das lezírias, dos montados:
Os das planícies, altos, aprumados;
Os das montanhas, baixos, trepadores!

Mas fina de feições, o queixo hostil, distinto,
Furtiva a tiritar em suas peles,
Espanta-me a actrizita que hoje pinto,
Neste Dezembro enérgico, sucinto,
E nestes sítios suburbanos, reles!

Como animais comuns, que uma picada esquente,
Eles, bovinos, másculos, ossudos,
Encaram-na sanguínea, brutamente:
E ela vacila, hesita, impaciente
Sobre as botinhas de tacões agudos. [2]

Porém, desempenhando o seu papel na peça,
Sem que inda o público a passagem abra,
O demonico arrisca-se, atravessa
Covas, entulhos, lamaçais, depressa,
Com seus pèzinhos rápidos, de cabra!

Lisboa, Inverno de 1878
Coimbra, *Revista de Coimbra*, n.º 1, 1879, republicada em *Correspondência de Coimbra*, 17 de Junho de 1879

Na primitiva publicação:
[1] *E aos outros eu admiro os dorsos, e os costados*
[2] *Sobre as bonitas de tacões agudos.*

A Guerra Junqueiro [1]

I

AVE-MARIA [2]

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer. [3]

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba; [4]
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países: [5]
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

[1] Nas duas publicações anteriores à recolha em *O Livro de Cesário Verde* não existe a dedicatória.
[2] Este título aparece, pela primeira vez, na edição de Silva Pinto. Na primitiva publicação:
[3] *Despertam um desejo absurdo de sofrer.*
[4] *O gás extravasado enjoa-nos, perturba;*
Na edição de Silva Pinto:
[5] *Ocorrem-me em revista exposições, países:*
Adoptou-se a virgulação da primeira publicação.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado! [1]
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas;
Os querubins do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Variante da 2.ª edição de *O Livro de Cesário Verde* (1901):
[1] ***Luta Camões no mar, salvando um livro a nado!***

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!

II

NOITE FECHADA [1]

Toca-se às grades, nas cadeias. Som [2]
Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!
O Aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças, [3]
Bem raramente encerra uma mulher de «dom»!

E eu desconfio, até, de um aneurisma
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;
À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes, [4]
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;
E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.

[1] Este título aparece, pela primeira vez, na edição de S. P.
Na edição de Silva Pinto:
[2] *Toca-se as grades, nas cadeias. Som*
Este erro de concordância repetiu-se em todas as reedições. Não é admissível que Cesário tivesse cometido tal erro. Deve ter havido gralha, de origem, que transformou «às» em «as».
Na edição de Silva Pinto:
[3] e [4] «O aljube», da «velha sé, das cruzes», o que se tem repetido, com excepção de «sé» que se tem maiusculado. Ora, «aljube» e «cruzes» estão no mesmo caso. Sugestão muito pertinente de Armindo Rodrigues.

Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela História eu me aventuro e alargo.

Na parte que abateu no terremoto,
Muram-me as construções rectas, iguais, crescidas; [1]
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos dum tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutrora ascende, num pilar!

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados;
Sombrios e espectrais recolhem os soldados; [2]
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Partem patrulhas de cavalaria
Dos arcos dos quartéis que foram já conventos:
Idade Média! A pé, outras, a passos lentos,
Derramam-se por toda a capital, que esfria.

Triste cidade! Eu temo que me avives
Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,
Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes, [3]
Curvadas a sorrir às montras dos ourives.

Na primitiva publicação:
1 *Muram-se as construções rectas, iguais, crescidas;*
2 *Sombrios e espectrais recolhem os soldados,*
3 *Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes*

E mais: as costureiras, as floristas
Descem dos *magasins,* causam-me sobressaltos;
Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos
E muitas delas são comparsas ou coristas.

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:
Entro na *brasserie;* às mesas de emigrados,
Ao riso e à crua luz joga-se o dominó. [1]

III

AO GÁS [2]

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras
Um sopro que arripia os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do Catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.

Na primitiva publicação:
[1] *Joga-se, alegremente e ao gás, o dominó!*
[2] Este título aparece, pela primeira vez, na edição de Silva Pinto.

Num cutileiro, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem;
Casas de confecções e modas resplandecem;
Pelas *vitrines* olha um ratoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistrais, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa,
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!
Sua excelência atrai, magnética, entre luxo, [1]
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquela velha, de bandós! Por vezes,
A sua *traîne* imita um leque antigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.

Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
Flocos de pós-de-arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Na primitiva publicação:
[1] ***Sua excelência atrai, magnética, entre o luxo,***

Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
Da solidão regouga um cauteleiro rouco;
Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.

«Dó da miséria!... Compaixão de mim!...»
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso, [1]
Meu velho professor nas aulas de Latim! [2]

IV

HORAS MORTAS [3]

O tecto fundo de oxigénio, de ar,
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,
Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!
Um parafuso cai nas lajes, às escuras:
Colocam-se taipais, rangem as fechaduras, [4]
E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

Na primitiva publicação:

[1] *Pede-nos sempre esmola um homenzinho idoso,*

[2] «O Hamilton [Hamilton de Araújo], à nossa mesa de rapazes, dizia os últimos versos cuspindo o resto dos pulmões, quando o pai», conta Raul Brandão *(Vale de Josafat,* p. 170), «professor de Latim, e que era o tipo perfeito do Vautrin, na segunda fase, com a cara cheia de costuras, homem terrível que acabou a pedir em Lisboa...»

[3] Este título não existe na 1.ª publicação do poema.
Na primitiva publicação:

[4] *Colocam-se taipais, ringem as fechaduras,*

E eu sigo, como as linhas de uma pauta
A dupla correnteza augusta das fachadas;
Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,
As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!
Esqueço-me a prever castíssimas esposas,
Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!
Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,
Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados. [1]

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Na edição de Silva Pinto:
[1] *E os gritos de socorro ouvir estrangulados.*
Preferiu-se a virgulação da primeira publicação.

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios caminhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas, que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

Porto, *Portugal a Camões*, publicação extraordinária do *Jornal de Viagens*, 10 de Junho de 1880

DE TARDE

Naquele *pic-nic* de burguesas,
Houve uma coisa simplesmente bela,
E que, sem ter história nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão-de-bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos,
Nós acampámos, inda o Sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão-de-ló molhado em malvasia.

Mas, todo púrpuro a sair da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas! [1]

Lisboa, *O Livro de Cesário Verde*, 1887

[1] **Poema** póstumo, nada se sabe acerca das *circunstâncias* da sua feitura. Somos de parecer que ele pertence ao ciclo dos poemas campestres, cuja expressão mais alta é *Nós*. De resto, na edição de Silva Pinto, também ele se situa logo após «O Sentimento dum Ocidental».

DE VERÃO

A Eduardo Coelho

I

No campo; eu acho nele a musa que me anima:
A claridade, a robustez, a acção.
Esta manhã, saí com minha prima,
Em quem eu noto a mais sincera estima
E a mais completa e séria educação.

II

Criança encantadora! Eu mal esboço o quadro
Da lírica excursão, de intimidade.
Não pinto a velha ermida com seu adro;
Sei só desenho de compasso e esquadro,
Respiro indústria, paz, salubridade.

III

Andam cantando aos bois; vamos cortando as leiras;
E tu dizias: «Fumas? E as fagulhas?
Apaga o teu cachimbo junto às eiras;
Colhe-me uns brincos rubros nas ginjeiras!
Quanto me alegra a calma das debulhas!» [1]

[1] Na edição de Silva Pinto: *Quando me alegra a calma das debulhas!»* Gralha, evidentemente.

IV

E perguntavas sobre os últimos inventos
Agrícolas. Que aldeias tão lavadas!
Bons ares! Boa luz! Bons alimentos!
Olha: Os saloios vivos, corpulentos,
Como nos fazem grandes barretadas!

V

Voltemos. Na ribeira abundam as ramagens
Dos olivais escuros. Onde irás?
Regressam os rebanhos das pastagens;
Ondeiam milhos, nuvens e miragens,
E, silencioso, eu fico para trás.

VI

Numa colina azul brilha um lugar caiado.
Belo! E arrimada ao cabo da sombrinha,
Com teu chapéu de palha, desabado,
Tu continuas na azinhaga; ao lado
Verdeja, vicejante, a nossa vinha.

VII

Nisto, parando, como alguém que se analisa,
Sem desprender do chão teus olhos castos,
Tu começaste, harmónica, indecisa,
A arregaçar a chita, alegre e lisa
Da tua cauda um poucochinho a rastos.

VIII

Espreitam-te, por cima, as frestas dos celeiros;
O Sol abrasa as terras já ceifadas,
E alvejam-te, na sombra dos pinheiros,
Sobre os teus pés decentes, verdadeiros,
As saias curtas, frescas, engomadas.

IX

E, como quem saltasse, extravagantemente,
Um rego de água sem se enxovalhar,
Tu, a austera, a gentil, a inteligente,
Depois de bem composta, deste à frente
Uma pernada cómica, vulgar!

X

Exótica! E cheguei-me ao pé de ti. Que vejo!
No atalho enxuto, e branco das espigas
Caídas das carradas no salmejo,
Esguio e a negrejar em um cortejo,
Destaca-se um carreiro de formigas.

XI

Elas, em sociedade, espertas, diligentes,
Na natureza trémula de sede,
Arrastam bichos, uvas e sementes;
E atulham, por instinto, previdentes,
Seus antros quase ocultos na parede.

XII

E eu desatei a rir como qualquer macaco!
«Tu não as esmagares contra o solo!»
E ria-me, eu ocioso, inútil, fraco,
Eu de jasmim na casa do casaco
E de óculo deitado a tiracolo!

XIII

«As ladras da colheita! Eu se trouxesse agora
Um sublimado corrosivo, uns pós
De solimão, eu, sem maior demora,
Envenená-las-ia! Tu, por ora,
Preferes o romântico ao feroz.

XIV

Que compaixão! Julgava até que matarias
Esses insectos importunos! Basta.
Merecem-te espantosas simpatias?
Eu felicito suas senhorias,
Que honraste com um pulo de ginasta!»

XV

E enfim calei-me. Os teus cabelos muito loiros
Luziam, com doçura, honestamente;
De longe o trigo em monte, e os calcadoiros,
Lembravam-me fusões de imensos oiros,
E o mar um prado verde e florescente.

XVI

Vibravam, na campina, as chocas da manada;
Vinham uns carros a gemer no outeiro,
E finalmente, enérgica, zangada,
Tu inda assim bastante envergonhada,
Volveste-me, apontando o formigueiro:

XVII

«Não me incomode, não, com ditos detestáveis!
Não seja simplesmente um zombador!
Estas mineiras negras, incansáveis,
São mais economistas, mais notáveis,
E mais trabalhadoras que o senhor.» [1]

Lisboa, *O Livro de Cesário Verde*, 1887

NÓS

A A. de S. V. [2]

I

Foi quando em dois verões, seguidamente, a Febre
E o Cólera também andaram na cidade,
Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade.

[1] Desconhecemos quaisquer indícios que, de alguma forma, permitam situar, cronologicamente, este poema. Afigura-se-nos, todavia, que, pela linguagem poética e pelas vivências que ela exprime, *De verão* não deve ser desligado de *Nós*.

[2] A menina Sousa Vasconcelos? V. Luís Amaro de Oliveira, *Subsídios...*, p. 23, e José Duarte, revista *Momento*, Janeiro de 1934.

Ora, meu pai, depois das nossas vidas salvas
(Até então nós só tivéramos sarampo),
Tanto nos viu crescer entre uns montões de malvas [1]
Que ele ganhou por isso um grande amor ao campo!

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga:
O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos;
Mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos
Morreram todos. Nós salvámo-nos na fuga.

Na parte mercantil, foco da epidemia,
Um pânico! Nem um navio entrava a barra,
A alfândega parou, nenhuma loja abria,
E os turbulentos cais cessaram a algazarra.

Pela manhã, em vez dos trens dos baptizados,
Rodavam sem cessar as seges dos enterros.
Que triste a sucessão dos armazéns fechados!
Como um domingo inglês na *city*, que desterros!

Sem canalização, em muitos burgos ermos [2]
Secavam dejecções cobertas de mosqueiros.
E os médicos, ao pé dos padres e coveiros,
Os últimos fiéis, tremiam dos enfermos!

Na primitiva publicação:
[1] *Tanto nos viu crescer entre os montões das* **malvas**
[2] *Sem canalização em muitos burgos ermos,*
Na edição de Silva Pinto:
Sem canalização, em muitos burgos ermos,
Alterámos, **pois,** a virgulação.

Uma iluminação a azeite de purgueira,
De noite amarelava os prédios macilentos.
Barricas de alcatrão ardiam; de maneira
Que tinham tons de inferno outros arruamentos.

Porém, lá fora, à solta, exageradamente,
Enquanto acontecia essa calamidade,
Toda a vegetação, pletórica, potente,
Ganhava imenso com a enorme mortandade!

Num ímpeto de seiva os arvoredos fartos,
Numa opulenta fúria as novidades todas,
Como uma universal celebração de bodas,
Amaram-se! E depois houve soberbos partos.

Por isso, o chefe antigo e bom da nossa casa,
Triste de ouvir falar em órfãos e em viúvas,
E em permanência olhando o horizonte em brasa, [1]
Não quis voltar senão depois das grandes chuvas.

Ele, dum lado, via os filhos achacados,
Um lívido flagelo e uma moléstia horrenda!
E via, do outro lado, eiras, lezírias, prados,
E um salutar refúgio e um lucro na vivenda!

E o campo, desde então, segundo o que me lembro,
É todo o meu amor de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos,
Desde o calor de Maio aos frios de Novembro!

Na primitiva publicação:
[1] ***E em permanência olhando um horizonte em brasa,***

II

Que de fruta! E que fresca e temporã,
Nas duas boas quintas bem muradas,
Em que o Sol, nos talhões e nas latadas,
Bate de chapa, logo de manhã!

O laranjal de folhas negrejantes,
(Porque os terrenos são resvaladiços)
Desce em socalcos todos os maciços,
Como uma escadaria de gigantes.

Das courelas, que criam cereais,
De que os donos — ainda! — pagam foros,
Dividem-no fechados pitosporos,
Abrigos de raízes verticais.

Ao meio, a casaria branca assenta
À beira da calçada, que divide
Os escuros pomares de pevide,
Da vinha, numa encosta soalhenta!

Entretanto, não há maior prazer
Do que, na placidez das duas horas,
Ouvir e ver, entre o chiar das noras,
No largo tanque as bicas a correr!

Muito ao fundo, entre olmeiros seculares,
Seca o rio! Em três meses de estiagem,
O seu leito é um atalho de passagem,
Pedregosíssimo, entre dois lugares.

Como lhe luzem seixos e burgaus
Roliços! E marinham nas ladeiras [1]
Os renques africanos das piteiras,
Que como aloés espigam altos paus!

Montanhas inda mais longinquamente,
Com restevas, e combros como boças, [2]
Lembram cabeças estupendas, grossas,
De cabelo grisalho, muito rente.

E, a contrastar, nos vales, em geral,
Como em vidraça duma enorme estufa,
Tudo se atrai, se impõe, alarga e entufa,
Duma vitalidade equatorial!

Que de frugalidades nós criamos!
Que torrão espontâneo que nós somos!
Pela outonal maturação dos pomos,
Com a carga, no chão pousam os ramos.

E assim postas, nos barros e areais,
As maceiras vergadas fortemente,
Parecem, duma fauna surpreendente,
Os pólipos enormes, diluviais.

Na edição de Silva Pinto:

[1] *Roliços! Marinham nas ladeiras*

Por motivos de métrica, Cabral do Nascimento propôs se emendasse este verso para:

Roliços! E marinham nas ladeiras

Armindo Rodrigues sugere a emenda de «Marinham» para «amarinham», que resolveria, igualmente, a deficiência métrica.

Na primitiva publicação:

[2] *Com restevas, com combros como boças,*

Contudo, nós não temos na fazenda
Nem uma planta só de mero ornato!
Cada pé mostra-se útil, é sensato,
Por mais finos aromas que rescenda!

Finalmente, na fértil depressão,
Nada se vê que a nossa mão não regre:
A florescência dum matiz alegre
Mostra um sinal — a frutificação!

*

Ora, há dez anos, neste chão de lava [1]
E argila e areia e aluviões dispersas,
Entre espécies botânicas diversas,
Forte, a nossa família radiava!

Unicamente, a minha doce irmã, [2]
Como uma ténue e imaculada rosa,
Dava a nota galante e melindrosa
Na trabalheira rústica, aldeã.

E foi num ano pródigo, excelente,
Cuja amargura nada sei que adoce,
Que nós perdemos essa flor precoce,
Que cresceu e morreu rapidamente!

[1] «Há dez anos», ou seja cerca de 1872, ano em que a irmã morreu. (V., adiante, «Cartas a João de Sousa Araújo».) Parece, pois, poder datar-se a redacção destes versos de 1882.

[2] Sua irmã Júlia, vitimada pela tuberculose aos 17 ou 18 anos.

Ai daqueles que nascem neste caos,
E, sendo fracos, sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E — custa a crer — deixam viver os maus!

Fecho os olhos cansados, e descrevo
Das telas da memória retocadas,
Biscates, hortas, batatais, latadas,
No país montanhoso, com relevo!

Ah! que aspectos benignos e rurais
Nesta localidade tudo tinha,
Ao ires, com o banco de palhinha,
Para a sombra que faz nos parreirais!

Ah! Quando a calma, à sesta, nem consente
Que uma folha se mova ou se desmanche,
Tu, refeita e feliz com o teu *lunch,*
Nos ajudavas, voluntariamente!...

Era admirável — neste grau do Sul! —
Entre a rama avistar teu rosto alvo,
Ver-te escolhendo a uva diagalvo,
Que eu embarcava para Liverpool.

A exportação de frutas era um jogo:
Dependiam da sorte do mercado
O boal, que é de pérolas formado,
E o ferral, que é ardente e cor de fogo!

Em Agosto, ao calor canicular,
Os pássaros e enxames tudo infestam;
Tu cortavas os bagos que não prestam
Com a tua tesoura de bordar.

Douradas, pequeninas, as abelhas,
E negros, volumosos, os besoiros,
Circundavam, com ímpetos de toiros,
As tuas candidíssimas orelhas.

Se uma vespa lançava o seu ferrão
Na tua cútis — pétala de leite! —
Nós colocávamos dez-réis e azeite
Sobre a galante, a rósea inflamação!

E se um de nós, já farto, arrenegado,
Com o chapéu caçava a bicharia,
Cada zângão voando, à luz do dia,
Lembrava o teu dedal arremessado.

*

Que de encantos! Na força do calor
Desabrochavas no padrão da bata,
E, surgindo da gola e da gravata,
Teu pescoço era o caule duma flor!

Mas que cegueira a minha! Do teu porte
A fina curva, a indefinida linha,
Com bondades de herbívora mansinha,
Eram prenúncios de fraqueza e morte!

À procura da libra e do *shilling*, [1]
Eu andava abstracto e sem que visse
Que o teu alvor romântico de *miss*
Te obrigava a morrer antes de mim!

E antes tu, ser lindíssimo, nas faces
Tivesses «pano» como as camponesas;
E sem brancuras, sem delicadezas,
Vigorosa e plebeia, inda durasses!

Uns modos de carnívora feroz
Podias ter em vez de inofensivos;
Tinhas caninos, tinhas incisivos,
E podias ser rude como nós!

Pois neste sítio, que era de sequeiro,
Todo o género ardente resistia,
E, à larguíssima luz do Meio-Dia,
Tomava um tom opálico e trigueiro!

*

Sim! Europa do Norte, o que supões
Dos vergéis que abastecem teus banquetes,
Quando às docas, com frutas, os paquetes
Chegam antes das tuas estações?!

[1] Armindo Rodrigues propõe a emenda de «shilling» para xelim, dada a rima com «mim». Tem razão no que respeita à rima. Mas é tão cesárico esse «shilling» — como «lunch» que, aliás, não prejudica a rima, e outras palavras inglesas — que não nos atrevemos a mudar o que o poeta escreveu.

Oh! As ricas *primeurs* da nossa terra [1]
E as tuas frutas ácidas, tardias,
No azedo amoniacal das queijarias
Dos fleumáticos *farmers* de Inglaterra!

Ó cidades fabris, industriais,
De nevoeiros, poeiradas de hulha,
Que pensais do país que vos atulha
Com a fruta que sai de seus quintais?

Todos os anos, que frescor se exala!
Abundâncias felizes que eu recordo!
Carradas brutas que iam para bordo!
Vapores por aqui fazendo escala!

Uma alta parreira moscatel
Por doce não servia para embarque: [2]
Palácios que rodeiam Hyde-Park,
Não conheceis esse divino mel!

Pois a Coroa, o Banco, o Almirantado,
Não as têm nas florestas em que há corças,
Nem em vós que dobrais as vossas forças,
Pradarias dum verde ilimitado!

Anglos-Saxónios, tendes que invejar!
Ricos suicidas, comparai convosco!
Aqui tudo espontâneo, alegre, tosco,
Facílimo, evidente, salutar!

Na primitiva publicação:
[1] *Oh! Os ricos «primeurs» **da nossa terra***
[2] *Por doce não serviu para **embarque!***

Oponde às regiões que dão os vinhos
Vossos montes de escórias inda quentes!
E as febris oficinas estridentes
Às nossas tecelagens e moinhos!

E ó condados mineiros! Extensões
Carboníferas! Fundas galerias!
Fábricas a vapor! Cutelarias!
E mecânicas, tristes fiações!

Bem sei que preparais correctamente
O aço e a seda, as lâminas e o estofo;
Tudo o que há de mais dúctil, de mais fofo,
Tudo o que há de mais rijo e resistente!

Mas isso tudo é falso, é maquinal,
Sem vida, como um círculo ou um quadrado,
Com essa perfeição do fabricado,
Sem o ritmo do vivo e do real!

E cá o santo Sol, sobre isto tudo, [1]
Faz conceber as verdes ribanceiras;
Lança as rosáceas belas e fruteiras
Nas searas de trigo palhagudo!

Uma aldeia daqui é mais feliz,
Londres sombria, em que cintila a corte!...
Mesmo que tu, que vives a compor-te,
Grande seio arquejante de Paris!...

Na edição de Silva Pinto:
[1] *E cá o santo sol, sobre isso tudo,*
Adoptou-se a primitiva versão.

Ah! Que de glória, que de colorido,
Quando, por meu mandado e meu conselho,
Cá se empapelam «as maçãs de espelho»
Que Herbert Spencer talvez tenha comido! [1]

Para alguns são prosaicos, são banais
Estes versos de fibra suculenta;
Como se a polpa que nos dessedenta
Nem ao menos valesse uns madrigais!

Pois o que a boca trava com surpresas
Senão as frutas tónicas e puras!
Ah! Num jantar de carnes e gorduras
A graça vegetal das sobremesas!...

Jack, marujo inglês, tu tens razão
Quando, ancorando em portos como os nossos,
As laranjas com cascas e caroços
Comes com bestial sofreguidão!...

*

A impressão doutros tempos, sempre **viva,**
Dá estremeções no meu passado morto,
E inda viajo, muita vez, absorto,
Pelas várzeas da minha retentiva.

[1] Na primitiva publicação: *Que Herbert Spencer talvez tenha comido.*

Então recordo a paz familiar,
Todo um painel pacífico de enganos!
E a distância fatal duns poucos anos [1]
É uma lente convexa, de aumentar.

Todos os tipos mortos ressuscito!
Perpetuam-se assim alguns minutos!
E eu exagero os casos diminutos
Dentro dum véu de lágrimas bendito.

Pinto quadros por letras, por sinais,
Tão luminosos como os do Levante, [2]
Nas horas em que a calma é mais queimante,
Na quadra em que o Verão aperta mais.

Como destacam, vivas, certas cores,
Na vida externa cheia de alegrias!
Horas, vozes, locais, fisionomias,
As ferramentas, os trabalhadores!

Aspiro um cheiro a cozedura, e a lar
E a rama de pinheiro! Eu adivinho
O resinoso, o tão agreste pinho
Serrado nos pinhais da beira-mar.

Vinha cortada, aos feixes, a madeira,
Cheia de nós, de imperfeições, de rachas; [3]
Depois armavam-se, num pronto as caixas
Sob uma calma espessa e calaceira!

Na primitiva publicação:
1. *E a distância fatal duns poucos d'anos*
2. *Tão luminosos como os de Levante,*
3. *Cheia de nós, d'imperfeições, de rachas,*

69 Feias e fortes! Punham-lhes papel [1]
A forrá-las. E em grossa serradura
Acamava-se a uva prematura
Que não deve servir para tonel!

70 Cingiam-nas com arcos de castanho
Nas ribeiras cortados, nos riachos;
E eram de açúcar e calor os cachos,
Criados pelo esterco e pelo amanho!

71 Ó pobre estrume, como tu compões
Estes pâmpanos doces como afagos!
«Dedos-de-dama»: transparentes bagos!
«Tetas-de-cabra»: lácteas carnações!

72 E não eram caixitas bem dispostas
Como as passas de Málaga e Alicante;
Com sua forma estável, ignorante,
Estas pesavam, brutalmente, às costas!

73 Nos vinhatórios via fulgurar,
Com tanta cal que torna as vistas cegas,
Os paralelogramos das adegas,
Que têm lá dentro as dornas e o lagar!

74 Que rudeza! Ao ar livre dos estios,
Que grande azáfama! Apressadamente
Como soava um martelar frequente,
Véspera da saída dos navios!

[1] Na edição de Silva Pinto:
Feias e fortes! Punham-lhes ***papel,***
Adoptou-se a primitiva versão.

Ah! Ninguém entender que ao meu olhar
Tudo tem certo espírito secreto!
Com folhas de saudades um objecto
Deita raízes duras de arrancar!

As navalhas de volta, por exemplo,
Cujo bico de pássaro se arqueia,
Forjadas no casebre duma aldeia,
São antigas amigas que eu contemplo!

Elas, em seu labor, em seu lidar,
Com sua ponta como a das podoas,
Serviam probas, úteis, dignas, boas,
Nunca tintas de sangue e de matar.

E as enxós de martelo, que dum lado
Cortavam mais do que as enxadas cavam,
Por outro lado, rápidas, pregavam,
Duma pancada, o prego fasquiado!

O meu ânimo verga na abstracção,
Com a espinha dorsal dobrada ao meio;
Mas se de materiais descubro um veio
Ganho a musculatura dum Sansão!

E assim — e mais no povo a vida é corna —
Amo os ofícios como o de ferreiro,
Com seu fole arquejante, seu braseiro,
Seu malho retumbante na bigorna!

E sinto, se me ponho a recordar
Tanto utensílio, tantas perspectivas,
As tradições antigas, primitivas,
E a formidável alma popular!

Oh! Que brava alegria eu tenho quando
Sou tal-qual como os mais! E, sem talento,
Faço um trabalho técnico, violento,
Cantando, praguejando, batalhando!

*

Os fruteiros, tostados pelos sóis,
Tinham passado, muita vez, a raia,
E, espertos, entre os mais da sua laia,
— Pobres campónios — eram uns heróis.

E por isso, com frases imprevistas,
E colorido e estilo e valentia,
As *haciendas* que há na *Andalucia*
Pintavam como novos paisagistas.

De como, às calmas, nessas excursões,
Tinham águas salobras por refrescos;
E amarelos, enormes, gigantescos,
Lá batiam o queixo com sezões!

Tinham corrido já na adusta Espanha,
Todo um fértil plató sem arvoredos,
Onde armavam barracas nos vinhedos,
Como tendas alegres de campanha.

Que pragas castelhanas, que alegrão
Quando contavam cenas de pousadas!
Adoravam as cintas encarnadas
E as cores, como os pretos do sertão!

E tinham, sem que a lei a tal obrigue,
A educação vistosa das viagens!
Uns por terra partiam e estalagens,
Outros, aos montes, no convés dum brigue!

Só um havia, triste e sem falar
Que arrastava a maior misantropia,
E, roxo como um fígado, bebia
O vinho tinto que eu mandava dar!

Pobre da minha geração exangue
De ricos! Antes, como os abrutados,
Andar com uns sapatos ensebados,
E ter riqueza química no sangue! ... [1]

*

Mas hoje a rústica lavoura, quer
Seja o patrão, quer seja o jornaleiro,
Que inferno! Em vão o lavrador rasteiro
E a filharada lidam, e a mulher! [2]

Na edição de Silva Pinto:
[1] *E ter riqueza química no sangue!*
Adoptou-se a primitiva versão.
[2] *E a filharada lidam, e a mulher!...*
Adoptou-se a primitiva versão.

92 Desde o princípio ao fim é uma maçada
De mil demónios! Torna-se preciso
Ter-se muito vigor, muito juízo
Para trazer a vida equilibrada!

93 Hoje eu sei quanto custam a criar
As cepas, desde que eu as podo e empo.
Ah! O campo não é um passatempo
Com bucolismos, rouxinóis, luar.

94 A nós tudo nos rouba e nos dizima:
O rapazio, o imposto, as pardaladas,
As osgas peçonhentas, achatadas,
E as abelhas que engordam na vindima.

95 E o pulgão, a lagarta, os caracóis,
E há inda, além do mais com que se ateima,
As intempéries, o granizo, a queima,
E a concorrência com os Espanhóis.

96 Na venda, os vinhateiros de Almería
Competem contra os nossos fazendeiros.
Dão frutas aos leilões dos estrangeiros,
Por uma cotação que nos desvia!

97 Pois tantos contras, rudes como são,
Forte e teimoso, o camponês destrói-os!
Venham de lá pesados os comboios
E os «buques» estivados no porão!

98 Não, não é justo que eu a culpa lance
Sobre estes nadas! Puras bagatelas!
Nós não vivemos só de coisas belas,
Nem tudo corre como num romance!

99 Para a Terra parir há-de ter dor,
E é para obter as ásperas verdades,
Que os agrónomos cursam nas cidades,
E, à sua custa, aprende o lavrador.

100 Ah! Não eram insectos nem as aves
Que nos dariam dias tão difíceis,
Se vós, sábios, na gente descobrísseis
Como se curam as doenças graves.

101 Não valem nada a cava, a enxofra, e o mais!
Dificultoso trato das searas!
Lutas constantes sobre as jornas caras!
Compras de bois nas feiras anuais!

102 O que a alegria em nós destrói e mata,
Não é rede arrastante de escalracho,
Nem é «suão» queimante como um facho,
Nem invasões bulbosas de erva-pata.

103 Podia ter secado o poço em que eu
Me debruçava e te pregava sustos,
E mais as ervas, árvores e arbustos
Que —tanta vez! — a tua mão colheu.

«Moléstia negra» nem *charbon* não era,
Como um archote incendiando as parras!
Tão-pouco as bastas e invisíveis garras,
Da enorme legião do filoxera! [1]

Podiam mesmo, com o que contêm,
Os muros ter caído às invernias!
Somos fortes! As nossas energias
Tudo vencem e domam muito bem!

Que os rios, sim, que como touros mugem,
Trasbordando atulhassem as regueiras!
Chorassem de resina as laranjeiras!
Enegrecessem outras com ferrugem!

As turvas cheias de Novembro, em vez
Do nateiro subtil que fertiliza,
Fossem a inundação que tudo pisa,
No rebanho afogassem muita rês!

Ah! Nesse caso pouco se perdera,
Pois isso tudo era um pequeno dano,
À vista do cruel destino humano
Que os dedos te fazia como cera!

Era essa tísica em terceiro grau,
Que nos enchia a todos de cuidado,
Te curvava e te dava um ar alado
Como quem vai voar dum mundo mau.

[1] Quer na primitiva publicação, quer na edição de Silva Pinto encontra-se «o filoxera». Dizia-se assim, então.

10 Era a desolação que inda nos mina
(Porque o fastio é bem pior que a fome)
Que a meu pai deu a curva que o consome,
E a minha mãe cabelos de platina.

11 Era a clorose, esse tremendo mal,
Que desertou e que tornou funesta
A nossa branca habitação em festa
Reverberando a luz meridional.

12 Não desejemos, — nós, os sem defeitos —,
Que os tísicos pereçam! Má teoria,
Se pelos meus o apuro principia,
Se a Morte nos procura em nossos leitos!

13 A mim mesmo, que tenho a pretensão
De ter saúde, a mim que adoro a pompa
Das forças, pode ser que se me rompa
Uma artéria, e me mine uma lesão.

14 Nós outros, teus irmãos, teus companheiros,
Vamos abrindo um matagal de dores!
E somos rijos como os serradores!
E positivos como os engenheiros!

15 Porém, hostis, sobressaltados, sós,
Os homens arquitectam mil projectos
De vitória! E eu duvido que os meus netos
Morram de velhos como os meus avós!

Porque, parece, ou fortes ou velhacos
Serão apenas os sobreviventes;
E há pessoas sinceras e clementes,
E troncos grossos com seus ramos fracos!

E que fazer se a geração decai!
Se a seiva genealógica se gasta!
Tudo empobrece! Extingue-se uma **casta**!
Morre o filho primeiro de que o **pai**!

Mas seja como for, tudo se sente [1]
Da tua ausência! Ah! como o ar nos **falta**,
Ó flor cortada, susceptível, alta,
Que assim secaste prematuramente!

Eu que de vezes tenho o desprazer
De reflectir no túmulo! E medito
No eterno Incognoscível infinito,
Que as ideias não podem abranger!

Como em paul em que nem cresça a **junca**
Sei de almas estagnadas! Nós absortos,
Temos ainda o culto pelos Mortos,
Esses ausentes que não voltam nunca!

Nós ignoramos, sem religião,
Ao rasgarmos caminho, a fé perdida,
Se te vemos ao fim desta avenida
Ou essa horrível aniquilação!...

[1] Na primitiva versão: *Mas seja como for* ***tudo se sente,***

E ó minha mártir, minha virgem, minha
Infeliz e celeste criatura,
Tu lembras-nos de longe a paz futura,
No teu jazigo, como uma santinha!

E enquanto a mim, és tu que substituis
Todo o mistério, toda a santidade,
Quando em busca do reino da verdade
Eu ergo o meu olhar aos céus azuis!

III

Tínhamos nós voltado à capital maldita,
Eu vinha de polir isto tranquilamente,
Quando nos sucedeu uma cruel desdita,
Pois um de nós caiu, de súbito, doente. [1]

Uma tuberculose abria-lhe cavernas!
Dá-me rebate ainda o seu tossir profundo!
E eu sempre lembrarei, triste, as palavras ternas,
Com que se despediu de todos e do mundo!

Pobre rapaz robusto e cheio de futuro!
Não sei dum infortúnio imenso como o seu!
Viu o seu fim chegar como um medonho muro,
E, sem querer, aflito e atónito, morreu!... [2]

[1] Seu irmão Joaquim.
Na edição de Silva Pinto:
[2] *E, sem querer, aflito e atónito, morreu!*
Adoptou-se a primitiva versão.

De tal maneira que hoje, eu desgostoso e azedo
Com tanta crueldade e tantas injustiças,
Se inda trabalho é como os presos no degredo,
Com planos de vingança e ideias insubmissas.

E agora, de tal modo a minha vida é dura,
Tenho momentos maus, tão tristes, tão perversos,
Que sinto só desdém pela literatura,
E até desprezo e esqueço os meus amados versos!

Lisboa
Paris, *Ilustração*, 5 de Setembro de 1884

I

Olá! Bons dias! Em Março
Que mocetona e que jovem
A terra! Que amor esparso
Corre os trigos, que se movem
Às vagas dum verde garço!

Como amanhece! Que meigas
As horas antes de almoço!
Fartam-se as vacas nas veigas
E um pasto orvalhado e moço
Produz as novas manteigas.

Toda a paisagem se doura;
Tímida ainda, que fresca! [1]
Bela mulher, sim senhora,
Nesta manhã pitoresca,
Primaveral, criadora!

Bom sol! As sebes de encosto
Dão madressilvas cheirosas
Que entontecem como um mosto.
Floridas, às espinhosas
Subiu-lhes o sangue ao rosto.

Na edição de Silva Pinto:
[1] *Tíbida ainda, que fresca!*
A palavra *tíbida* não existe; é de aceitar a emenda proposta por Cabral do Nascimento

Cresce o relevo dos montes,
Como seios ofegantes;
Murmuram como umas fontes
Os rios que dias antes
Bramiam galgando pontes.

E os campos, milhas e milhas,
Com povos de espaço a espaço,
Fazem-se às mil maravilhas;
Dir-se-ia o mar de sargaço
Glauco, ondulante, com ilhas!

Pois bem. O Inverno deixou-nos.
É certo. E os grãos e as sementes
Que ficam doutros outonos
Acordam hoje frementes
Depois duns poucos de sonos.

Mas nem tudo são descantes
Por esses longos caminhos; [1]
Entre favais palpitantes
Há solos bravos, maninhos,
Que expulsam seus habitantes!

É nesta quadra de amores
Que emigram os jornaleiros
Ganhões e trabalhadores!
Passam *clãs* de forasteiros
Nas terras de lavradores.

[1] Na edição de Silva Pinto: *Por esses longos caminhos* Introduzimos o ponto e vírgula.

Tal como existem mercados
Ou feiras, semanalmente,[1]
Para comprarmos os gados,[2]
Assim há praças de gente
Pelos domingos calados!

Enquanto a ovelha arredonda,
Vão tribos de sete filhos,
Por várzeas que fazem onda,
Para as derregas dos milhos
E molhadelas da monda.

De roda pulam borregos;
Enchem então as cardosas
As moças desses labregos
Com altas botas barrosas
De se atirarem aos regos!

Ei-las que vêm às manadas
Com caras de sofrimento,
Nas grandes marchas forçadas!
Vêm ao trabalho, ao sustento,
Com fouces, sachos, enxadas!

Ai o palheiro das servas
Se o feitor lhe tira as chaves!
Elas chegam às catervas,
Quando acasalam as aves
E se fecundam as ervas!...

Na edição de Silva Pinto:
[1] *Ou feiras, semanalmente*
[2] *Para comprarmos os gados*
Nos dois casos anteriores, introduzimos a vírgula.

II

Ao meio-dia na cama,
Branca fidalga o que julga
Das pequenas da su'ama?!
Vivem minadas da pulga, [1]
Negras do tempo e da lama.

Não é caso que a comova
Ver suas irmãs de leite,
Quer faça frio, quer chova,
Sem uma mamã que as deite
Na tepidez duma alcova?! [2]

... ...
... ...
... ...
... ... [3]

Lisboa, *O Livro de Cesário Verde*, 1887

Na edição de Silva Pinto:
[1] *Vivem minadas da pulga*
Introduzimos a vírgula.
[2] *Na tepidez d'um alcova?!*
[3] Incompleta esta poesia. Foram os últimos versos do poeta. (Nota de Silva Pinto.)

II

Poesias não incluídas em

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

II

Sempre que o poeta os registou na primeira publicação, indicam-se, a seguir a cada poesia, em corpo itálico, o local e a data de feitura.

Em corpo redondo, mencionam-se a fonte impressa e a respectiva data em que, pela primeira vez, foi dada a lume.

Com excepção da ortografia, que se actualizou, respeitou-se inteiramente a primeira versão impressa.

Nesta edição eliminámos a poesia *Loira* (incluída nalgumas compilações anteriores) pois ela é apócrifa, e da autoria de João de Meira [1].

[1] Cf. Joel Serrão: «Um falsário de poesia», «O poema *Loira* não é de Cesário Verde», «Ainda (mas nunca mais) o poema *Loira*», in *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.os 88, 91-92, 94.

A FORCA

Já que adorar-me dizes que não podes,
Imperatriz serena, alva e discreta,
Ai, como no teu colo há muita seta
E o teu peito é peito dum Herodes,

Eu antes que encaneçam meus bigodes
Ao meu mister de amar-te hei-de pôr meta,
O coração mo diz — feroz profeta,
Que anões faz dos colossos lá de Rodes.

E a vida depurada no cadinho
Das eróticas dores do alvoroço,
Acabará na forca, num azinho,

Mas o que há-de apertar o meu pescoço
Em lugar de ser corda de bom linho
Será do teu cabelo um menos grosso.

2 de Abril de 1873
Lisboa, *Diário de Notícias*, 12 de Novembro de 1873

Num tripúdio de corte rigoroso,
Eu sei quem descobriu Vénus linfática,
— Beleza escultural, grega, simpática,
Um tipo peregrino e luminoso. —

Foi lâmpada no mundo cavernoso,
Inspiradora foi de carta enfática,
Onde a alma candente mas sem táctica,
Se espraiava num canto lacrimoso.

Mas ela em papel fino e perfumado,
Respondeu certas coisas deslumbrantes,
Que o puseram, ó céus, desapontado!

Eram falsas as frases palpitantes
Pois que tudo, ó meu Deus, fora roubado
Ao bom do *Secretário dos Amantes.*

16 de Abril de 1873
Lisboa, *Diário de Notícias,* 12 de Novembro de 1873

Ó aridas Messalinas
não entreis no santuário,
transformareis em ruínas
o meu imenso sacrário!

Oh! a deusa das doçuras,
a mulher! eu a contemplo!
Vós tendes almas impuras,
não me profaneis o templo!

A mulher é ser sublime,
é conjunto de carinhos,
ela não propaga o crime,
em sentimentos mesquinhos.

Vós sois umas vis afrontas,
que nos dão falsos prazeres,
não sei se sois más se tontas,
mas sei que não sois mulheres!

Lisboa, *Diário de Notícias*, 12 de Novembro de 1873

EU E ELA

Cobertos de folhagem, na verdura,
O teu braço ao redor do meu pescoço,
O teu fato sem ter um só destroço,
O meu braço apertando-te a cintura;

Num mimoso jardim, ó pomba mansa,
Sobre um banco de mármore assentados.
Na sombra dos arbustos, que abraçados,
Beijarão meigamente a tua trança.

Nós havemos de estar ambos unidos,
Sem gozos sensuais, sem más ideias,
Esquecendo para sempre as nossas ceias,
E a loucura dos vinhos atrevidos.

Nós teremos então sobre os joelhos
Um livro que nos diga muitas cousas
Dos mistérios que estão para além das lousas,
Onde havemos de entrar antes de velhos.

Outras vezes buscando distracção,
Leremos bons romances galhofeiros,
Gozaremos assim dias inteiros,
Formando unicamente um coração.

Beatos ou pagãos, vida *à paxá,*
Nós leremos, aceita este meu voto,
O *Flos-Sanctorum* místico e devoto
E o laxo *Cavalheiro de Flaublas*...

Porto, *Diário da Tarde*, 3 de Dezembro de 1873, num **folhetim de Silva Pinto**

LÚBRICA...

Mandaste-me dizer,
No teu bilhete ardente,
Que hás-de por mim morrer,
Morrer muito contente.

Lançaste no papel
As mais lascivas frases;
A carta era um painel
De cenas de rapazes!

Ó cálida mulher,
Teus dedos delicados
Traçaram do prazer
Os quadros depravados!

Contudo, um teu olhar
É muito mais fogoso,
Que a febre epistolar
Do teu bilhete ansioso:

Do teu rostinho oval
Os olhos tão nefandos
Traduzem menos mal
Os vícios execrandos.

Teus olhos sensuais,
Libidinosa Marta,
Teus olhos dizem mais
Que a tua própria carta.

As grandes comoções
Tu neles, sempre, espelhas;
São lúbricas paixões
As vívidas centelhas...

Teus olhos imorais,
Mulher, que me dissecas,
Teus olhos dizem mais
Que muitas bibliotecas!

Porto, *Diário da Tarde*, 3 de Dezembro de 1873, num folhetim de Silva Pinto

ELE [1]

Ao «Diário Ilustrado»

Era um deboche enorme, era um festim devasso!
No palácio real brilhava a infame orgia
E até bebiam vinho os mármores do paço.

O champagne era a rodo, o deus era a Folia;
Entre o rumor febril soltava gargalhadas,
Pálido e embriagado, o herói da monarquia.

Riam-se os cortesãos p'ras taças empinadas,
E referviam sempre os ponches palacianos,
Nas mesas de oiro e prata, em Roma cinzeladas.

Era a repercussão dos bodos luculianos!
E os áulicos boçais e os parasitas nobres
Bebiam avidamente os vinhos de mil anos.

[1] Têm interesse *documental* as considerações de Henrique Marques que acompanham a transcrição do poema. Ei-las:

«Devia ser em fins de 1879, princípios de 1880» ... [Cesário Verde] «era um rapaz alto, direito, elegante, simpático, cabelo curto, alourado, olhos azuis, vestindo sempre fato azul, de jaquetão, de corte inglês, sapatos amplos, com todo um ar britânico, que ele parecia querer aparentar; caminhava também à inglesa, passo largo, que me custava a acompanhar, quando às vezes saía com ele da redacção: foi ele que me emprestou o primeiro livro que eu li de Zola, *L'Assomoir* [...].

Leu-me ele uma vez na redacção uma poesia, que ou destinava a certo jornal ou tinha acabado de publicar, não me recordo bem. Pedi-lhe que ma deixasse copiar, ao que ele de bom grado acedeu. Ainda a tenho; e como não tinha sido incluída na colectânea do *Livro de Cesário...*»

Henrique Marques, *Memórias de Um Editor*, pp. 68-69.

Desmaiavam na rua, à fome, os Jobs, os pobres;
Em peles de leões os régios pés gozavam
E o norte nos salões gemia uns tristes dobres.

À louca, os convivas, com força, arremessavam
Garrafas de cristal a espelhos de Veneza
E à chuva, ao vento, ao frio, os povos soluçavam.

Tremia vinolenta a velha realeza,
Caíam na alcatifa os duques e os criados
E, sujos, com fragor, rolavam sob a mesa.

A púrpura nadava em vinhos transbordados, [1]
Cantava um cardeal não sei que *chansonnette*
E o espírito subia aos cérebros irados.

Era um tripúdio infrene o festival banquete!
O rei, bêbedo, enfim, vazando o copo erguido,
Quis saudar e caiu, de bruços, no tapete.

E o sultão em regra em vinhos imergido,
Pisado pelo chão, rojou-se p'ra janela.
Como um lagarto imundo, estúpido e comprido.

[1] Na cópia que utilizámos, o verso é este:
A púrpura nada em vinhos transbordados
A emenda de «nada» para «nadava» impõe-se. Todavia, desconhecemos a publicação original.

A brisa dessa noite, hiberna noite bela,
Deu na fronte real uma fugaz lufada,
E o rei, agoniado, à luz de cada estrela,

Curvou-se e vomitou nas pedras da calçada.

... ...

Na praça, de manhã, havia, ó rei brutal!
Montões de sordidez horrível e avinhada...

— Nascera o *Ilustrado* — um vómito real!

Lisboa

Publicado em folha solta, 1874 (V. Alberto Moreira, *Cesário Verde e a «Cidade Heróica»*, p. 49), e recolhido em Henrique Marques, *Memórias de Um Editor*, pp. 68-69.

IMPOSSÍVEL!

Nós podemos viver alegremente,
Sem que venham, com fórmulas legais,
Unir as nossas mãos, eternamente,
As mãos sacerdotais.

Eu posso ver os ombros teus desnudos,
Palpá-los, contemplar-lhes a brancura,
E até beijar teus olhos tão ramudos,
Cor de azeitona escura.

Eu posso, se quiser, cheio de manha,
Sondar, quando vestida, p'ra dar fé,
A tua camisinha de *bretanha*,
Ornada de *crochet*.

Posso sentir-te em fogo, escandecida,
De faces cor-de-rosa e vermelhão,
Junto a mim, com langor, entredormida,
Nas noites de Verão.

Eu posso, com valor que nada teme,
Contigo preparar lautos festins,
E ajudar-te a fazer o *leite-creme*,
E os mélicos pudins.

Eu tudo posso dar-te, tudo, tudo,
Dar-te a vida, o calor, dar-te *cognac*,
Hinos de amor, vestidos de veludo,
E botas de duraque.

E até posso com ar de rei, que o sou!
Dar-te cautelas brancas, minha rola,
Da grande loteria que passou,
Da boa, da espanhola,

Já vês, pois, que podemos viver juntos,
Nos mesmos aposentos confortáveis,
Comer dos mesmos bolos e presuntos,
E rir dos miseráveis.

Nós podemos, nós dois, por nossa sina,
Quando o Sol é mais rúbido e escarlate,
Beber na mesma chávena da China,
O nosso chocolate.

E podemos até, noites amadas!
Dormir juntos dum modo galhofeiro,
Com as nossas cabeças repousadas,
No mesmo travesseiro.

Posso ser teu amigo até à morte,
Sumamente amigo! Mas por lei,
Ligar a minha sorte à tua sorte,
Eu nunca poderei!

Eu posso amar-te como o Dante amou,
Seguir-te sempre como a luz ao raio,
Mas ir, contigo, à Igreja, isso não vou,
Lá nessa é que eu não caio!

Lisboa
Porto, ***Diário da Tarde,* 20 de Janeiro de 1874**

ECOS DO REALISMO

LÁGRIMAS

Ela chorava muito e muito, aos cantos,
Frenética, com gestos desabridos;
Nos cabelos, em ânsias desprendidos,
Brilhavam como pérolas os prantos.

Ele, o amante, sereno como os santos,
Deitado no sofá, pés aquecidos,
Ao sentir-lhe os soluços consumidos,
Sorria-se cantando alegres cantos.

E dizia-lhe então, de olhos enxutos:
— «Tu pareces nascida da rajada,
«Tens despeitos raivosos, resolutos;

«Chora, chora, mulher arrenegada;
«Lagrimeja por esses aquedutos...
— «Quero um banho tomar de água **salgada.»**

Lisboa
Porto, *Diário da Tarde*, 21 de Janeiro de 1874

ECOS DO REALISMO

PROH PUDOR!

Todas as noites ela me cingia
Nos braços, com brandura gasalhosa;
Todas as noites eu adormecia,
Sentindo-a desleixada e languorosa.

Todas as noites uma fantasia
Lhe emanava da fronte imaginosa;
Todas as noites tinha uma mania
Aquela concepção vertiginosa.

Agora, há quase um mês, modernamente,
Ela tinha um furor dos mais soturnos,
Furor original, impertinente...

Todas as noites ela, ah! sordidez!
Descalçava-me as botas, os coturnos,
E fazia-me cócegas nos pés...

Lisboa
Porto, *Diário da Tarde*, 22 de Janeiro de 1874

ECOS DO REALISMO

MANIAS!

O mundo é velha cena ensanguentada,
Coberta de remendos, picaresca;
A vida é chula farsa assobiada,
Ou selvagem tragédia romanesca.

Eu sei um bom rapaz, — hoje uma ossada —,
Que amava certa dama pedantesca,
Perversíssima, esquálida e chagada,
Mas cheia de jactância quixotesca.

Aos domingos a deia, já rugosa,
Concedia-lhe o braço, com preguiça,
E o dengue, em atitude receosa,

Na sujeição canina mais submissa,
Levava na tremente mão nervosa,
O livro com que a amante ia ouvir missa!

Lisboa
Porto, *Diário da Tarde*, 23 de Janeiro de 1874

HEROÍSMOS

Eu temo muito o mar, o mar enorme,
Solene, enraivecido, turbulento,
Erguido em vagalhões, rugindo ao vento;
O mar sublime, o mar que nunca dorme.

Eu temo o largo mar, rebelde, informe,
De vítimas famélico, sedento,
E creio ouvir em cada seu lamento
Os ruídos dum túmulo disforme.

Contudo, num barquinho transparente,
No seu dorso feroz vou blasonar,
Tufada a vela e n'água quase assente,

E ouvindo muito ao perto o seu bramar,
Eu rindo, sem cuidados, simplesmente,
Escarro, com desdém, no grande mar!

Lisboa
Porto, *Diário da Tarde*, 7 de Fevereiro de 1874

CANTOS DA TRISTEZA [1]

Talvez já te não lembres, triste Helena,
Dos passeios que dávamos sozinhos,
À tardinha, naquela terra amena,
No tempo da colheita dos bons vinhos. [2]

Talvez já te não lembres, pesarosa,
Da casinha caiada em que morámos,
Nem do adro da ermida silenciosa,
Onde nós tantas vezes conversámos. [3]

Talvez já te esquecesses, ó bonina,
Que viveste no campo só comigo,
Que te osculei a boca purpurina,
E que fui o teu sol e o teu abrigo.

Que fugiste comigo da Babel,
Mulher como não há nem na Circássia,
Que bebemos, nós dois, do mesmo fel,
E regámos com prantos uma acácia.

[1] Esta poesia, amputada de 9 quadras, que se assinalam aqui, foi publicada em *O Livro de Cesário Verde* com o título «Setentrional». Acontece que *todas* as quadras dadas a lume por Silva Pinto — *e só essas* — haviam sido já transcritas num artigo da autoria do organizador de *O Livro* sob o título de «Cesário Verde», estampado em *Diário da Tarde* (20-3-1874), ou seja, pouco mais de um mês após a publicação integral dessa poesia no mesmo jornal. Em suma: em 14 de Fevereiro de 1874, Cesário publica a poesia *Cantos da Tristeza*, tal como agora se reproduz; em 20 de Março do mesmo ano, sem qualquer menção a esse respeito, Silva Pinto exemplifica a poesia do seu amigo com as mesmíssimas quadras que 13 anos depois haveriam de aparecer em *O Livro*.

[2] e [3] Quadras suprimidas na edição de Silva Pinto.

Talvez já te não lembres com desgosto
Daquelas brancas noites de mistério,
Em que a Lua sorria no teu rosto
E nas lajes campais do cemitério. [1]

Talvez já se apagassem as miragens
Do tempo em que eu vivia nos teus seios,
Quando as aves cantando entre as ramagens
O teu nome diziam nos gorjeios. [2]

Quando, à brisa outoniça, como um manto,
Os teus cabelos de âmbar, desmanchados,
Se prendiam nas folhas dum acanto,
Ou nos bicos agrestes dos silvados. [3]

E eu ia desprendê-los, como um pajem
Que a cauda solevasse aos teus vestidos, [4]
E ouvia murmurar à doce aragem
Uns delírios de amor, entristecidos. [5]

Quando eu via, invejoso, mas sem **queixas,**
Pousarem borboletas doudejantes
Nas tuas formosíssimas madeixas,
Daquela cor das messes lourejantes. [6]

Na edição de Silva Pinto:
1 *E nas lajes que estão no cemitério.*
2 Quadra suprimida na edição de Silva Pinto.
3 *Ou nos bicos agrestes dos silvados,*
4 *Que a cauda solevasse aos teus vestidos;*
5 *Uns delírios de amor, entristecidos;*
6 *Daquela cor das messes loirejantes,*

E no pomar, nós dois, ombro com ombro,
Caminhávamos sós e de mãos dadas,
Beijando os nossos rostos sem assombro,
E colorindo as faces desbotoadas. [1]

Quando, Helena, bebíamos, curvados,
As águas nos ribeiros remansosos,
E, nas sombras, olhando os céus amados,
Contávamos os astros luminosos. [2]

Quando, uma noite, em êxtases caímos
Ao sentir o chorar dalgumas fontes,
E os cânticos das rãs que sobre os limos
Quebravam a soidão dos altos montes. [3]

E assentados nos rudes escabelos,
Sob os arcos de murta e sobre as relvas,
Longamente sonhámos sonhos belos,
Sentindo a fresquidão das verdes selvas. [4]

Quando ao nascer da aurora, unidos ambos
Num amor grande como um mar sem praias [5]
Ouvíamos os meigos ditirambos
Que os rouxinóis teciam nas olaias. [6]

Na edição de Silva Pinto:
[1] *E colorindo as faces desbotadas;*
[2], [3] e [4] Quadras suprimidas na edição de **Silva Pinto.**
[5] *Num amor grande como um mar sem praias,*
[6] *Que os rouxinóis teciam nas olaias*

E, afastados da aldeia e dos casais,
Eu contigo, abraçado como as heras,
Escondidos nas ondas dos trigais.
Devolvia-te os beijos que me deras. [1]

Quando, se havia lama no caminho,
Eu te levava ao colo sobre a greda,
E o teu corpo nevado como arminho
Pesava menos que um papel de seda. [2]

*

Talvez já te esquecesses dos poemetos,
Revoltos como os bailes do Casino,
E daqueles byrónicos sonetos
Que eu gravei no teu peito alasbastrino. [3]

De tudo certamente te esqueceste,
Porque tudo no mundo morre e muda,
E agora és triste e só como um cipreste,
E como a campa jazes fria e muda. [4]

Esqueceste-te, sim, meu sonho querido, [5]
Que o nosso belo e lúcido passado
Foi um único abraço comprimido,
Foi um beijo, por meses, prolongado. [6]

Na edição de Silva Pinto:
[1] *Devolvia-te os beijos que me deras;*
[2] *Pesava menos que um papel de seda...*
[3], [4] e [6] Quadras suprimidas na edição de Silva Pinto.
[5] Na primitiva publicação:
Esqueceste sim, meu sonho querido,
Corrigiu-se o verso de acordo com a lição das duas quadras anteriores e da 3.ª, a p. 124.

E foste sepultar-te, ó serafim,
No claustro das Fiéis emparedadas,
Escondeste o teu rosto de marfim
No véu negro das freiras resignadas.

E eu passo tão calado como a Morte [1]
Nesta velha cidade tão sombria,
Chorando aflitamente a minha sorte
E prelibando o cálix da agonia.

E, tristíssima Helena, com verdade,
Se pudera na terra achar suplícios,
Eu também me faria gordo frade
E cobriria a carne de cilícios.

Porto, *Diário da Tarde*, 14 de Fevereiro de 1874

Na edição de Silva Pinto:
[1] *E eu passo, tão calado como a Morte,*

Eu hei-de lhe falar lugubremente
Do meu amor enorme e massacrado,
Falar-lhe com a luz e a fé dum crente.

Hei-de expor-lhe o meu peito descarnado,
Chamar-lhe minha cruz e meu Calvário,
E ser menos que um Judas empalhado.

Hei-de abrir-lhe o meu íntimo sacrário
E desvendar a vida, o mundo, o gozo,[1]
Como um velho filósofo lendário.

Hei-de mostrar, tão triste e tenebroso,
Os pegos abismais da minha vida,
E hei-de olhá-la dum modo tão nervoso,

Que ela há-de, enfim, sentir-se constrangida,
Cheia de dor, tremente, alucinada,
E há-de chorar, chorar enternecida!

E eu hei-de, então, soltar uma risada...

Lisboa
Porto, *Diário da Tarde*, 12 de Março de 1874

[1] Na primitiva publicação:
E, desvendar a vida, o mundo, o gozo,

ESPLÊNDIDA

Ei-la! Como vai bela! Os esplendores
Do lúbrico Versailles do Rei-Sol
Aumenta-os com retoques sedutores.
É como o refulgir dum arrebol
Em sedas multicores.

Deita-se com languor no azul celeste
Do seu *landau* forrado de cetim;
E os seus negros corcéis que a espuma veste,
Sobem a trote a rua do Alecrim,
Velozes como a peste.

É fidalga e soberba. As incensadas
Dubarry, Montespan e Maintenon
Se a vissem ficariam ofuscadas
Tem a altivez magnética e o bom-tom
Das cortes depravadas.

É clara como os *pós à marechala,*
E as mãos, que o *Jock Club* embalsamou,
Entre peles de tigres as regala;
De tigres que por ela apunhalou,
Um amante, em Bengala.

É ducalmente esplêndida! A carruagem
Vai agora subindo devagar;
Ela, no brilhantismo da equipagem,
Ela, de olhos cerrados, a cismar
Atrai como a voragem!

Os lacaios vão firmes na almofada;
E a doce brisa dá-lhes de través
Nas capas de borracha esbranquiçada,
Nos chapéus com roseta, e nas librés
De forma aprimorada.

E eu vou acompanhando-a, corcovado,
No *trottoir,* como um doido, em convulsões,
Febril, de colarinho amarrotado,
Desejando o lugar dos seus truões,
Sinistro e mal trajado.

E daria, contente e voluntário,
A minha independência e o meu porvir,
Para ser, eu poeta solitário,
Para ser, ó princesa sem sorrir,
Teu pobre trintanário.

E aos almoços magníficos do Mata [1]
Preferiria ir, fardado, aí,
Ostentando galões de velha prata,
E de costas voltadas para ti,
Formosa aristocrata!

Lisboa
Lisboa, *Diário de Notícias,* 22 de Março de 1874

[1] João da Mata, proprietário dum restaurante, situado na Rua do Carmo, muito frequentado por literatos.

Se a minha amada um longo olhar me desse
Dos seus olhos que ferem como espadas,
Eu domaria o mar que se enfurece
E escalaria as nuvens rendilhadas.

Se ela deixasse, extático e suspenso
Tomar-lhe as mãos *mignonnes* e aquecê-las,
Eu com um sopro enorme, um sopro imenso
Apagaria o lume das estrelas.

Se aquela que amo mais que a luz do dia,
Me aniquilasse os males taciturnos,
O brilho dos meus olhos venceria
O clarão dos relâmpagos nocturnos.

Se ela quisesse amar, no azul do espaço,
Casando as suas penas com as minhas,
Eu desfaria o Sol como desfaço
As bolas de sabão das criancinhas.

Se a Laura dos meus loucos desvarios
Fosse menos soberba e menos fria,
Eu pararia o curso aos grandes rios
E a terra sob os pés abalaria.

Se aquela por quem já não tenho risos
Me concedesse apenas dois abraços,
Eu subiria aos róseos paraísos
E a Lua afogaria nos meus braços.

Se ela ouvisse os meus cantos moribundos
E os lamentos das cítaras estranhas,
Eu ergueria os vales mais profundos
E abateria as sólidas montanhas.

E se aquela visão da fantasia
Me estreitasse ao peito alvo como arminho,
Eu nunca, nunca mais me sentaria
Às mesas espelhentas do Martinho.

Lisboa
Lisboa, ***Diário de Notícias***, 22 de Março de 1874

VAIDOSA

Dizem que tu és pura como um lírio
E mais fria e insensível que o granito,
E que eu que passo aí por favorito
Vivo louco de dor e de martírio.

Contam que tens um modo altivo e sério,
Que és muito desdenhosa e presumida,
E que o maior prazer da tua vida,
Seria acompanhar-me ao cemitério.

Chamam-te a bela imperatriz das fátuas,
A déspota, a fatal, o figurino,
E afirmam que és um molde alabastrino,
E não tens coração, como as estátuas.

E narram o cruel martirológio
Dos que são teus, ó corpo sem defeito,
E julgam que é monótono o teu peito
Como o bater cadente dum relógio.

Porém eu sei que tu, que como um ópio
Me matas, me desvairas e adormeces
És tão loira e doirada como as messes
E possuis muito amor... muito *amor-próprio.*

Porto, *Harpa,* n.° 14, 1.ª série, 1874

CADÊNCIAS TRISTES [1]

A João de Deus

Ó bom João de Deus, ó lírico imortal,
Eu gosto de te ouvir falar timidamente
Num beijo, num olhar, num plácido ideal;
Eu gosto de te ver contemplativo e crente,
Ó pensador suave, ó lírico imortal!

[1] Publicada, pela primeira vez, na *Tribuna,* 52, 1874, sob o pseudónimo de *Margarida.* Vinte e um anos depois, em 1895, foi republicada na *Revista Portuguesa,* da direcção de Joaquim de Araújo, n.° 4, Março, a pp. 148-149, onde apareceu subscrita por *Cesário Verde,* e acompanhada da seguinte nota da redacção: «o simples nome de *Margarida* constituía a assinatura destes formosos versos, quando Cesário Verde os enviou a João de Deus.»

E fico descansada, à noite, quando cismo
Que tentam proscrever a sensibilidade,
E querem denegrir o cândido lirismo;
Porque o teu rosto exprime uma serenidade,
Que vem tranquilizar-me, à noite, quando cismo!

O enleio, a simpatia e toda a comoção
Tu mostras no sorriso ascético e perfeito;
E tens o edificante e doce amor cristão,
Num trono de bondade, a iluminar-te o peito,
Que é toda a melodia e toda a comoção!

Poeta da mulher! Atende, escuta, pensa,
Já que és o nosso irmão, já que és o nosso mestre,
Que ela, ou doente sempre ou na convalescença,
É como a flor de estufa em solidão silvestre,
Ao tempo abandonada! Atende, escuta, pensa.

E, ó meigo visionário, ó meu devaneador,
O sentimentalismo há-de mudar de fases;
Mas só quando morrer a derradeira flor
É que não hão-de ler-se os versos que tu fazes,
Ó bom João de Deus, ó meu devaneador!

Lisboa, Outubro
Tribuna, n.º 52, 1874

DESASTRE

Ele ia numa maca, em ânsias, confrafeito,
Soltando fundos ais e trémulos queixumes;
Caíra dum andaime e dera com o peito,
Pesada e secamente, em cima duns tapumes.

A brisa que balouça as árvores das praças,
Como uma mãe erguia ao leito os cortinados,
E dentro eu divisei o ungido das desgraças,
Trazendo em sangue negro os membros ensopados.

Um preto, que sustinha o peso dum varal, [1]
Chorava ao murmurar-lhe: «Homem não desfaleça!»
E um lenço esfarrapado em volta da cabeça,
Talvez lhe aumentasse a febre cerebral.

Flanavam pelo Aterro os dândis e as *cocottes,*
Corriam *char-à-bancs* cheios de passageiros
E ouviam-se canções e estalos de chicotes,
Junto à maré, no Tejo, e as pragas dos cocheiros.

Viam-se os quarteirões da Baixa: um bom poeta,
A rir e a conversar numa cervejaria,
Gritava para alguns: «Que cena tão faceta!
Reparem! Que episódio!» Ele já não gemia.

[1] Aquilo que se lê na gravura publicada por Alberto Moreira em *Cesário Verde e a «Cidade Heróica»*, Porto, 1963, p. 22, é «... o peso duma vara». Mas a rima com «cerebral» impõe «varal». Deve tratar-se de gralha.

Findara honradamente. As lutas, afinal,
Deixavam repousar essa criança escrava,
E a gente da província, atónita, exclamava:
«Que providências! Deus! Lá vai para o hospital!»

Por onde o morto passa há grupos, murmurinhos;
Mornas essências vêm duma perfumaria,
E cheira a peixe frito um armazém de vinhos,
Numa travessa escura em que não entra o dia!

Um fidalgote brada a duas prostitutas:
«Que espantos! Um rapaz servente de pedreiro!»
Bisonhos, devagar, passeiam uns recrutas
E conta-se o que foi na loja dum barbeiro.

Era enjeitado, o pobre. E, para não morrer,
De bagas de suor tinha uma vida cheia;
Levava a um quarto andar cochos de cal e areia,
Não conhecera os pais, nem aprendera a ler.

Depois da sesta, um pouco estonteado e fraco,
Sentira a exalação da tarde abafadiça;
Quebravam-lhe o corpinho o fumo do tabaco
E o fato remendado e sujo da caliça.

Gastara o seu salário — oito vinténs ou menos —,
Ao longe o mar, que abismo! e o sol, que labareda!
«Os vultos, lá em baixo, oh! como são pequenos!»
E estremeceu, rolou nas atracções da queda.

O mísero a doença, as privações cruéis
Soubera repelir — ataques desumanos!
Chamavam-lhe garoto! E apenas com seis anos
Andara a apregoar diários de dez-réis.

Anoitecia então. O féretro sinistro
Cruzou com um *coupé* seguido dum correio,
E um democrata disse: «Aonde irás, ministro!
Comprar um eleitor? Adormecer num seio?»

E eu tive uma suspeita. Aquele cavalheiro,
— Conservador, que esmaga o povo com impostos —,
Mandava arremessar — que gozo! estar solteiro! —
Os filhos naturais à roda dos expostos...

Mas não, não pode ser... Deite-se um grande véu...
De resto, a dignidade e a corrupção... que sonhos!
Todos os figurões cortejam-no risonhos
E um padre que ali vai tirou-lhe o solidéu.

E o desgraçado? Ah! Ah! Foi para a vala imensa,
Na tumba, e sem o adeus dos rudes camaradas:
Isto porque o patrão negou-lhes a licença,
O Inverno estava à porta e as obras atrasadas.

E antes, ao soletrar a narração do facto,
Vinda numa local hipócrita e ligeira,
Berrara ao empreiteiro, um tanto estupefacto:
«Morreu!? Pois não caísse! Alguma bebedeira!»

Lisboa.
Porto, *O Porto,* 30 de Outubro de 1875

NUM ÁLBUM

I

És uma tentadora: o teu olhar amável
Contém perfeitamente um poço de maldade,
E o colo que te ondula, o colo inexorável
Não sabe o que é paixão, e ignora o que é **bondade.** [1]

II

Quando me julgas preso a eróticas cadeias
Radia-te na fronte o céu das alvoradas,
E quando choro então é quando garganteias
As óperas de Verdi e as árias estimadas.

III

Mas eu hei-de afinal seguir-te a toda a parte,
E um dia quando eu for a sombra dos teus passos,
Tantos crimes terás, que eu hei-de processar-te,
E enfim hás-de morrer na forca dos meus braços.

Lisboa

J. Leite de Vasconcelos e Ernesto Pires, *Cancioneiro Portuguez* / collecção de poesias inéditas / dos / Principaes poetas portuguezes — Primeiro anno — 1879-1880 — / Porto / Typ. Occidental Editora / 66, Rua da Fábrica, 66 / 1880.

[1] No original está *maldade;* deve tratar-se de gralha.

III

CARTAS

III

CARTAS

Com excepção da ortografia, que se actualizou, respeitou-se inteiramente a primeira versão impressa, indicada *in loco*. No caso das cartas a João de Sousa Araújo, dadas a lume nesta edição, transcreveram-se com a exactidão possível os respectivos manuscritos.

A JOÃO DE SOUSA ARAÚJO

Este conjunto de cartas, escritas dos dezasseis para os dezassete anos, foi encontrado por Pedro da Silveira num alfarrabista lisboeta que as vendeu à Portugália Editora.

1

Meu estimado amigo [1]

Estou realmente envergonhado por não ter respondido há mais tempo à sua prezada carta, porém, os muitos afazeres e um poucochinho de incúria, me têm obstado a cumprir com o meu dever pelo que peço mil perdões ao meu caro amigo (permita-me o tratamento).

É com bastante sentimento, que lhe tenho a dizer, que o não posso satisfazer no seu pedido de lhe enviar o meu retrato, pois o não tenho agora, mas estou brevemente para o tirar e então o remeterei. No entretanto muito me obsequiará se me mandar o seu pelo que lhe ficarei muito grato.

Quanto ao escrever-lhe farei a diligência para o fazer o maior número de vezes possível.

Pelos jornais que tenho lido vejo que as festas da Rainha Santa estiveram esplêndidas e daqui colijo que o amigo devia gozar bastante, o que muito estimo.

Lisboa, 20-7-71

Seu muito amigo e obrigado

J. J. Cesário Verde

[1] João de Sousa Araújo (1848-?) — Aspirante da Repartição de Fazenda de Coimbra (desde 1867), fixar-se-ia em Lisboa, como funcionário do Ministério da Fazenda (a partir de 1876).

Jornalista e escritor, publicou: *Quadras do Século*, Coimbra, 1869. Fundou o periódico coimbrão *O Partido Liberal* (1875) e foi sócio fundador da Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses. Colaborou abundantemente na imprensa da época, sobre temas políticos, literários e teatrais.

Esteve noivo da irmã de Cesário, Júlia, prematuramente falecida (1872).

2

Meu caro amigo

Tenho a pedir-lhe mil perdões pelo meu insólito procedimento, não lhe agradecendo o seu retrato, logo depois de o ter recebido, como era meu dever, o que agora gostosamente faço.

Conforme as suas ordens remeto-lhe o meu retrato, pedindo ao meu amigo, me queira igualmente desculpar pela demora.

Setembro está próximo e por isso me alegro lembrando-me que gozarei algum tempo da sua selecta conversação.

[Agosto? de 1871]

Disponha deste seu muito amigo

J. J. Cesário Verde

3

Meu prezadíssimo amigo

A carta que teve a bondade de me escrever foi recebida em tempo competente, e não tenho respondido por motivos alheios à minha vontade.

Disse-me ontem minha irmã [1] (com bastante surpresa e pesar meu), que o meu caro amigo estava doente, e eu vi-a tão oprimida e tão entristecida, que não tive ânimo para lhe pedir mais informações, o que fez com que eu me apresse a escrever-lhe, para saber de que doença sofre e se é grave.

Creia-me que fico esperando impaciente a sua resposta, pois tenho bastante receio, que a sua saúde fosse seriamente alterada.

Conforme as suas ordens tenho visto se na Cruz Quebrada há alguma carta para si, mas até agora não tem havido nenhuma.

Diz-me na sua carta que seja bastante extenso, mas eu temo que à força de ser longo me torne fastidioso, pois a falta de

[1] Sua irmã Júlia, noiva de João de Sousa Araújo.

assunto, e o que ainda é mais a pouca habilidade, da pena, necessariamente farão a carta mais estólida possível.

Linda-a-Pastora, desde que o amigo partiu para Coimbra, muito me está aborrecendo, porque passo ali, uma vida muito estúpida, não havendo já aquelas celebérrimas cavalhadas, que tanto nos divertiam.

Também a estação já não permite a estada no campo, pois ora chove a cântaros, ora faz frio de rachar as pedras. No sábado cheguei a Lisboa gelado até à medula dos ossos, proveniente da chuva, hoje a mesma coisa proveniente do frio.

Desculpe a maçada que lhe tenho dado, e o que lhe desejo é que quando receber esta tenha experimentado sensíveis melhoras.

Lisboa, 14-11-71

Seu muito amigo muito obrigado

J. J. Cesário Verde

4

Meu prezadíssimo amigo

O princípio das minhas cartas devia-o mandar imprimir, (à laia das circulares) para me tirar o trabalho de lhe estar sempre a dizer a mesma coisa, pedindo-lhe desculpa de não ter escrito mais cedo, e alegando para isso razões falsas. Ora como eu não sou mentiroso por gosto, e como a franqueza nos crimes veniais é circunstância muito atenuante, quando o juiz é indulgente e honra com a sua amizade o pobre réu, contrito lhe confesso quem é o cúmplice no meu delito.

É a preguiça a causa primordial dos meus crimes, e se o amigo não estivesse tão longe, ver-me-ia corar de vergonha pelo meu desleixo. Espero pois ansioso a sua absolvição.

Muito estimei saber que o meu caro amigo tinha experimentado melhoras sensíveis, e eu estou convencido que seguindo o tratamento aconselhado pelo médico, breve se achará de todo

restabelecido. O que eu lhe diga que deve fazer, é divertir-se o mais possível, para se distrair, porque a meu ver tristezas não pagam dívidas. Creia que tudo isto é para seu bem.

Cumpre-me agradecer-lhe a sua extrema bondade mandando-me os 3 números do *Jornal da Noite* e 1 número da *Iberia*.

Li os seus folhetins sobre a Ermida de Castrómino [1], e na minha humilde opinião acho que foram traçados por mão de mestre. Quem os ler e que não conheça o autor, julgará que foram ditados pela cabeça dum velho e erudito pensador, já muito versado nas lides literárias, e não pela precoce mas já muito robusta inteligência dum rapaz novo.

Tenho a certificar-lhe que o meu caro nunca me importuna mandando-me produtos da sua lavra, mas que pelo contrário muito gosto me dará nisso.

Apesar dos seus, aliás muito convincentes, argumentos sobre o campo cada vez estou mais aborrecido por viver nele [2].

A família de meu tio Gregório já se retirou para Lisboa, e nós com esta falta passamos aqui as noites mais intoleráveis do universo; deitamo-nos muito cedo, por causa de uns abrimentos de boca, que nos apoquentam logo ao anoitecer.

Eu cá ainda tenho a distracção de passar todo o dia na Lysbia amada, porém a minha família que não goza das mesmas vantagens, já tem imensos desejos de se recolher à capital do reino lusitano.

Aceite um protesto de sincera amizade do seu

[Novembro? de 1871]

muito amigo e obrigado

José Joaquim Cesário Verde

[1] Folhetins a propósito do romance de Teixeira de Vasconcelos, *A Ermida de Castrómino*, publicado em 1870.

[2] Cerca de dez anos depois, Cesário evocará no poema «Nós» essas longas férias familiares em Linda-a-Pastora:

E o campo, desde então, segundo o que me lembro,
É todo o meu amor de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos
Desde o calor de Maio aos frios de Novembro!

5

Meu caro amigo

É meu imperioso dever o agradecer-lhe com profundo reconhecimento a sua jovial carta de 30 de Novembro, o livro de Pereira Rodrigues [1], e os dous números do *Tribuno Popular* [2], que teve a bondade de me remeter.

À vol d'oiseau li os seus escritos reprovando o restabelecimento das ordens religiosas em Espanha, vendo com prazer que os golpes que deu no seu rude adversário foram de gladiador consumado, e ficando ainda mais convencido que o amigo é defensor acérrimo das ideias liberais, no que é muito digno de louvor. Note que não lhe digo isto por lisonja pois não sou pródigo em frases encomiásticas, mas sim por ser a verdade, embora ela ofenda a sua modéstia. Mas voltando à vaca fria, (na frase familiar) muito m'admiro que ainda haja um jornal, que, arrostando a animadversão pública, ouse sustentar doutrinas reaccionárias com tanta protérvia. De cá lhe mando um bravo pelo castigo que deu na feroz *Nação*. [3]

Por ter voltado a fazer parte da redacção do *Tribuno* não sei se lhe dê os parabéns, se os pêsames, porque, se por um lado tem mais um esperançoso horizonte diante de si, por outro lado, também tem mais maçada sem apanágio, a não ser a glória de bons artigos com que lá colabore.

Recebi sem desprazer a benéfica sentença, com que me cominou, e tenha a certeza que ainda que houvesse Supremo Tribunal de Justiça para apelar, não usaria dos meus direitos.

Descrever-lhe o júbilo que me assaltou ao ler as suas duas últimas cartas, é incompatível com a minha débil pena. Passar do grave ao alegre, do austero ao humorístico é um facto que não pode ser indiferente ao meu coração, que é todo regozijo. Eu fujo a sete pés de tudo o que é sério, sisudo, severo, etc., etc., porque

[1] José Maria Pereira Rodrigues (1837-1885) — Funcionário aduaneiro, em Lisboa, foi jornalista, crítico teatral e político. Deputado em 1874. Publicou, entre outras obras: *O Prestidigitador*, com a colaboração de Eduardo Coelho; *Ensaios Literários*, 1863; *Uma Troca de Maridos*, 1869.

[2] Jornal coimbrão, no qual Sousa Araújo colaborava.

[3] Jornal católico e tradicionalista, com o qual, após a sua conferência sobre *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* (1871), Antero de Quental polemicou.

lhe acho um cheirozinho a incenso, que me faz lembrar as antigas naves dos lúgubres conventos, que repercutem d'eco os fúnebres passos dos ferais monges [1].

Estava para me dirigir ao João do Armazém taverneiro e ínclito juiz de Linda-a-Pastora, para alcançar privilégio de saloio, quando por participações semi-oficiais, soube que partiríamos para Lisboa lá para 11 ou 12 do corrente. A não ser isto, já teria enviado plenipotenciário junto do Il.mo e Ex.mo Snr. Joaquim da Silva Lavra para entabular negociações tendentes a restabelecer ligações mais amigáveis que as actuais.

Quanto a D. Isidora encontrei-a antes de ontem e teve o cuidado de me perguntar pela sua saúde e de lamentar a sua ausência.

Dos nossos passeios diurnos e nocturnos, não me esqueci, não me esqueço, e não me esquecerei. Daquele belo açoite aplicado com látego de cinco correias sobre o ás de copas do pobre homem da Rua dos Fanqueiros, e da sua fleugmática resposta, ainda me recordo. Da roliça e descorada cara do Cócó [2] (agora eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa!) inda me lembro. Da nossa vertiginosa corrida *acaburro* diante do *char-a-banc* em Pedroiços, da queda do palafrém, da perda da luneta e da libra e do rasgão nas calças jamais me esquecerei. Agora sério. Tive bastante pena que o Graça [3] esteja com uma doença tão funesta como a que ataca o pulmão — a tísica. É um rapaz com quem simpatizei,

[1] Esta nota anticlerical, tão comum à inteligência portuguesa da época, tão inseparável no contexto nacional das aspirações liberais e socialistas, foi uma das características das *Conferências do Casino*, levadas a efeito alguns meses antes da redacção desta carta.

[2] José Gregório Rosa Araújo (1840-1893). A partir dos 13 anos de idade ligado ao negócio paterno de confeitaria, tornaram-se célebres, em Lisboa, os pastéis que fabricava, designados por *cocós*.

Rosa Araújo é uma das mais típicas e significativas figuras da vida lisboeta no último quartel do século passado. Importante dirigente de empresas, além da confeitaria familiar, é eleito vereador municipal em 1871. A partir de então, boa parte da sua vida está intimamente ligada à transformação por que passa Lisboa, na década de 1880. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, devem-se-lhe, entre outras iniciativas, a construção do Mercado da Praça da Figueira e a abertura da Avenida da Liberdade que se sobreporia ao Passeio Público.

Burguês dos quatro costados, recusou o título de visconde, com que D. Luís pretendeu homenageá-lo.

[3] Quem é este Graça? Há vestígios de um José Maria da Graça Afreixo, nascido em 1842, bacharel em Direito e que se dedicou à publicação de livros de natureza pedagógica, e que teria sido convivente de João de Sousa Araújo, em Coimbra. Será a este que Cesário se refere? Será?

porque me pareceu sincero e despido de todas essas imposturas com que tantos por aqui se pavoneiam.

Desculpe a caligrafia que é péssima por duas razões: pelo artífice e por estar muito frio, fazendo-me tremer muito a mão. Tenha saúde como a deseja para si o seu

Lisboa, 6-12-71

muito amigo e obrigadíssimo

J. J. Cesário Verde

6

Meu amigo

Não respondi logo à sua última carta porque o tenho esperado em Linda-a-Pastora, mas como até hoje não viesse, apresso a escrever-lhe para saber se o motivo por que não tem vindo é a falta de saúde. Espero, que terá dado ouvidos aos meus conselhos e aos das pessoas sensatas e experientes, tendo resignação e firmeza com a sorte. As suas más ideias de morrer já não as terá, assim o creio. Nós continuamos por aqui até ao fim do mês, segundo diz meu pai.

Minha mãe é que não tem vontade de ir para Lisboa, onde as dores se lhe avivarão. Continua muito inconsolável, chorando desde manhã até à noite com o seu inesgotável coração de mãe. Nós sempre pesarosos sentimos com inquebrantável pena a irreparável falta daquele anjo [1]. Não é só o meu amigo que sofre, porque não era só a amá-la, mas o tempo o eterno gastador tudo modifica.

[1] Sua irmã Júlia, falecida em 1872, que Cesário Verde **evocará, tão sentidamente**, no seu poema «Nós»:

E foi num ano pródigo, excelente,
Cuja amargura nada sei que adoce,
Que nós perdemos essa flor precoce,
Que cresceu e morreu rapidamente.

Minha família, toda, muito se recomenda tanto ao amigo como a seu pai, assim como meu tio Gregório e minha tia Cristina; muito agradecendo esta a sua bondade remetendo-lhe o seu retrato.

Espera notícias da sua saúde e envia-lhe um saudoso abraço o seu

Linda-a-Pastora, 20/Outubro/72

sempre muito amigo

J. J. Cesário Verde

A SILVA PINTO

Das cartas dirigidas a Silva Pinto e aqui reunidas, onze foram publicadas por este no seu livro de memórias *Pela Vida Fora — 1870-1900*, s/d., pp. 34-46. Aquela a que nesta compilação atribuímos o n.° 9 foi dada à estampa na revista *Vértice*, Coimbra, vol. III, n.° 43, Janeiro de 1947, pp. 183-184. As cartas n.°s 13 e 14 foram reveladas por Alberto Moreira, *Cesário Verde e a «Cidade Heróica»*, Porto, 1963, sem indicação de fontes.

Como mostrou Pedro da Silveira, algumas destas cartas foram datadas erradamente por Silva Pinto. Posto o embargo, seria curial seriá-las cronologicamente de nova maneira. Mas a respeito de algumas não há quaisquer indícios que permitam fazê-lo. Respeitámos, pois, a ordem da fonte utilizada, indicando, todavia, as que são de data discutível.

1

Meu amigo

Acontece chegar enfim a ocasião de te escrever. Tenho visitado três vezes o Fernando Leal [1] no Hospital Militar e foi ele quem me fez ciente duma carta quase muito justa e cheia de exprobações, tua. Pobre rapaz! Também nervoso, também febril, e engaiolado num quarto que servia a doidos furiosos, com grade na porta, para ser espreitado, por lá passeia como uma fera, indomável mas incorruptível. Falta-lhe o sangue, e na janela que deita para o jardim inglês da Estrela não dá nunca o sol.

Resta-lhe a consolação dum capote que lhe deram, de uniforme, marcado nas costas como dum forçado. Ele queria ir aquecer-se para o outro lado, para o oriente, mas não o pode convenientemente, porque se encontraria com os soldados rasos! E não te deve passar que aquele sítio se chama a Estrela: é frio como a alta serra do mesmo nome. Da última vez, quando subi, havia nevoeiro, e, não sei se foi diferença de temperatura, se foi doença que vagava aborrecida pelos corredores e que quis vir comigo, o que sei é que tive uma febre violenta, indefinida pelo velho clínico daqui. Eu nunca tivera febre, e sentindo grandes arripios pela espinha dorsal, detestáveis, estava vendo se ia ceder à moléstia: se ia perder a minha autonomia — e delirar. Eu nunca delirei. Cambaleante, pela dieta, custando-me a equilibrar o edifício da minha estatura cá vou indo menos mal. A facilidade com que tudo isto se desmorona!

Parece que os homens baixos se formam melhor na vida. Recebi agora 14 números atrasados da «Voz». O teu trabalho quotidiano lido à medida que o vais produzindo admira, mas em

[1] Fernando Leal (1846-1910). — Militar de profissão, dedicou-se também às letras, publicando *Elefantes e Monstros* (1876), traduzido de Méry; *Reflexos e Penumbras* (1880); *Relâmpagos* (1888); *Livro da Fé* (1898); *Palmadas na Pança de John Bull* (1884); *Foguete de Guerra Oferecido a Camilo Castelo Branco.*

bloco espanta. Como diabo conseguiste tu multiplicar as faculdades? Peço-te o favor de me dizeres de que meio propício te resulta uma soma tão enorme e tão certa.

1875 [1]

Do teu

Cesário Verde

2

Meu bom Silva Pinto

Recebi e agradeço a tua carta. Cá vou vivendo cheio de trabalho comercial. Estes últimos dias tenho tido algumas novidades.

— Ontem à noite, quando saía da loja encontrei o Henrique das Neves [2] que me disse isto: — «O Teófilo [3] leu os seus versos

[1] Segundo conjectura de Pedro da Silveira, esta carta seria datada de 1879.

[2] Henrique José das Neves (1841-1915). — Portuense, seguiu a carreira militar, tendo alcançado o posto de general de brigada, em que se reformou no ano de 1897. Jornalista e escritor. Publicou: *Individualidades* (1910) e *Esbocetos Individuais* (1911).

[3] Dir-se-ia que aí Cesário mostra estranheza pelo comentário de Teófilo. Que diabo!, logo o Teófilo e o Ramalho que tanto considerava... E pede ao seu mais dilecto amigo, que também o é de Teófilo, que lhe explique este paradoxo: esperava aplauso dos revolucionários e, afinal, pedradas é que recebe...

Que Teófilo não tinha em grande conta a poesia de Cesário parece evidente: na sua obra *Parnaso Português Moderno* (1877), antologia da poesia que aos olhos do organizador era representativa desse tempo, não aparece o nome de Cesário; e, no entanto, estão lá representados poetas como Cândido de Figueiredo, Sousa Viterbo, Bettencourt Rodrigues, Cláudio José Nunes, Luís de Campos...

É verdade que, então, Cesário Verde não tinha publicado ainda os seus grandes poemas. Mas alguns dos representados na antologia nem até aí, nem depois, os produziram.

Por certos indícios (referências respeitosas nestas cartas a Teófilo), suponho que posteriormente as suas relações melhoraram. Como explicar, doutra forma, que, em 1882, tenha estado prestes a sair um jornal,

e, falando a respeito do Guilherme de Azevedo [1], disse que este era talvez o único que no futuro poderá representar a poesia moderna, por ser quem trilha a verdadeira senda; tanto mais que se apresenta agora uma nova turba de rapazes que andavam mal.

«E referindo-se à sua «Esplêndida» [2] censurou que um homem, para captar as simpatias de uma mulher, desça ao lugar dos lacaios. Disse que um poeta amante e moderno devia ser trabalhador, forte e digno e não se devia rebaixar assim.» Dize francamente o que pensas disto.

Julgo dever absolver o Gomes Leal [3] da frieza que me mostrou. Explicou-me a causa. Disse-me que eu não obrara bem marcando um prazo certo para os meus versos serem publicados no «Diário de Notícias» e exigindo do Eduardo Coelho [4] que eles

---

O Mercantil, cujos redactores principais deviam ser Cesário Verde, Teófilo Braga e João de Deus?

Quanto à decepção de Cesário acerca dos comentários de Ramalho e de Teófilo, ver Mariano Pina (*Ilustração*, Agosto de 1886). Diz bem claramente: «Isto [a crítica de Ramalho] melindrou a princípio Cesário Verde, que esperava aplausos do lado dos grandes revolucionários.»

[1] Guilherme de Azevedo (1839-1882). — Poeta e jornalista. Autor de: *Aparições* (1867), *Radiações da Noite* (1871) e *Alma Nova* (1874). Sofre, como Cesário, a influência de Baudelaire. Fundador, com Rafael Bordalo Pinheiro, do *António Maria* (1879) e do *Álbum das Glórias* (1880). Com Guerra Junqueiro, escreveu a *Viagem à Roda da Parvónia*, revista teatral que não teve êxito. De 1880 a 1882, foi correspondente em Paris (onde morreu) da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Ver, sobre a sua personalidade: Ramalho Ortigão, *Farpas*, tomo III, p. 215; Fialho de Almeida, *Os Gatos*, e, acerca da sua poesia, Antero, *Prosas*, II vol., p. 193.

[2] V. esse poema de Cesário na 2.ª parte deste livro.

[3] Apesar do esforço de Cesário para se não deixar dominar por rancorzinhos literários, estes são aqui evidentes. Dir-se-ia que a Cesário incomodava a aura ascendente do seu émulo. Cesário sofreu sempre muito por não ser compreendido e valorizado como literato. Ver, a esse respeito, o final muito significativo da carta 7 a Macedo Papança.

Quanto aos sentimentos de Gomes Leal, sei apenas que dedicou a Cesário um dos poemas das *Claridades do Sul* (1.ª edição). Mas isso, só por si, é pouco para extrair qualquer ilação segura.

António Salgado Júnior apontou (*Comércio do Porto*, 21 de Fevereiro de 1955) a influência de Gomes Leal na poesia de Cesário a partir de 1876. Não a descortino. E pergunto se certo ar de parentesco que, por vezes, as suas composições possam apresentar não derivam antes de ambos terem bebido em fontes comuns: Vítor Hugo, Guilherme Braga, *(Heras e Violetas*, 1869). Acerca de Guilherme Braga, ninguém ainda escreveu com maior penetração que José Gomes Ferreira no estudo que lhe dedicou na *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, vol. II.

[4] Eduardo Coelho, fundador e director do *Diário de Notícias*, tivera origens muito modestas. Na mocidade, fora caixeiro da loja do Sr. José Anastácio Verde, pai de Cesário. Pela mão de Eduardo Coelho, se estreou

saíssem primeiramente que a «Justiça» [1] dele. Não sei. Os meus estavam lá havia muito e os dele foram entregues então.

Leste com certeza a «Justiça». Eu gostei muito. É incontestável que ele é uma individualidade literária. Destaca-se de todos os mais.

Ele concordou em que havia sujeitos que nos intrigavam. Diziam-lhe que eu dizia mal dele e diziam-me que ele dizia mal de mim. Agora creio que estamos bem. *As Tragédias* não mas entregou ainda. O Bettencourt [2] apresentou-me o Coelho de Carva-

---

Cesário como poeta em Novembro de 1873, no jornal que dirigia. Nesse jornal foram publicados os versos que deram origem à severa reprimenda de Ramalho, e, mais tarde, a ele voltou com a publicação, em 1878, de *Num bairro moderno.* Um dos poemas do *Livro de Cesário Verde, De verão,* é dedicado a Eduardo Coelho.

Aquando da morte de Cesário, o *Diário de Notícias* (20-7-1886) publicou a seguinte nota: «Finou-se ontem, numa casa do Lumiar, onde fora restabelecer-se de pertinaz enfermidade dos pulmões, um moço de notável talento e do qual recebemos aqui, em dias jubilosos de primaveras sem cuidados, alguns frutos brilhantes. Era Cesário Verde, poeta apreciável e de distintas prendas de carácter. Por causa do comércio a que se dedicava seu honrado pai, e para o descansar de longos trabalhos, deixara-se desde algum tempo de cultivar as musas e entregara-se à vida comercial, entrando com amor e desassombro no deve e haver da sua casa. A constituição fraca e a enfermidade, que já o minava, não permitiram, infelizmente, que Cesário Verde prosseguisse em vida tão laboriosa. A doença apagou-lhe todos os sorrisos e destruiu-lhe todas as esperanças. A sua morte é prematura e sentida.»

[1] Com efeito, o poema de Gomes Leal, *Justiça,* foi publicado no *Diário de Notícias,* depois dos poemas de Cesário. Essa poesia não está reunida nas *Claridades do Sul.*

[2] Bettencourt Rodrigues, António Maria (1854-1933). — Médico alienista, formado pela Universidade de Paris no ano da morte de Cesário (1886). Republicano, foi preterido num concurso para a vaga de director do Manicómio de Lisboa. Por tal motivo, ausentou-se para o Brasil em 1892. Proclamada a República, regressa a Portugal em 1913. É nomeado ministro plenipotenciário de Portugal em Paris. Amigo e partidário de Sidónio Pais. Em 1926, ministro dos Negócios Estrangeiros.

Além de obras da sua especialidade médica, publicou: *Vinte e Oito Meses no Ministério dos Estrangeiros; Por Estradas e Atalhos.*

Dele, diz Silva Pinto no livro de memórias *Pela Vida Fora,* p. 26: «Bettencourt Rodrigues é hoje [1900] o distinto médico alienista que foi para o Brasil em busca da recompensa do seu valor. Vivemos em prolongada intimidade em Lisboa, em 72 e 73, e mais tarde no Porto, onde fomos colegas na *Actualidade.* Houve na sua vida um demorado período de boémia e de privações alegremente suportadas. Depois tomou *juízo,* foi estudar em Paris e tornou-se o notável clínico que o seu país conhece, admira... e deixou partir.

lho [1]. Não me parece mau rapaz. De resto mostra-se-me afeiçoado e sabe alguns versos meus de cor, o que, francamente, me lisonjeia.

Desculpa, meu Silva Pinto, estas minuciosidades que talvez te façam rir. Hoje é dia santo e disponho de tempo.

Conheces um rapaz chamado Cristóvão Aires [2] de quem o Tomás Ribeiro [3] diz muito bem? Foi-me apresentado. Julgo-o um pouco estouvado, mas um bom coração, que se deixa levar pelas primeiras impressões. No dia seguinte àquele em que me conheceu foi levar-me a casa uma poesia que me é dedicada e em que me aconselha a que siga a escola do Sentimento, ou antes a que escreva apenas o que sinto. A poesia tem um certo perfume oriental. Diz ele que a mandará para o «Diário Popular». Verás...

Disseram-me que o Guimarães Fonseca [4] leu no Martinho um folhetim em que me descompõe, e que bastantes rapazes to-

---

«Querido país!

«Também fez versos o Bettencourt, mas deixou-se disso.»

Colaborou com poesias no *Mosaico*, ao lado de Cesário, Gomes Leal e outros.

No seu livro de memórias, *Por Estradas e Atalhos*, 1931, fala largamente de Guerra Junqueiro, Gomes Leal, João Penha — mas quanto a Cesário nem uma palavra.

[1] Coelho de Carvalho, Joaquim José (1855-1934). — Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, seguiu a carreira diplomática. Pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa, da qual foi presidente.

Legou as seguintes obras: *Generalização da História do Direito Romano* (1875); *De la Caractéristique des Actes de Commerce* (1875); *D. Pedro I, 8.° rei de Portugal; Madrid, Barcelona, Nice e Mónaco — Cartas a Cesário Verde* (1888); *Versos* (1884); *Carta de Conselho* (a El-Rei) (1889); *O Vitalismo na Arte* (1905) e as peças teatrais: *Casamento de Conveniência, O Filho Doutor, A Ponte* e *Infelicidade Legal*.

Traduziu também obras de Virgílio, Coppée, Augier, Shakespeare, Telui y Codina, Molière e os *Salmos*.

[2] Cristóvão Aires (1853-1930). — Como Fernando Leal, natural da Índia, seguiu a carreira militar, tendo alcançado o posto de general. Publicou: *Indianas e Portuguesas, Novos Horizontes, Íntimas, Anoitecer* e *Cinzas ao Vento*, versos; *Lantejoulas* e *Longínquas*, contos; *História Orgânica e Política do Exército Português*, em 20 volumes; *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular*, 4 vols.; *História da Cavalaria Portuguesa*, 4 vols.; *Para a História da Academia das Ciências de Lisboa*.

[3] Tomás Ribeiro, quando esteve na Índia, é que descobrira o talento de Cristóvão Aires. Fez com que viesse para Lisboa, a prosseguir os seus estudos.

[4] Guimarães Fonseca (nascido em 1838). — Bacharel e escritor. A partir de 1872, colabora na Imprensa.

Publicou: *Carta de um Solitário ao Primeiro Jornalista Português António Rodrigues Sampaio* (1864); *A Virtude dos Anjos* (1864); *Cântico dos Cânticos* (1865); *A Literatura Ramalhada, a Propósito dos Srs. Cas-*

maram a minha defesa e pediram que o retirasse. Creio porém que sairá, mas não sei quando. Embora; parece-me que não me incomodará.

Aquele rapaz alto, — o Seixas [1] —, disse-me que te tinha escrito, mas que julgava que a carta se perdera, porque não tinha ainda recebido resposta.

1875 [2]

O teu

C. V.

3

Meu irmão

Escrevo-te sobre uma secretária comercial, cheia de papéis, de livros, de notas, de trinta mil coisas que me tornam muito positivo e prático. [3]

Eu não sou como muitos que estão no meio dum grande ajuntamento de gente e completamente isolados e abstractos. A mim o que me rodeia é o que me preocupa, e para te falar com delicadeza profunda sobre o que me dizes deve decerto deparar-se-me ocasião melhor.

São realmente coisas tão finas, tão delicadas, essas de que me falas, que eu tenho medo de as maltratar lançando sobre elas

---

tilho e Ramalho Ortigão (1866); *A Fada, Poema de Amor*, Coimbra, 1866; *A Dama das Violetas; Os Lazaristas pelo Lazarista Sena Freitas.* Tradutor de *A Dama das Camélias* e de *Rafael* de Lamartine.

[1] Barros de Seixas, jornalista e poeta, autor de *Cantos Modernos* (Lisboa, 1879).

[2] Segundo Pedro da Silveira, esta carta seria de 1874.

[3] Esta nota, que se repete, sobre o trabalho comercial de Cesário, demonstra que só nas horas vagas ele foi literato. Antes do mais, está a loja, a escrita comercial, as ordens paternas. Ao invés de Gomes Leal ou de Silva Pinto, nunca ele foi profissional senão de comércio. Literatura e boémia só nas fugas... — e, especialmente a partir de 1880, cada vez mais espaçadas.

palavras pouco meditadas, e que te dariam uma ideia menos verdadeira de mim.

Olha: às vezes as crianças falam a verdade; eu ignoro tudo o que te tem envolvido e tenho também a inexperiência e a ignorância das crianças, mas peço-te humildemente uma coisa muito simples: não te precipites!

Lembra-te de que a gente se arrepende hoje do que fez ontem e naturalmente se arrependerá amanhã do que faz hoje. Se alguém te aconselhar, escuta-o, mesmo que ele pareça atrevido.

Todos te querem bem, e eu, meu querido amigo, desejo a tua felicidade como a minha própria, e tu, decerto, a minha como a tua; com a diferença, que tu, quando me guias, pensas serenamente, e eu, quando penso em ti, faço-o também com sossego e sem febre.

Um grande abraço leal e sério do teu

1875

Cesário Verde

4

Meu amigo

Apesar do teu silêncio a duas ou três cartas, quero dizer-te o que penso.

É *soberba* a tua resposta a esse insuportável Dominici.

Fez-me estremecer, por vezes.

Dá-lhe, que eu sinto vontade de lhe dar sem dó nem consciência.

Não o tolero!

1875

O teu verdadeiro

Cesário Verde

5

Meu prezadíssimo Silva Pinto

À sórdida e estúpida doença que eu tinha sobreveio uma hérnia que me levou à cama, há 8 dias. Tenho sofrido dores insuportáveis. Estou em Linda-a-Pastora, isto é, a 2 léguas ou mais de Lisboa, e com poucas comunicações para ali. O nosso Bettencourt [1] sabe onde é, porque ia muito a Oeiras. Hoje é o 1.º dia que tenho de melhoras. As tuas duas cartas, assim como grande número de jornais, estiveram retardados em Lisboa. Só hoje recebi tudo junto.

Cá li o «Palco». Não era preciso ver as tuas iniciais para conhecer os teus artigos. Vais fazer um grande serviço, inaugurando uma crítica teatral completamente independente, sem intrigas de bastidores, sem contemplações de amizades, nem ódios particulares. Sê justo, ou antes sede justos, porque falo também ao bom Bettencourt. [2] Tu, e agora falo só contigo, não te deixes levar por entusiasmos; modera-os.

Nessas lutas de Imprensa, quem está longe é que analisa friamente. Toma sempre cuidado com as frases que empregares, quer para divinizar, quer para destruir. Não vás agora pensar que eu te estou dando conselhos. Não. Quero mostrar-te mais uma vez que sou teu amigo. Escuta sempre a voz dos sensatos e dos moderados; é necessário conformares-te, amoldares-te com eles. Entre o público, entre a grande massa é que tu hás-de criar glória...

És um carácter excepcional!

Tenho às vezes vontade de benzer-me com a mão esquerda, quando leio os teus artigos e as tuas cartas! Pois um homem que vive em pleno idílio tem tanto fogo e tanta vida para as coisas exteriores do seu mundo. Eu, no teu caso, tinha um completo indiferentismo por tudo aquilo que não fosse do meu ninho de amor.

Não compreendo, e admiro.

Não vi ainda a tua carta em resposta ao Camilo. [3] Calcula a minha impaciência. Cuidado, porém, nos exageros. Vê lá!

[1] e [2] V. nota 2 a p. 184.

[3] Trata-se da célebre polémica entre Camilo e Silva Pinto. Depois duma polémica à «velha portuguesa», fizeram as pazes, tornaram-se amigos, e Silva Pinto ficou, pela vida fora, discípulo do grande escritor. Ver, a este respeito, António Ferrão, *Camilo e Silva Pinto.*

Como eu não vou tão depressa a Lisboa peço-te o obséquio de escreveres ao João de Deus [1] dizendo-lhe o que há a respeito dos artigos. Dirige a carta para o *Martinho*.

— Dispõe de mim, e faze por te conservares, ou antes, por vos conservardes na terra da promissão.

1875 [2]

Um abraço saudosíssimo do teu

Cesário Verde

6

Meu querido irmão

Que tem havido?

Não me escreves, não me dizes em que param essas coisas; disse-me o Gomes de Sousa [3], agora, que não lhe respondeste a uma carta. Tens estado incomodado?

[1] João de Deus exerceu influência na poesia do Cesário da primeira fase. Não é verdade que versos como estes do poema *Lúbrica*...

Do teu rostinho oval
Os olhos tão nefandos
Traduzem menos mal
Os vícios execrandos

evocam a presença do poeta do *Campo de Flores*? Lembre-se que a poesia *Cadências Tristes*, publicada sob o pseudónimo de *Margarida*, constitui uma homenagem a João de Deus.

Este passo mostra a existência de relações pessoais entre os dois poetas.

[2] Segundo conjectura de Pedro da Silveira, esta carta seria de 1880.

[3] Deste Gomes de Sousa, só é possível afirmar-se, sobretudo tendo em vista a carta n.º 14, na qual reaparece, que se trata de um convivente de Silva Pinto.

Quando cheguei ontem julgava que havia de encontrar notícias tuas; nem uma! A última vez estavas de mau humor. Imagina.

Eu estava lendo *O Mistério de Edwin Drood* do Dickens, debaixo duns parreirais, sobre um comprido poial de pedra; era quase noite e custava-me a ver. O romance tem umas cenas sossegadas de cidade pequena de Inglaterra, quase campo; se tu lesses compreenderias melhor o sossego, a quietação, a simplicidade mesmo, que eu sentia no meio daquela paz do livro e da natureza. De vez em quando lembrava-me se seriam horas de chegar o moço de Lisboa. Nisto, chegou a tua carta, e magoou-me, fez-me mal tu dizeres-me que notavas em mim uma certa quedazinha para teu crítico: em mim! Nunca mais penses que eu te possa dizer senão lealdades de amigo; e se tu conhecesses a indiferença com que eu vejo as acções dos outros não o terias pensado. Tanto me importa a mim que eles pratiquem duma maneira ou doutra, bem ou mal. A ti digo-te o muito que me inspiras.

Mas não insisto nesta explicação.

Nem tu o faças.

A Companhia Americana consolida-se? Precisas dalguma coisa daqui, em Lisboa? Não hesites comigo.

Hoje, pela manhã, quando vinha de casa, encontrei o Bonança [1], que me contou aquelas cenas sujas do Centro. Perguntei-lhe se tinham organizado alguma coisa no Porto. Ele disse que sim, e eu para o ouvir estranhei-lhe, como reparos meus, que tu, que tens sido vítima destas lutas, não fosses consultado aí. Diz ele que escreveu e que te vai escrever novamente, mas que um de lá lhe afirmara que tu vivias num grande apartamento, isolado de política.

Tenho guardado cá o teu Montesquieu e ontem, quando fui mexer nuns livros, é que me lembrei que não to mandara ainda. São difíceis de cintar para irem pelo correio e juntamente os outros dois volumes que me emprestaste. Como deve ser?

[1] João Bonança (1836-1924). — Tendo «atirado a sotaina aos pés do vigário capitular Américo», fez-se jornalista, historiador e propagandista das ideias republicanas. Dirigiu *O Trabalho,* no qual Silva Pinto iniciou a sua carreira jornalística.

Segundo informação de Cândido da Nazaré a Luís Amaro de Oliveira (*Subsídios...*, p. 31), Cesário comparticipou com certa intensidade na propaganda revolucionária, tendo secretariado uma assembleia republicana presidida por Ramalho Ortigão. Nesta carta, Cesário mostra-se a par das vicissitudes da referida propaganda.

O Luís de Andrade [1] ainda te não deu o Planche? [2]

P. S. — O alto das cartas escrevo-o sempre depois da carta feita. Faço-as na loja e pode alguém ver ao passar o tratamento que nos damos.

Sabes tu que se riria — o Comércio?!

1875

Teu amigo *exclusivo, único e excepcional,*

Cesário Verde

7

Bom e querido irmão

Está realmente um calor de Inferno e não sabes ainda que o recebi de chapa, uns dias, nos arredores de Setúbal até Palmela. Fui lá em serviço da casa, numa diligência de cobrança, que falhou naturalmente — pela aptidão do cobrador.

Andei smpre com o Henrique das Neves [3], um bom caminheiro, que em vão tentou cansar-me numas digressões à hora do meio-dia.

Ele recebeu uma carta do Luís de Andrade, anunciando-lhe «300 páginas de prosa mais ou menos digerível» — textual. Pa-

[1] Luís de Andrade. — Escritor brasileiro, nascido na cidade do Recife, em 1849. Estudou preparatórios em Coimbra e seguiu o Curso Superior de Letras, 1873-75. Foi, pois, colega de Silva Pinto e de Cesário Verde no ano de 1873. Publicou, em 1876, com um prefácio de Guerra Junqueiro, *Caricaturas em Prosa.*

[2] Supomos tratar-se de «restos» do Curso Superior de Letras. Planche é autor de um *Cours de Littérature Grecque.* E uma das cadeiras do Curso era a História das Literaturas Grega e Latina, na qual, de resto, Cesário não teve aproveitamento... Luís de Andrade prosseguiu o Curso e teria continuado a precisar do manual.

[3] V. nota 2 a p. 182.

rece que vêm precedidas dum tónico do Junqueiro.[1] Modéstia. Bem! Encontrei também na minha importante viagem o Luciano[2], que está a banhos na foz do Sado, e houve discussões estéticas e políticas, em voz tão alta, que Setúbal chegava às janelas debruçando-se. Já tens notado que estou hoje em boas disposições ligeiras e alegres: não gostas de me ver assim?

Tu desconfias que do *País*[3] segredem insinuações para o *Progressista*[4] a teu respeito e por causa dos «Enjeitados»? Não sei se me pareceu ver essa desconfiança no artigo que traz uma dedicatória do Ennes[5], mas era talvez melhor tê-lo dito para que não imaginem vaidade o que não é. Não achas?

[1] *Caricaturas em Prosa,* Lisboa, 1876, com um prefácio de Guerra Junqueiro.

[2] Luciano Cordeiro (1844-1900). — Primeiro, oficial de marinha; logo a seguir, abandona essa carreira. De 1865 a 1867, Curso Superior de Letras. Jornalismo na *Revolução de Setembro,* em cuja direcção substitui temporariamente A. Rodrigues Sampaio. Professorado. Funcionalismo superior. Geografia: fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa; estudos sobre os descobrimentos marítimos. Comparticipação no centenário de Camões (1880).

Regenerador; deputado.

Colonialista: desempenhou papel de relevo na Conferência de Berlim (1885), como membro da delegação portuguesa.

Ao tempo do seu encontro com Cesário, na foz do Sado, eram mais modestas as suas funções: vogal e secretário da comissão encarregada de estudar e projectar a reforma do ensino artístico, conservação dos monumentos históricos e formação de museus nacionais.

Além de numerosa bibliografia histórica e geográfica, publicou: *Livro de crítica; arte e literatura portuguesa de hoje,* Porto, 1869; *Ciência e Consciência; Da Literatura como Revelação Social.*

Dele escreve Silva Pinto:

«Por aquela época [1873], Na *Revolução de Setembro,* onde Rodrigues Sampaio forjava o artigo de fundo, instalara-se um grupo literário e jornalístico, que prestou extraordinários serviços à liberdade do pensamento em Arte, atacando e demolindo falsos prestígios e abrindo caminho aos que não possuíam nem reclamavam pergaminhos da Literatura *oficial.* O chefe do grupo, ou cenáculo iconoclasta, era Luciano Cordeiro, a quem dediquei o meu primeiro livrinho e com quem, mais tarde, por deplorável equívoco, fiquei mal, tendo por fim reatado as minhas velhas relações de amizade e consideração com esse inquebrantável, ilustrado e honrado trabalhador.»

Silva Pinto, *Pela Vida Fora,* pp. 6-7.

[3] Jornal do partido progressista que se publicou em Lisboa, de 1873 a 1876.

[4] *Jornal coimbrão* (1871-83).

[5] *António* José *Ennes* (1848-1901). Formado pelo Curso Superior de Letras, António Ennes dedicou-se com brilho ao jornalismo, ao teatro, à política. Autor de peças teatrais que deram brado, como *Os Lazaristas,*

Se as notícias teatrais te dão elasticidade, fazem-te talvez inimigos pequeninos que influem na vida diária do homem, mas que não são lançados, como peso, na história grande do literato. Não me explico bem claramente? Essas questões não chegam fora do local e do tempo em que interessam e roubam-te decerto à crítica, sobre a Valentina [1], por exemplo, na qual me têm falado diversas vezes, com insistência. Da gazeta [2] encontrei ontem cá 6 números cintados num só maço.

A tua carta é tão sossegada e doce! É para mim, unicamente para mim, como as minhas são para ti, unicamente para ti. A do Fernando [3] era outra coisa, era literária apenas.

Esses alferes! Compreendo que só para lhe perguntares por mim o ouviste repisar. Obrigado por esse esforço que avalio!

A poesia pediu-ma o Tomás de Melo. [4]

É verdade: Pedi na semana passada ao Andrade, a favor de um rapaz modesto e bom cornetista, José Rodrigues.

Julgo que não gostaste do sujeito!

1875 [5]

Teu com toda a alma

Cesário Verde

---

após o Ultimatum inglês de 1890, assumiu o dificílimo cargo de ministro da Marinha e do Ultramar. No ano seguinte, era Comissário Régio em Moçambique, cargo que desempenhou de maneira notável.

[1] *Valentina de Lucena,* pseudónimo literário de Maria Amália Vaz de Carvalho.

[2] *Gazeta do Porto,* onde então Silva Pinto colaborava.

[3] V. nota 1 da p. 181.

[4] D. Tomás de Fletcher de Melo Homem (1836-1906), escritor e jornalista. Autor de: *Cenas de Lisboa* (Lisboa, 1874), *Boémia Antiga* (Id., 1879), etc..

[5] Segundo Pedro da Silveira, esta carta «é, incontestavelmente, de 1876».

8

Meu querido irmão

Procurei o Leão [1] que me disse ser o Bonança [2] o mais competente para o que queres; acrescentou que a *Democracia* [3] dava 400 réis e só aos que revêem as provas todas — os revisores, e que a maior parte dos redactores não recebia nada.

Depois procurei o Bonança [4] no Centro da rua do Norte, na rua de S. Boaventura, na Biblioteca Pública e no *Martinho,* donde escrevo. Ninguém sabe onde ele mora.

Escrevi-lhe uma carta, expondo-lhe o facto. Devem entregar-lha esta noite e eu peço-lhe a resposta para amanhã. Ele vem aqui, provavelmente logo.

Não te digo mais nada porque vejo que estás numa situação [5] em que não se ouve com sossego os que parecem muito sossegados da sua vida, como a ti te parecerá que eu estou.

Estás enganado. Eu sinto os teus desgostos deveras como se fossem meus, ou mais. Se eu pudesse remediá-los!

Um abraço de conforto se o pode haver.

1875

Teu do coração

Cesário Verde

[1] António Pinto Leão de Oliveira (1846-1898), médico e propagandista da República?

[2] V. nota 1 da p. 190.

[3] *Democracia,* jornal republicano, publicado de 1873 a 1879. Colaboração de: Latino, Magalhães Lima, Oliveira Martins.

[4] V. nota 1 da p. 190.

[5] «Houve então na minha vida» — escreve Silva Pinto evocando esta época — «um período que foi a minha Idade Média — em trevas e incubações de coisas. Passei de um *Jornal da Tarde* a um *Porto,* daí a uma *Gazeta do Porto,* depois, a um *Diário Português,* jornais pobríssimos, efémeros, onde eu despendi seiva para uma nova Enciclopédia. Alternavam as polícias correccionais com os conflitos pessoais... Foi esse o período iluminado e aquecido pelas cartas de Cesário Verde, e mal suspeitava o meu grande amigo as torturas reais — do isolamento, da miséria, e de toda a espécie de traições — que me entenebreciam a vida.» *Pela Vida Fora,* p. 51.

9

Meu muito amigo

Tenho visto o imenso trabalho que o jornal te dá e que te deve cansar e não censuro, por isso, a tua falta de cartas. Mas para não esperdiçar tempo escreve-me agora uma coisa qualquer, pequena, com notícias de ti, da tua saúde, dos teus projectos desse momento.

Recebi com alguns dez ou doze dias de atraso «Os Jesuítas» [1], segundo verifiquei pela marca do correio. Eu estava lendo nessa tarde um livro de Quinet [2] sobre o assunto e em meio da leitura passei para o teu panfleto com uma grande facilidade de ideias.

Notei desta vez uma coisa em ti: a alegria manifestada no *bon mot*, talvez violenta, com ímpetos; mas a alegria, e em ti, o que tanto me alegra! Eu não sei bem o que digo mas quer-me parecer que a Igreja estará morta desde que se prove a todos que a Moral pública moderna é incompatível com a sua moral. Portugal precisa de propaganda científica, e tu pelo estilo, pelo estudo, pelo carácter podias, devias aproveitar esta quadra para uma explosão de panfletário; mas sempre com o ponto de vista da verdade, da ciência e fugindo da política de *clocher* que se desvanece logo e não chega a distância. Os homens da *Enciclopédia* [3] é que estarão, talvez, fora da filosofia de hoje e ainda há bem pouco eu vi no Max Muller [4] um engano, uma *bevue* (não sei traduzir) do Voltaire, uma tolice crassa para hoje que a lin-

[1] Publicado em 1877, até 1880 teve 3 edições. Esta carta, que não é datada, deve, pois, ser de 1877.

[2] Edgar Quinet (1803-1875) — Escritor e historiador francês que exerceu influência notável na formação mental da geração de 1870. Antero de Quental, por exemplo, acusa a sua influência, nas *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, sobretudo no tocante ao antijesuitismo.

[3] A velada reserva de Cesário deve referir-se a afirmações de Silva Pinto no referido opúsculo, como esta:

«Por fiador da minha afirmação dar-lhe-ei Diderot, o colosso da *Enciclopédia* — não desagrade a V. Ex.ª a citação do ímpio...»

Jesuítas, 3.ª ed., p. 12.

[4] Max Muller, célebre filólogo alemão, cuja *La Science du Langage* ia, em 1876, na sua terceira edição francesa. A 1.ª publicação, *Lectures on the Science of Language*, é de 1860. Tentámos encontrar no germanicamente grosso volume o passo a que Cesário faz referência. Não o conseguimos. Talvez nos tenha escapado, ou a obra que Cesário lia seria outra do mesmo autor.

guística se adiantou tanto, e assentou as bases da Ciência das religiões. Explica-me, meu querido amigo, quando tiveres vagar, as tuas ideias a este respeito, e aclara-me as minhas que eu tenho a franqueza de te confessar a ti, porque é a ti, que estão um tanto obscuras. [1]

O teu retrato é dos melhores, é característico: Parece que te voltaste, de repente, a responder a uma insolência, ferido, orgulhoso. Bem vi que tinha a data dos teus anos.

Esqueci-me?

Esta semana tenho estado doente bastante, do estômago, da cabeça, de tudo, sempre agoniado e enevoado. Aquele artigo do Teófilo sobre o Camilo que fala em disciplina mental faz-me pensar no que eu devo seguir; agora há uns poucos de dias que não leio. Estou à espera que saia a última edição do dicionário de medicina do Littré para me estudar. Que te parece? Achas extravagante.

Que queres, se não me sinto bem em parte nenhuma e ando cheio de ansiedades de coisas que não posso nem sei realizar.

Despede-se com uma grande saudade

[1877]

O teu

Cesário Verde

[1] Esta confissão não surpreende. Pela sua cultura autodidáctica e pelo seu temperamento, Cesário não é homem dado a abstracções. «A mim» — diz ele — «o que me rodeia é o que me preocupa.» E no poema *Nós* confessa:

O meu ânimo verga na abstracção,
Com a espinha dorsal dobrada ao meio;
Mas se de materiais descubro um veio
Ganho a musculatura dum Sansão!

Assim é. É ver como em *Nós* ele perde toda a força quando discorre. Só em reacção ao ambiente, ao concreto, Cesário evidencia a sua originalidade.

10

Meu velho amigo

Tínhamos combinado, o Fernando [1], o Coelho de Carvalho [2] e eu, ir hoje ao Lazareto [3], para te ver, para te avistar ao menos; mas por mim, pela minha parte, não posso agora sair daqui. Vim acompanhado por meu pai.

E amanhã, meu amigo, amanhã nem estarei na loja, nem te esperarei no caminho de ferro. Vivo em Linda-a-Pastora, sempre. Escreve-me uma carta formidável, assim que chegares ao Porto, assim que sossegares o teu espírito. Não sei o que te escreva agora, eu, para te fazer bem!

Um raro abraço.

1879

Teu

Cesário Verde

11

Meu bom amigo

Achei-te contrafeito na tua última carta; pareceu-me que procuravas enchumaçar as pequenas coisas que tinhas para me dizer; que distanciavas as linhas e engrossavas as letras. — Eu, se te não escrevo mais vezes e com mais expansão, não é por falta de sentir, é por motivo material.

[1] V. nota 1 da p. 181.

[2] V. nota 1 da p. 185.

[3] De regresso do Brasil, esteve Silva Pinto 8 dias de quarentena no Lazareto, assim como todos os seus companheiros de viagem. «Chegaram-me ao Lazareto» — diz ele em *Pela Vida Fora* — «cartas de boas-vindas, de João de Deus, Emília das Neves, Cesário Verde e Fernando Leal.» Logo que teve *alta,* Silva Pinto tomou o comboio em Santa Apolónia e dirigiu-se para o Porto.

É claro que ao meu companheiro de tantos dias eu tenho sempre uma comunicação a fazer.

E gostaria bem de te encontrar de quando em quando, para te dar parte dos projectos que sigo e para saber a direcção que tomas. Assim afastados, sem notícias um do outro, não poderemos nós ambos fazer *fausse route?* Por mais confiança que se possua no seu roteiro, no seu estudo independente, sempre é bom de tempos a tempos perguntar a pessoa sincera e bondosa pelo nosso caminho, embora nos sujeitemos a que nos diga: — O senhor vai enganado.

Amanhã tenciono mandar-te de Lisboa, se houver, um número da «Revista de Coimbra» um paspalhão que traz apenas um artigo bibliográfico bem feito, do Coelho de Carvalho [1], e onde eu colaborei; já sabias?

São uns versos agudos, gelados, que o Inverno passado me ajudou a construir; lembram um poliedro de cristal e não sugerem por isso quase nenhuma emoção psicológica e íntima. [2] Mas ao menos bem o conheço.

Faltando-te os amigos, não percebo o apego que conservas pelo Porto.

Afinal o que amas tu: é a aglomeração das suas casas, o seu imponente relevo geológico, uma certa aparência de águas e de sol-posto; amas o suicídio no nevoeiro? Se essa humidade te mina, te desagrega a actividade artística, para que persistes?

Eu estou que essa cidade húmida, de que tu só conheces as noitadas, te pode subtrair insensivelmente o azedo e o rápido que te caracterizam tanto. Deves naturalmente analisar os estados de espírito por que tens passado aí e os que sentiste fora daí, e se a prova for contra o Porto, nesse caso foge a todo o vapor.

Em meio desta carta balofa, chega-me às mãos o teu livro *O Brasil.* [3]

Folheando-o em cinco minutos, como tu costumas fazer, fica-me esta impressão: As primeiras páginas são um esplêndido farrapo de alma. Parece que estes problemas dum grande vago, dum grande tenebroso, duma grande luz, duma grande profundeza só podem ser abraçados, como numa visão mística e divina, pelos homens que vêem o mar: Camões, Ossian, não sei quem mais, que naufragam e firmando mal os pés no fundo, nas areias, tocam com os dois braços abertos nos litorais distantes.

[1] V. nota 1 a p. 185.

[2] Trata-se do poema *Cristalizações.*

[3] Livro suscitado pela estada de Silva Pinto nesse país.

Os que nascem no interior, por terra dentro, caminhando bem solidamente na firmeza do chão duro, nunca sofreram nem gozaram a angústia de se sentirem afogar e embalar.

Fez-te bem a viagem? Outro meio grandioso, o do oceano, e se tu esfarrapasses sempre o teu espírito, convulso e plácido ao mesmo tempo, em pedaços tão luminosos como aquele (mas só aquele em todo o livro!), eu sentiria ainda uma maior atracção planetária e irresistível para ti, meu amigo!

1879

Cesário Verde

12

Meu querido amigo

...O meu desejo é que esse estado excelente seja em duração o que é em intensidade.

Com certeza tu agora não pensas na desgraça nem na fatalidade que pesa sobre um homem, nem em nada fatal e inevitável.

Sem dúvida deves ter planos para muitos anos, vastos, de execução trabalhosa e lenta; como um ilustre ministro de obras públicas.

E como a tua metafísica, que antigamente era indizível e vaga, se manifesta neste momento com factos, formas, gritos, cores, nuances! Muito bem, muito bem em tudo!

Somente, para que atiras tu a uns medíocres, a uns banais, às vezes?

Eu não quero dizer que não sejas caçador em crítica, de quando em quando, para desenferrujar as penas velhas. Mas não faças pontaria a pardalitos, nem, o que é pior, a papagaios de papel. Bem sei que não há águias, mas há belas perdizes, galinholas, grandes milhafres. No teu conto, por exemplo, sobre *Jorze* de Oliveira [1], conhecia-se à légua o teu desejo de matar com uma cajadada dois coelhos; fazendo uma hora de arte e res-

[1] Não se trata de gralha... Assim é que se encontra na transcrição de Silva Pinto, em *Pela Vida Fora*, p. 45.

pondendo a uns insignificantes. Engano-me, meu amigo? Ora, a minha vontade era que não te distraísses com o que não presta para nada; logo que te sentes ágil, vigoroso, procura boa caça, a tiros decisivos como tu tanta vez empregas admiravelmente. Fora dessas horas de luta, levanta monumentos de grandes linhas arquitecturais, que possam vir a ter um aspecto secular e que sejam duma destinação boa, elevada.

Eu por aqui me afasto da literatura; amando-a ainda muitíssimo, não penso exclusivamente nela e sem pressão nenhuma que me obrigue a aplicar-me, vou perdendo de vista as antigas árvores de sombra, inúteis e majestosas, para me entreter pelo meio destes pomares burgueses e produtivos. [1]

Escreve-me sempre.

1879

Teu amigo

Cesário Verde

[1] Tudo quanto se conhece acerca da vida e da obra de Cesário atesta este facto: por volta de 79-80 (24-25 anos!) ele muda ou começa a mudar de rumo. De *O Sentimento dum Ocidental* para o poema *Nós;* da tensão revolucionária para a paz da integração social; da Boémia para as pautadas actividades comerciais; das «árvores de sombra» para os «pomares burgueses e produtivos».

Quando, pois, afirma: «por aqui me afasto da literatura» não ironiza e apenas constata um facto. Ama-a ainda muito, mas vai-se despedindo dela. E um homem prático. Só a morte dos irmãos, a doença que o acomete, o despertam de novo para a inquietação e expressão poéticas.

Mariano Pina conta: «Ainda me lembro da sua vinda a Paris para tratar de negócios. Ele bem me queria convencer que o poeta tinha morrido e que hoje só pensava numa vida laboriosa e activa de negociante conhecendo a fundo a sua especialidade, sabendo como qualquer fabricante onde se fabricava o melhor ferro, onde se vendiam as melhores ferramentas, as limas e as plainas do mais puro aço.» E acrescenta: «Mas o artista traía-o a cada passo.» (*Ilustração*, Agosto de 1886.)

Eugénio de Castro faz referência ao outro aspecto da sua actividade comercial: «Aí [Linda-a-Pastora], nesse retiro de quietas sombras, o poeta, não se esquecendo de que quem possui uma quinta e não é tolo tem a obrigação de tirar dela o que ela possa dar, tornou-se um lavrador abalizado, cujo conselho veio a ser ouvido confiadamente pelos lavradores da vizinhança [...]. A fruta dessa quinta chegou a ter nomeada nos mercados ingleses.» (*Cartas de Torna Viagem*, vol. I.)

É ele próprio quem o conta na carta 7, a Macedo Papança: «Explorei a ignorância provinciana, as dificuldades de comunicações, a inércia dos

13 [1]

Meu muito querido e excelente irmão:

Como hoje é Domingo, só tarde recebi a tua bondosa carta e não posso dizer-te, como desejo, a expansão que ela me produziu.

És uma alma extraordinária; eu sou indigno de ti; acredita-o. Valho tanto como os demais.

Não te iludas comigo.

Os conselhos dedicados que me dás, e que eu recebo com o maior reconhecimento, são a verdade. E é isso que eu já pensava, mas julgo que não me fiz compreender bem.

A poesia que eu hoje te mando é a minha última maneira. Vês por ela que eu não desprezo de modo algum o coração, que quando desprezado não deixa brotar *nenhuma* obra de arte.

Mas o que eu desejo é aliar ao lirismo a ideia de justiça.

Eu não sei a quem te referes quando me falas dos *pérfidos*.

Eu aqui não me dou senão com dois ou três rapazes do comércio, bem amigos.

O que eu hoje recebi de ti justificou-me, sem necessidade e mais uma vez, a grande lealdade da tua alma diferente de todas que tenho observado. És um tigre amoroso.

Perdoa-me; eu nem sei o que digo.

Mas aqui ninguém me quer mal, também é verdade. O Junqueiro, de quem tanta gente diz mal, é um dos homens que me trata com mais especial deferência; até quando fala de mim aos rapazes. Ele tem fama de desfrutador: e apesar disso julgo-o sincero comigo, chegando a dispensar-me cavacos duma grande intimidade que ele confessa raríssima para os outros. Os versos que te mando sugeriram-lhe umas frases que, se eu não fosse desconfiado, encher-me-iam duma fatuidade intolerável.

---

ricaços: mas, em compensação, executando a função do comércio, que é a distribuição dos produtos, fiz chegar às sobremesas dos lordes e dos comuns ingleses e às fazendas dos senhores brasileiros, isto é, ao Thames e ao Amazonas, deliciosos frutos de Portugal.»

Sim: sem a preocupação da morte, que teria sido da poesia de Cesário? Todo o ciclo poético de Cesário decorre sob o signo da precocidade... E no *Nós*, por vezes, a poesia já é prosa...

[1] Esta carta e o excerto da seguinte vieram a lume no opúsculo de Alberto Moreira, *Cesário Verde e a «Cidade Heróica»*, Porto, 1963. Como de costume, não indica fontes; transcrevemos, pois, a sua cópia. Nesta, não há datas, pelo que nos pareceu aconselhável isolar esta carta e o fragmento doutra no fim da nossa compilação, como se de um apêndice se tratasse.

A mais ninguém escuto e sigo com plena confiança como a ti: afianço-te.

Os outros entretêm-me no cavaco, têm bons ditos, conversam bem e fazem-me sorrir. Que, com verdade, não tenho razão de queixa de nenhum, e, às vezes, cismo na razão por que todo o mundo me trata bem. Ninguém me deve obséquios, ninguém me quer enganar e muitos me procuram e me penhoram de pequenas delicadezas que eu não sei pagar, muitas vezes, com igualdade.

Isto superficialmente; que amigos íntimos, íntimos, só tenho um: — és tu.

Mas, pelo amor de Deus, não te expandas assim comigo, que me fazes mal!

Sinto remorsos e uma grande impossibilidade de retribuir a um coração tão singular como o teu.

Eu sou frio, pausado, calculista como todas as organizações criadas neste meio comercial. E tu não. És ardente, imaginoso, excessivo, e isso leva a imensas decepções e a imensos desgostos.

Não te fies em mim, que sou igual a todo o mundo — sendo tu, na vida prática, a única amizade real e verdadeira que se me tem dedicado.

Beijo-te reconhecido.

Teu

Cesário Verde

14

... Vi agora o Gomes de Sousa [1] que esteve aqui, e que costumava cá vir todos os dias ler o *Diário Português*, e não me trouxe recomendações do meu amigo Silva Pinto. Não sei bem porquê. Eu estive-lhe a dizer quando ele me falou da tua exaltação crescente: «Aquele homem parece o centro nervoso da humanidade; sente pelo Porto, por Portugal, pelo Mundo inteiro; se acontece uma desgraça, uma injustiça, uma vitória, em qualquer parte,

[1] V. nota 3, a p. 189.

em Paris, na Turquia, em Lisboa, recebe um choque enorme. Agora não me escreve, esqueceu-se de mim. Vibra para outro lado.»

E é verdade, eu receio até mandar-te cartas compridas; pode ser que não as leias. Para mim são tão pequenas as que fazes, que parece que pensas em todas as coisas, menos em mim. Se tu quisesses imaginar o estado do meu cérebro, dos meus nervos! Não trabalho senão fisicamente, sobretudo em caminhadas que me prostram; não sei executar o que concebo, e para o meu pulso a coisa mais pesada é uma pena. Eu todos os dias te oiço, todos os dias tenho notícias tuas, que me recordam os teus modos, os teus sorrisos, os bons e os maus, as tuas palavras. Vejo o teu jornal. Mas tu? Quando sabes de mim? Não me vou eu apagando no teu espírito?

Também te escrevo isto *quand même,* como tu dizias literariamente no bilhete desse Joaquim de Araújo [1] que se fartou de me recitar versos.

Serias tu capaz de julgar que eu tomava o partido do L... [2], naquela questão, e que por isso estava calado? Doidice.

A tua carta mostrei-a o todos os rapazes que se riem dele e que são imensos. Agora dei-a ao Fernando Leal [3] para o Ennes. [4] Como tu dizias valia mais a cabeça do dedo mínimo do Ennes que toda a cabeça pensante do L..., afirmação que não foi de boa táctica, eu quis tornar isso conhecido do dramaturgo. Fiz mal?

Um facto que eu notei e que não explico: Aquele atrevimento não te fez saltar de raiva. Era risonha a resposta, brincavas com ele, humilhava-lo a rir.

Não tenhas nunca suposições desfavoráveis à amizade do teu amigo e supõe-me sempre justo e bom. Se às vezes o desgosto da vida, das mulheres, dos amigos, deste estado de coisas, me retrai numa grande concentração de ideias, num isolamento reservado e silencioso, isso é sempre favorável à estima que temos pelos nossos caracteres: isso obriga-me a ser mais teu amigo.

Cesário Verde

[1] **Joaquim de Araújo** (1858-1917) — Poeta e bibliófilo notável, foi o fundador das revistas *Renascença e Harpa,* nas quais Cesário colaborou. Publicou: ***Lira Íntima*** (1881), ***Ocidentais*** (1888), ***Flores da Noite*** (1894), etc..

[2] Luciano Cordeiro. V. nota 2 a p. 192.

[3] V. nota 1 a p. 181.

[4] V. nota 5 a p. 192.

A ANTÓNIO DE MACEDO
PAPANÇA

(CONDE DE MONSARAZ)

Todas estas cartas, com excepção da n.° 10, foram encontradas no espólio do Conde de Monsaraz e publicadas por Alberto de Monsaraz na *Revista Municipal*, n.° 66, Lisboa, 1956. A última, cujo original se desconhece, foi dada a lume por Fialho de Almeida no final de *Vida Irónica*. Inverteu-se a ordem de inserção das duas primeiras cartas, para respeitar, segundo tudo o indica, a sua ordem cronológica. Segundo informação de Alberto de Monsaraz, «Cartas de Cesário tinha meu pai maços delas; mas foi-as distribuindo de ano em ano, à medida que a glória do Poeta se ia firmando, aos seus inúmeros devotos, ambiciosos de relíquias.»

1

Meu prezado António

Ponho simplesmente o teu nome de baptismo porque é certamente a maneira como tua mãe te trata e deve ser-te grato que eu o faça também como um dos teus amigos. Olha, acredita, eu estimo-te muito, mas estou realmente embaraçado para satisfazer ao que tu queres. Dizes-me que te escreva uma carta longa e particularíssima! Longa! não sei nem quero fazer estilo; particularíssima! é uma ilusão em que tu estás! Eu não sou nem bom nem generoso como tu julgas. É um engano em que tu e mais alguns vivem. Eu sou simplesmente frio e não te digo que sou reservado porque não quero que penses que escondo em mim minas de sentimento. Distingo-te a ti como a uma grande alma imaculada e singela e dou-te uma estima toda particular e especial. Eu compreendo-te; ainda estás muito crente.

Olha, há dias, o Seixas [1] perguntou-me se eu não achava que a carta que lhe escreveste tinha muito estilo. Eu disse-lhe isto: — O que perde o Papança é não o fazer; nós geralmente afectamos uma certa leviandade amiga que nos consola. Se ele te dissesse três facécias graciosas com alguma ligeireza e familiaridade de amigo, tu não notavas o que notaste.

Tu vais achar enfadonhas e petulantes estas cousas que te digo, mas decerto mas perdoarás.

Outra coisa:

Aquelas palavras da tua carta, palavras que não repito aqui porque naturalmente não as esqueceste, estão sublinhadas ou riscadas?

Tu também és mau? O que pensaste para as riscar sei eu. Duvidas de mim. Repara que eu não te faço confidências porque não tenho segredos e passo a vida mais regular e prosaica deste mundo, mas por isso não deves temer de desabafar comigo. Eu sei escutar-te e avaliar seriamente a fineza dos teus sentimentos.

[1] **Barros de Seixas**, v. nota 1 a p. 186.

Escrever-te no silêncio do meu quarto! Vou para casa cheio de sono e de aborrecimento, não iria escrever-te nessa ocasião. Escrevo-te, sabes de onde? Da loja! [1] Já vês que me romantizas.

Eu entendo perfeitamente esta coisa de estudar e gosto de o fazer e de trabalhar, embora muitas vezes me deixe levar na corrente da nossa Boémia; mas em detrimento da própria saúde, nunca faria excessos de estudo. Primeiro do que tudo está a vida; se te sentes doente ou fraco trata de ti e descansa. Ainda estás muito novo e nada te apressa. Eu descubro aí também uma certa saudade! Oh! que sim! Do «Artes e Letras» [2] como sabes não conheço senão o Guimarães [3]; falei-lhe ontem e ele disse-me que o 1.º e 2.º números já estão compostos, mas que no terceiro poderá ir a tua poesia. Manda-ma e não digas que ela é piegas, dize que é sentida. Aí te mando eu uma que acho tão maricas que não te peço que a publiques no *Mosaico* [4]. Dá-lhe o destino que quiseres. Mando-te também a *República* e o *Ilustrado* que falam de ti. Não é preciso dizer-te que rias da crítica deste. A tua poesia, sem nebulosidades afectadas, era a melhor de todas. Conhecia-a e até sabia os últimos versos de cor. Disseste-ma no quarto do Pelicano no segundo dia que travei relações contigo. Os rapazes da nossa *troupe* gostaram dela, assim como do artigo do Sérgio [5].

Dize ao Coelho [6] que não lhe escrevo porque ele já escreveu ao Fernandes [7] creio, e nem se nos recomendou. Chama-lhe ingrato e infiel como um Mouro. Que nos escreva.

Provavelmente sabes que o Falcão Roiz [8] falou largamente do *Mosaico* na correspondência para o *País*. Não li, mas dizem-me que dizia bem.

Como sabes, os jornais daqui recebem com grande indiferentismo as publicações literárias; apenas o fatal «recebemos e agradecemos». O *Ilustrado*, com a sua coluna e meia de crítica, produziu-nos em todos um assombro enorme.

[1] V. nota 3 a p. 186.

[2] *Artes e Letras* (Revista mensal ilustrada), Lisboa, 1872-75. Colaboração de consagrados ou em vias disso: Camilo, Oliveira Martins, etc.

[3] Guimarães Fonseca, v. nota 4 a p. 185.

[4] Poesia *Deslumbramentos*, única que Cesário publicou nessa revista.

[5] V. nota 1 a p. 211.

[6] Coelho de Carvalho, v. nota 1 a p. 185.

[7] José Manuel Fernandes, director de *O Mundo Novo*.

[8] Falcão Rodrigues, correspondente em Coimbra de jornais portugueses e brasileiros.

Escreve-me bastante. As tuas cartas serão sempre recebidas com verdadeiro alvoroço de alegria, e não as mostrarei, crê. São para mim, só.

Manda-me os versos para o «Artes e Letras» e também para o «Mundo Novo» [1]; ainda que a saída deste último seja, parece-me, um pouco problemática.

Tu não repares na redacção disto. Também te escreve só a ti, só, o teu verdadeiramente do coração

25-1-75

Cesário

Recebi agora carta do Coelho; escrever-lhe-ei em breve. O que ele me diz é verdade e tem muita razão.

2

Meu querido António de Macedo [2]

Não vás julgar que por excesso de cortesia escrevo aquela epígrafe. Disse-te e repito-te: Sou duma frieza glacial para todo o mundo. Mas se não faço expansões, sei entesourar os sentimentos grandes. Apenas conversei contigo durante algumas horas e deixaste-me uma bela impressão. A tua carta veio fortificá-la e enobrecê-la mais. Acredita-o. Andei hoje preocupado com ela. Não a rasgo, não, meu bom amigo; tenho-a como uma fotografia do teu excelente coração.

Mas tu causas-me uma estranheza enorme! Parece-me impossível que um rapaz que tem a livre escola de Coimbra [3], ainda

[1] Esta revista não chegou a publicar-se.

[2] Acerca das relações entre Cesário Verde e António de Macedo Papança (depois Conde de Monsaraz), ver Alberto de Monsaraz, in *Revista Municipal*, n.º 66, Lisboa, 1956, donde estas cartas são extraídas.

[3] «A Questão Coimbrã» (1865) e as «Conferências Democráticas» (1871), capitaneadas por Antero tinham, pois, levado a uma mitificação da «livre escola coimbrã».

tenha a alma assim pronta a libertar-se, e tão pura. Eu não tenho idade para dar-te conselhos, nem tu talvez te queiras ou possas dominar, mas aquele que for reservado não será tão iludido. Com excepção de dous ou três rapazes não tenho encontrado amigos: acredita também que os não tenho buscado. O Silva Pinto que, por quem ler os seus ímpetos de leão será julgado um homem intratável, é para mim o mais leal e o maior de todos os amigos. Em algumas coisas tem muitos pontos de contacto contigo. Tem-me por vezes contado a história das suas dores e aberto a sua alma como se fosse uma mulher e com a singeleza duma criança. Agora me deu ele uma prova da sua grande amizade. Declara no sábado, no *Jornal da Tarde*, que a pedido dum amigo não tornará a falar no Magalhães [1]. Foi um grande alívio para mim e tu hás-de estimá-lo muito.

Eu também como tu gozo da grande tranquilidade do seio da família. Não lhe dou porém todo o valor senão quando me afasto dele por alguns dias. Tu agora aprecia-lo porque o terás por pouco tempo e há muito não o tinhas. Li e reli enternecido a tua carta. Ês uma grande, generosa e bela alma sensível. Sê sempre o mesmo para tua mãe. É a pessoa que mais te ama.

As «Mártires cristãs» vieram no *Mosaico* [2]. Todos nós gostámos imenso. Deixa voar, meu poeta, a imaginação e o sentimento. Tu tens as verdadeiras inspirações. A poesia da arte pela arte tem belezas, não contesto, mas precisa mais dos artistas que dos poetas. Tu és natural como a natureza. Desculpa-me isto que parece tolice.

[1] Magalhães Lima? V. nota 3 a p. 211.

[2] *Mosaico, Coimbra,* 1874-1875. Publicaram-se nove números com a colaboração de António Papança, Magalhães Lima, Sérgio de Castro, Gonçalves Crespo, Gomes Leal, Bettencourt Rodrigues, Bento Moreno, Amélia Jenny, Nunes da Ponte, Augusto Rocha, Cesário Verde, Simões Dias, Coelho de Carvalho, Júlio César Machado, Barbosa de Magalhães, Silva Ramos, Gaspar de Lemos, Barros de Seixas, João de Sousa Araújo.

O costume: muita poesia; poetas como Bettencourt Rodrigues e Barbosa de Magalhães, que depressa aproarão a outros rumos; nomes que vieram a tornar-se ilustres, na camaradagem dos primeiros voos com nomes que se não evidenciaram e com um ou outro nome já feito. Uns tantos «rapazes», como gostava de dizer o Cesário, no sonho da glória e da cultura, lendo-se mutuamente...

Os versos para o Sérgio [1] ainda os não fiz e não sei se os mandarei. Eu te conto. O *Diário Ilustrado* falando do *Mosaico* não estou bem certo, deprimia o Betencourt [2] espantosamente e elogiava o M. Lima [3]. Dizia que não costuma *gastar cera com ruins defuntos* e que quando ataca alguém é porque lhe acha um certo merecimento, etc. Ora eu estou com um grande terror, receando que o *Ilustrado* me elogie.

Manda-me dizer o que pensas sobre isto.

Saíram no domingo os versos do João de Deus.

Foste tu certamente que influiste no ânimo do Barros [4].

Se quiseres manda-me alguns versos do rapaz daí, de quem tu me falaste.

Escreve-me brevemente e crê na sinceridade das minhas palavras.

Abraça-te do íntimo o teu.

1875

Cesário Verde

[1] Sérgio de Castro. — Advogado, escritor e jornalista. Formou-se em Coimbra, onde iniciou a sua carreira de jornalista político.

Em 1874, fundou, com Magalhães Lima e Augusto da Fonseca Coutinho, o jornal literário *Mosaico* e, três anos depois, a *Literatura Ocidental*. Ainda estudante, foi director de *A Correspondência de Coimbra*. Dirigiu depois *O Correio da Europa, Diário Ilustrado, A Tarde, O Jornal da Noite* e o *Notícias de Lisboa*. Mais tarde, foi deputado regenerador.

Publicou: *Alerta*, poemeto; *A Luta*, versos da mocidade; *A Disciplina e o Exército; Fotografias; Coimbra, Terra de Encantos; A Jazida de Camilo*.

[2] V. nota 2 a p. 184.

[3] Não é isso que se encontra no n.º 853, de 27 de Fevereiro de 1875, do *Diário Ilustrado*. Há nesse número duas colunas e meia de prosa compacta de análise ao artigo de Magalhães Lima, *A igreja livre no Estado indiferente*, publicado em *Mosaico*. É claro que a análise é depreciativa.

Magalhães Lima (1850-1928), jornalista, conferencista e escritor, é uma das figuras mais representativas da propaganda republicana. «Caixeiro-viajante da república» lhe chamou Junqueiro.

Além de obras de carácter político ou doutrinário, escreveu: *Miniaturas Românticas* (1871); *A Senhora Viscondessa*, romance (1875); *Costumes Madrilenos* (1877).

Quanto aos seus últimos anos, ver Raul Brandão, *Vale de Josafat*, p. 249.

[4] António Justiniano da Silva Barros († 1886), fundador da revista *Tribuna* (1871-1875), na qual Cesário colaborou.

Meu querido amigo

Não gostei muito que deixasses, tu mesmo, de me escrever, mas gostei ao mesmo tempo para ter a alegria de ouvir o Bettencourt [1] que desde que engordou não fala a todos. Tu quando começaste a leitura daquele «não gostei muito» julgavas que me referia ao teu livro, e tiveste para mim um pensamento zangado.

Recebi tarde, porque não estava cá, o teu magnífico volume e não te escreveria hoje a agradecê-lo, se o Coelho [2] me não dissesse que só virás na 4.ª ou 5.ª feira.

As «Crepusculares» [3] têm só uma coisa falsa — o título. Tu és uma criança lúbrica fazendo poesia morena. Os teus versos cheios dum hálito ardente são da hora do meio-dia, da hora do calor e da claridade. Abundam neles as palavras: — turbilhões, coração, peitos; louco, enorme amor febril e, no meio dum sensualismo, inocente quase, que não visa ao imoral e que é simplesmente a expressão dum peninsular robusto, têm uma naturalidade original que nos comove.

Achas a nota humana verdadeira em simples alexandrinos despretensiosos: «Sinto-me estremecer quando te aperto a mão.»

O que tu não fazes, tu que és um meridional, é cantar de longe, afastado, com essa paixão resignada e tímida do Norte, e confessas: «Nos teus braços cantei, etc.» — na VITA NUOVA — que tem dois esplêndidos versos, que te definem talvez.

«Era um rapaz feliz sem pretensões algumas,
Que pensava em morrer alegre e satisfeito.»

Há sobretudo uma afirmação constante com que eu simpatizo imenso; é o protesto franco e salutar em favor do povo. Não coras e dizes com um alto ar de nobreza, de força, de independência que és um democrata de cuja alma sai a torrente da revolução [4]. Mas já que eu te tenho dito mal e com sinceridade

[1] Bettencourt Rodrigues, v. nota 2 a p. 184.
[2] Coelho de Carvalho, v. nota 1 a p. 185.
[3] Estreia literária de Monsaraz, Coimbra, 1876.
[4] Que Cesário foi republicano e «democrata» não há que duvidar. Os amigos, as suas atitudes conhecidas, os seus sentimentos na própria poesia expressos, — tudo isso o inculca. De que modo era republicano e democrata, quais as suas ideias precisas aí, — não o sabemos, nem acaso Cesário o soubesse também muito claramente. Era «protestário» e, até, por vezes, ousado nas afirmações e atitudes. Assim, quando do luto oficial de Lisboa

a minha opinião, confesso-te também que acho, às vezes, que te pasmas diante das elegâncias baratas a que tu chamas caras desta desgraçada e burguesa Corte, como se fosse «ante o grande esplendor dum templo iluminado», verso que vale um poema.

Perdoa-me estas prosas infelizes que te dirijo, porque tenho uma ideia de tu me teres pedido essa coisa.

O teu livro fica porque é natural, justo, correcto, e denota uma individualidade sensatamente distinta e forte.

Crê tu, meu bom amigo, que te digo isto com a sinceridade do olhar de tua mãe que ilumina e santifica as páginas do teu trabalho, com clarões de santo amor.

Um fundo abraço

19-6-76

Cesário Verde

4

Meu bom amigo:

Quando eu vi duas estampilhas sobre o envelope da tua carta imaginei que ele continha os versos que me prometeste. Mas não os continha. Os dous selos eram simplesmente um luxo alegre a cobrir uma prosa inundada de tristeza.

De que precisas tu para ficares risonho, para te encheres de contentamento?

Das caretas literárias do Chagas? [1] dos sorrisos boémios do Guimarães? [2] dos ares graves de comendador do Aires? [3] dos trejeitos feminilmente críticos da Valentina? [4]

---

por D. Fernando, Cesário teria entrado no café e dito para um conhecido: — «Aconselho-te umas luvas amarelas; as minhas, como vês, são vermelhas» (L. Amaro de Oliveira, *Subsídios*, p. 39).

«Um democrata de cuja alma sai a torrente da revolução», chama ele ao «democrata» Macedo Papança, que será, não tardará muito, o Conde de Monsaraz...

[1] Pinheiro Chagas.

[2] Guimarães Fonseca. V. nota 4 a p. 185.

[3] Cristóvão Aires. V. nota 2 a p. 185.

[4] Valentina de Lucena, v. nota 1 a p. 193.

Ora, adeus!

Tu passas bem sem isso e o teu livro, digo-te eu sem pretensões a consolador, tem tido uma bela aceitação simpática de todos.

Estive uns dias, e estarei mais, na Quinta; de lá quis responder-te mas não tinha papel, nem mesmo ordinário e transparente como este.

Quando o Bettencourt [1] lamenta as suas dispepsias e congestões, eu, para o consolar, digo-lhe coisas animadoras.

Faço o mesmo agora contigo, que tens apreensões de livros infelizes e de literatos fatais e desdenhosos. E para te ver começar, com a febre do poeta entusiasmado por elogios, o poema de que me falaste, procurarei os indivíduos que desejas ler e, em conversa, apressá-los-ei.

Criança lúbrica!

Em tudo; em glória, em mulheres, em tempo.

As tuas cartas adoráveis não as rasgo, e, se possuísse um cofre de sândalo marchetado de madre-pérola e oiro, guardá-las-ia nele.

Isto foi imagem; porque eu odeio o sândalo e verdadeiramente só estimo trazê-las, no bolso, de encontro ao peito, como a tua loira e travessa namorada traz, com certeza, as tuas «Crepusculares» no seio branco.

Procura-as lá com as mãos de amante.

Estreito-te nos braços.

6-7-76

Cesário Verde

5 [2]

António

Fiquei hoje em casa, um pouco adoentado, com suposições de doenças, de futuros quebrados, confusamente baço, sem lucidez de cérebro nem de ponto de vista. Enquanto o sol, numa

[1] Bettencourt Rodrigues, v. nota 2 a p. 184.

[2] Esta carta é de grande importância para a compreensão da «maneira» poética de Cesário. É um poema em prosa, como que um ensaio das suas mais típicas composições de 1877-78: «Num bairro moderno», «Cristalizações», etc.

grande esteira clara, me entrou pelo quarto, estive bem contente, exuberante, cheio; a luz doirada e tépida sorria no estuque das paredes, nas cercaduras de flores pintadas, no mogno polido das cadeiras, no verniz de ferro do meu leito modesto de solteiro, na colcha muito lavada, com um bom cheiro de barrela e de alfazema e na minha imaginação de rapaz saudável.

Mais tarde abri todas as três janelas para receber mais claridade; invadiu-me a sombra triste, a melancolia do crepúsculo, a friagem antipática da humidade. Quando pus a testa sobre os vidros para espairecer os olhos pelo jardim que vegeta debaixo, lembrei-me de imensas coisas que passaram, dos meus tempos de criança, do colégio de que voltava às quatro horas a um toque de sineta, de minha irmã que morreu e que iluminava todas as casas com a sua beleza alta e sossegada, dos meus temas de francês, dum caixeiro que foi para o Brasil e que me agarrava ao colo balançando-me com ameaças e sustos de me arremessar lá ao fundo do pátio que já não existe também.

Agora há aqui uma padaria em que se está erguendo uma chaminé enorme de forno, para deitar o fumo muito acima. Os pedreiros, porque era quase Ave-Marias, demoravam o trabalho devagarinho, poupavam o resto do aviamento, da cal; e tudo, a natureza, os arvoredos dos quintais próximos, a linha dos prédios na Praça da Alegria aonde mora o Oliveira [1], o rumor longínquo dos trens, e até um homem que passava descalço, com um regador verde numa das mãos, pelas sinuosidades das áleas no jardim; tudo, tudo me parecia lento, tristonho, com silêncios de preguiça iluminada.

Mandei acender o candeeiro e passou-me a doença imediatamente; e não sei por que corrente de pensamentos. Ah! já sei: No Domingo encomendei um fiambre numa salsicharia francesa que há na Rua Nova do Carmo e que tem na montra um pequenino viveiro de peixinhos de água doce, num rio em miniatura.

Ora, ou eu me engano bastante ou a casa de *madame* é a única daquele género que se encontra em Lisboa. Pois bem; lembrei-me de lhe fazer concorrência, de me estabelecer com luxo, espavento, *réclame* e fregueses da alta vida que se dissipa em molhos apetitosos, em carnes frias que vêm do estrangeiro, em temperos esquisitos.

Eu queria ver o salame, o porco, as frutas em pirâmides, as conservas como grandes rótulos, o chouriço de sangue, as horta-

[1] **Alberto de Oliveira (1861-1922), principal animador do «Grupo do Leão».**

liças em grande *toilette,* todos os peixes variegados do Oceano a reluzirem; eu queria ver tudo preparado, a ganhar dinheiro, a fazer escândalo honesto, a dar-me celebridade prática, satisfação, gordura recomendável.

E que me dizes?

No entanto, os desejos imensos de te enviar um *bouquet* de saudades.

Lisboa

1877

Cesário

É claro que recebi a tua carta.

6

Meu doente

Eu ontem não estava ainda farto de te não escrever, quando aquele capitão vesgo — sabes? — me disse que tu recaíste na tua doença. É verdade?

Se te incomodar por tua mão responder a esta carta pede ao Augusto Rosa [1] que me conte os detalhes disso tudo.

É uma coisa horrível.

Eu cada vez receio mais qualquer alteração de saúde, porque sinto decompor-me com uma facilidade enorme e em vida.

Agora trago sempre no pescoço umas escrófulas que se alastram, que se multiplicam depressa. Não sei se é resultado sifilítico se que é. O diabo.

Vou daqui a nada acompanhar o Reis e Lima [2] até ao paquete. Ele parte, coitado! sem uma notícia tua, sem um abraço teu. Que magnífica viagem! Gibraltar, Malta, a Grécia ao longe, e sobretudo o canal de Suez.

[1] Augusto Rosa (1852-1918), actor célebre.

[2] Nada se conseguiu averiguar para além do que Cesário sugere: bacharel em Direito, ingressado na carreira da magistratura que foi exercer em Moçambique, em 1877.

Como eu gostava de o seguir até ao Cairo, mas que desolação depois no Sul da África, sozinho, num tribunal, a exigir justiça! Vesti, por curiosidade, eu, a beca que ele leva. Fica-me bem; mas é triste, sombrio, Idade Média, aquilo.

Recolherei para ti as despedidas dele.

Abraça-te muito o teu

12-7-1877

Cesário Verde

7 [1]

Meu amigo

Depois duma grande volta pela província, calejado pelas esteiras de tábua em que ficámos, embrutecido pelo tremor constante das diligências cujos guizos ainda me atordoam e arrotando ainda a chouriço com ovos e ranço e a queijo branco que é preciso raspar com a navalha, depois duma acidentada volta pela província, eu encontro o teu delicadíssimo livro [2].

Talvez tu não conheças a Estremadura. Todo este bocado de terra, quase uma península, que fica entre o Atlântico e o Tejo, é magnífico em irregularidades montanhosas, em diversidade de culturas. Montes tão agrestes mais cultivados não há! Como me deu saúde, cor, peito, ombros largos, andar um dia inteiro na carreta dum almocreve que dorme, enquanto as mulas puxam pessimamente para fora, graciosas e rijas, de ferro, com as grandes orelhas, e as enormes coelheiras brancas, cheias de serradura, no pescoço! Como me deu alegria serena e fecunda, e uma larga compreensão deste povo forte, pacífico e incansável, vir na falua, à bolina, carregada de cevada para a Companhia de Carruagens Lisbonenses, enquanto o arrais segurava a escota e a tripulação comia a caldeirada, em roda, com colheres de pau!

[1] Nessa carta, posterior à publicação de «O Sentimento dum Ocidental», anuncia-se, claramente, o novo rumo da estesia cesárica que iria cristalizar-se, sobretudo no poema «Nós».

[2] *Catarina de Ataíde*, poema.

Além disso, pelo país dentro, este ano a fruta abundava formidavelmente, esperdiçava-se até. As macieiras, carregadas, pousavam a extremidade dos ramos no chão, e, na copa, o dorso redondo, lembravam enormes lagostas verdes de inumeráveis pernas em meio dos vinhedos que se sucedem contínuos. As searas de trigo, o que eu vira até então, umas mais escuras, outras mais claras, por causa das sementeiras que se fazem umas mais cedo que outras, no tom divergem muito das vinhas. Nestas, léguas e léguas, o verde é igual, monótono, fatigante, porque a parra rebenta toda ao mesmo tempo.

Tudo vasto, grandioso, brutal!

Eu partira desta cidade amarela de icterícia, bem aborrecido, bem intransigente, resolvendo cortar todo o passado romântico e poético, de mandrião. Ia a carácter, a minha jaleca, a minha calça de bombazina azul, o meu chapéu de marchante, o meu pau de chapa, os meus sapatões ferrados e o meu revólver entalado na cinta de três voltas. Explorei a ignorância provinciana, as dificuldades de comunicações, a inércia dos ricaços; mas, em compensação, executando a função do comércio que é a distribuição dos produtos, fiz chegar às sobremesas dos *lords* e dos comuns ingleses e às fazendas dos senhores brasileiros, isto é ao Thames e ao Amazonas, deliciosos frutos de Portugal.

Como fisiologicamente os órgãos que não funcionam desaparecem evolutivamente, eu, pacato e ordeiro entre uma população bondosa e valente, perdi a única arma de fogo que levava, sem dar por isso, pelos caminhos.

Ah! Quanto eu ia indisposto contra tudo e contra todos! Uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação![1] Ninguém escreveu, ninguém falou, nem num noticiário, nem numa conversa comigo; ninguém disse bem, ninguém disse mal!

Apenas um crítico espanhol chamava às chatezas dos seus patrícios e dos meus colegas — pérolas — e afirmava — fanfarrão! — que os meus versos «hacen malísima figura en aquellas páginas impregnadas de noble espíritu nacional».

Tu mesmo, meu caro, enviando-me o teu poema tão fino e tão mimoso, e que, embora não seja verdadeiro e justo psicologica-

[1] Trata-se de *O Sentimento dum Ocidental*, publicada em *Portugal a Camões*, número extraordinário do *Jornal de Viagens*, Porto, 10 de Junho de 1880.

mente e historicamente, é todavia, como poesia, um sublime desenho linear de sentimento, tu mesmo, na dedicatória pões expansões afectuosas, generosidades de estima; mas literariamente parece que Cesário Verde não existe.

Escreve ao teu amigo e crê na franqueza indesculpável do teu

29-8-80

C. Verde

8

Meu bom amigo

Esta doença é uma insignificância, sem futuro mau e levemente repugnante; mas, como as ruas estão molhadas e o tempo húmido, parece-me melhor não sair, como o mercúrio.

Tu, que tens mais razão de queixa, tomas por mim o interesse bondoso dos que se vêem bastante doentes e sentem, por isso, cuidado com os demais. Deixa, que isto não vale nada.

Antes de tudo isto já te deveria ter dito que me penhora muito a delicadeza de tua mãe; e não te esqueças, julgando que as minhas palavras são apenas uma obrigação, de lhe participar o quanto me sinto grato.

Eu tenho imensos desejos de te escrever longamente, para te entreter, para te espairecer, mas, vê lá, só por me lembrar que está ali o moço à espera, estou nervoso e não te digo coisa alguma.

Qualquer dia irei conversar contigo; e então, naturalmente, esperdiçaremos tempo com grandes espaços de silêncio, calados sem nada em que falar.

Não sei mais.

Se ambos estivéssemos bons e sãos dar-nos-íamos um abraço forte, de lavradores trigueiros e corados.

Até breve.

Teu

[1886?]

Cesário

9

Meu amigo

Eu sou tão descuidado que não me lembrei que nesta terra apenas se vende papel almaço; de maneira que isto assim parece uma remessa a um tipógrafo.

Também me rala a dificuldade que tenho em escrever cartas. Calcula que, por uma fatalidade, que eu não pressinto, na ocasião de receberes isto podia o cortador Barbosa [1] estar a dilacerar-te e tu a morder na fronha.

Devo ser alegre?

Devo ser triste?

Que de qq aí acima.

Admira-te. As *Lettres à Une Inconnue* impressionaram-me mal, até este desastre; e a meu ver o Prosper Mérimée quase que não tinha talento nenhum. Simplesmente um homem «comme il faut». Chamava génio ao Terrail e desdenhava Hugo, Flaubert, Baudelaire, Wagner, Rochefort [2]. Incrível! E como ele se queixava de constipado e fazia charadas, em Compiègne, para os seus «soberanos» [3] decifrarem! E admirava, e nisso há patifaria, os ditos espirituosos do príncipe imperial!

Maço-te? Se preferes o nitrato de prata pede ao Queirós, que se prontifica logo, se lho pedires.

Mas tu acreditas nas amizades de trinta ou quarenta anos e correspondência contínua? Não julgues que nós em 1900 ainda nos correspondamos, tanta vez.

Não sei se vou melhor, ou não.

Do meio-dia às duas horas as nuvens afastam-se de cima; e, em montanhas, no horizonte, recordam-me aquele doce muito branco e balofo que tu aí tinhas. O Sol consegue enfim tornar todas as coisas cintilantes: o rio como uma gibóia estendida, as searas verdes que parecem galopar com o vento, as paredes lavadas das quintas, as árvores que se destacam límpidas e o cimo das pedras na calçada que seca. É uma alegria.

[1] Referência ao Dr. António Maria Barbosa (1825-1892), professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa?

[2] Eis aí, no que respeita aos três primeiros, um tácito reconhecimento de filiação.

[3] Napoleão III e Eugénia de Montijo.

Mas à noite um horror, uma tristeza, nesta pobre casa de campo. Na sala do milho a humidade enegreceu o papel pintado das paredes, como a ferrugem que cobre as oliveiras velhas, sabes? De manhã, ao levantar-me, não tenho escova para lavar os dentes; e a carne fresca de vaca só a há às terças e sábados.

Talvez esta carta vá pelo correio, mas se for pelo meu criado, tem tu a bondade de lhe dar alguns livros para me entreteres. Conheces o meu gosto. Que instruam.

Tomara já sentir-me bom e ver-te.

Teu amigo

[1886?]

Cesário Verde

Os meus respeitos para tua mãe.

10

Bom e prezado Amigo

Não há desculpas possíveis; eu devia responder imediatamente à tua carta, tão fina, tão delicada. Fiquei-me: porquê? Porque sou e estou um desleixado. Não posso ser perdoado, bem sei. Aqui está o meu magro pescoço, faze favor de passar a corda e de puxar o nó de correr. Só enforcado.

Mas olha, sério, em volta de mim, pessoas, coisas, tudo anda amolentado, cansado. As melhoras, as próprias melhoras que medicamentos chamam e espicaçam com o aguilhão da sua química e que eu estimulo com a aguilhada da minha vontade, essas mesmas vão ronceiras, moles, a passo de boi, muito devagar, muito devagar. Mal as vejo mexerem-se na longa estrada do tempo. De modo que apenas a grandes intervalos te posso noticiar, meu amigo, um avanço, um adiantamento. Sabes, já tenho casa em Caneças, é na situação e por acaso tem o feitio que eu tinha imaginado, e que eu havia indicado a meu pai e a meu irmão, que lá foram.

A minha nova pequena casa é tudo o que há de mais rústico e de mais pitoresco; da janela do meu quarto, estendo o braço, toco a rama dum pinheiro balsâmico e bravo. De roda tudo

pinhais espessos e rumorejantes. Não fica na Caneças oficial e consagrada, dos Hintzes e dos hotéis; fica longe, do outro lado das ribeiras e dos pomares, no sítio a que chamam *O lugar d'além*. Sabes quem fez esta minha habitação? Foi o próprio dono, mestre carpinteiro e marceneiro, à hora presente fabricando com mais 30 companheiros, numa grande oficina do Aterro, uma rica mobília para a princesa de Orléans. Tudo isto... [1]

Mas subitamente chegam-me dúvidas, descrenças, terrores do futuro. Curo-me? Sim, talvez. Mas como fico eu? Um cangalho, um canastrão, um grande cesto roto, entra-me o vento, entra-me a chuva no corpo escangalhado.

Caneças, 16 de Junho, 86, pela manhã [2].

Cesário

[1] *Há aqui um intervalo* — indica Fialho — *e segue o seguinte, evidentemente escrito horas depois, e sob a desconsolação dalguma recaída.*

[2] Cesário faleceu na tarde de 19 de Julho de 1886.

A MARIANO PINA

Esta carta foi publicada por Luís Amaro de Oliveira, em *Três Sentidos Fundamentais na Poesia de Cesário*, Lisboa, 1949, que a encontrou no jornal portuense *A Folha Nova*, de 23 de Julho de 1886.

Linda-a-Pastora, 16-7-79

Meu amigo [1] — Tem chovido bastante e há dias que temos as comunicações cortadas com Lisboa, como numa ilha por um mar bravo. De modo que talvez tu me escrevesses alguma carta, que esteja lá em cima e a que não respondo agora por conseguinte.

Por aqui e por todo o país, naturalmente, continua tudo na mesma, isto é, tudo está parado. Dizer mal disto parece uma coisa pedante do visconde Reinaldo, mas não é.

A tua estada em Paris faz-me imenso mal, a mim particularmente: produz-me a ideia fixa, a monomania de partir para aí [2]. Faço esforços inauditos para presenciar o que se passa nesse mundo superior e descuido-me deploravelmente do que me rodeia. Como um astrónomo abstracto assestei para o estrangeiro um telescópio e, cansado dos olhos, dorido dos rins, olho atentamente, constantemente. Podem dar-me uma facada, o que é provável, que não verei quem ma der.

Ora acontece que disponho apenas de um longa-vista ordinário da pobre agência de navios de vela, e que não vejo para cá nem para lá; e esta impossibilidade acabrunha-me muitas vezes

[1] Mariano Pina (1860-1899). Jornalista de carreira, foi director de *O Nacional* e redactor-chefe do *Diário Popular*. Fixou-se em Paris, como correspondente do jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*, tendo fundado a *Ilustração Portuguesa*, publicada de 1884 a 1891. Traduziu e adaptou obras de teatro.

[2] A «monomania de partir para aí» não a realizou o poeta; no entanto, «foi lá» mais de uma vez. Fim das viagens: comércio. Na nota 1 da pág. 200 tomámos conhecimento do testemunho de Mariano Pina. Duas vezes, pelo menos, foi ele a França. Numa delas — contou Columbano a João de Barros — «a uma mesa de café», donde se via a porta de um teatro, esperou pacientemente a passagem de Vítor Hugo... (João de Barros, *Pátria Esquecida*, p. 70). De outra feita, segundo relatou Gualdino Gomes, assistiu ao funeral desse Sumo Pontífice da poesia (L. Amaro de Oliveira, *Subsídios*, p. 19).

a vida, rala-me, faz-me velho antes de tempo. Este Verão, por exemplo, durante os três dias que durou o arraial em Linda-a--Velha, num alto a que tu foste o ano passado, lembrei-me bem de ti. Havia um francês, grande, desembaraçado, com um *bonnet* de seda de caminho de ferro, que dançava, que pulava entusiasticamente no adro com as saloias. É estudante em *ponts et chaussées* e veio a Portugal passar as férias com o pai, um alsaciano de cabeça larga que tem minas de manganês(?) no Alentejo.

Pois esse rapaz alegre, de olhar claro, com um futuro científico de ricaço, e com quem tu talvez te dês, aumentou-me a minha paixão pela França.

Li há poucos dias o novo romance de Alphonse Daudet, *Les Rois en Exil,* a 24.ª edição. É um livro enternecedor, conciliante, simpático e altamente *boulevardier,* mas que é escrito por um homem que conhece as roldanas do teatro e em estilo de folhetinista.

A não ser isto — esplêndido.

O segundo capítulo *Un royaliste* (todos os capítulos têm um título, o que é também feio) e o penúltimo, *Fides spes,* descreveram-me o bairro em que moras. A tua rua, que eu já conhecia no quadrado 52 amarelo do Guia momentâneo e cujos prédios acabam em ângulos no *boulevard* Saint-Michel; a rua Monsieur-le--Prince teve por habitante um tipo notável do romance. Lê-o e conta-me com a tua crítica pessoal se eu, pelas descrições que vi, posso imaginar os arredores da Escola de Medicina. Dá-me a tua opinião sobre tudo.

As traduções do Fernando [1] estão quase a sair magnificamente editadas pelo Júlio, meu primo. Eu disse editadas; enganei-me: o editor é o visconde de Bucelas [2]; queria dizer impressas ou o que é. O Fernando dedica-te uma poesia original.

Eu não faço nada, falto de estímulos, aborrecido contra esta gente da cidade a que tenho raiva como a um marreco. Ao menos, pelo campo ainda há coisas primitivas, sinceras, e uma boa paz regular; embora a existência não apresente alterações nenhumas, o caminhar da estação, a mudança quase insensível no aspecto da natureza todo o ano, é admirável, sugestivo. Chega o Inverno; e hoje, que é Domingo, sabes em que me eu entretenho? Em partir pinhões com uma pedra à porta de casa. Compram-se aos salamins no padeiro do lugar, um brutamontes de mangas arregaçadas e braços peludos, e cheios de pastas de farinha, que nos diz: —

[1] Fernando Leal. V. nota 1 a p. 181.

[2] Aristocrata goês, que protegia o seu conterrâneo Fernando Leal.

Viva! com mau modo. No enfastiamento domingueiro, o que se pode fazer senão isto? No Verão, comíamos tremoços que nos despertam uma grande sede, apetitosos, escorregadiços: depois, foi-se o Outono nos arraiais pelos lugarejos próximos. Agora os rapazes deitam o pião nos lugarzitos, e quando chove muito, e a cheia alaga as baixas e os caminhos, apupam-se monte para monte com buzinas de chavelho. Lembra a Idade Média, Rolando, Roncesvales, não sei o quê.

Ah! Meu amigo, se tu me tirasses desta apatia, deste enervamento, como seria bom! Seria impossível completamente, numa formidável capital de trabalho, de inteligência, de febre, arranjar um cantinho para mim? Um ano só para me desemburrar! Pois quê, as minhas habilitações comerciais, com o conhecimento do português tão raro, aí, com a minha sujeição *voulue,* não alcançarás nada? Não digo que fosse para uma loja, mas escrevia a correspondência para Portugal, podia fazer escriturações, rever provas, desenvolver o comércio francês com este país, uma imensidade. Repara tu sempre nos anúncios das agências, e se aparecer alguma coisa, pronto.

Eu farei todas as vontades, trabalharei desde as oito às quatro ou mais, despirei um pouco o meu orgulho de patrão, mas o que eu preciso é de tirar-me deste foco de mandriice e de asneiras.

Este ano engrossei na caça às perdizes por terras; tive dias de dez léguas e acho-me apto a trabalhar valentemente. Tu ignoras decerto o que é esta caça. Na perdiz tudo é redondo, o olho, o corpo que arredondam para voar, o ruído do voo que lembra um *roulement* de tambor, tudo redondo. Não atirava para as ver sempre vivas. Por este país fora há cousas interessantes e caçando-se descobrem-se imensas. Em Caneças, as lavadeiras acompanham o bater da roupa com um *ai* enorme, medonho, aflitivo. Nos vales aparecem mochos com fome. O outro dia para os lados de Torres, vi quatro mulas lavrando uma courela a meio galope e aos couces, em desordem. — Eu gostaria imenso de fazer uma viagem pelo *plateau* da serra da Estrela até aos Pirenéus, com uma caçadeira, uma espingarda de dois canos e um óculo de campanha e um companheiro. Mas vês, lá caio eu insensivelmente na França, na Gasconha, o diabo.

Escreve, e escreve todos os dias, se for possível.

Teu amigo

Cesário Verde

TÁBUA BIOBIBLIOGRÁFICA DE CESÁRIO VERDE

1855-1886

1855 — José Joaquim Cesário Verde nasceu a 25 de Fevereiro de 1855 na freguesia lisboeta da Madalena. Era filho do Sr. José Anastácio Verde e de D. Maria da Piedade dos Santos Verde. O pai, abastado comerciante de ferragens, com estabelecimento na Rua dos Fanqueiros, dedicava-se também à agricultura na sua granja de Linda-a-Pastora, sita nos arredores de Lisboa. A família Verde não praticava qualquer religião, e o chefe da casa, segundo parece, havia sido, na época da guerra civil, miguelista.

1865 — Cesário Verde com 10 anos de idade faz o seu exame de instrução primária. A família vivia então na Rua do Salitre, n.º 107, 1.º andar. Após o exame, e de acordo com a tradição familiar, deve ter principiado a sua actividade comercial ao balcão da loja paterna.

1873 — Aos 18 anos, quando começou a publicar os primeiros versos, matriculou-se sem seguimento no Curso Superior de Letras (ano lectivo de 1873-1874), onde se relacionou com a mocidade letrada de então, e, principalmente, com Silva Pinto que viria a ser o amigo «para a vida e para a morte».

A 12 de Novembro estreia-se nas colunas do *Diário de Notícias*, dirigido então por Eduardo Coelho que na juventude havia sido caixeiro do pai de Cesário. Publicou aí, nesse ano, 3 poesias — *A forca, Num tripúdio de corte rigoroso, Ó áridas Messalinas*, e, no portuense *Diário da Tarde*, *Eu e ela* e *Lúbrica*...

1874 — Neste ano foram dadas à estampa as poesias *Impossível!*, *Lágrimas*, *Proh Pudor!*, *Manias!*, *Heroísmos*, *Cinismos*, *Cantos da tristeza*, *Fantasias do impossível* — *Caprichos*, *Esplêndida*, *Arrojos*, *Flores venenosas* — *I*, *Cabelos*, *Vaidosa*, *Cadências tristes*, *Melodias vulgares*, inseridas no *Diário da Tarde*, no *Diário de Notícias*, na *Tribuna* e na revista portuense *Harpa*. Em folha solta, dá a lume *Ele*.

Cesário, ou alguém por ele, anunciou no jornal *A República* (Lisboa, 27 Dezembro de 1874) a próxima publicação de um volume de poesias, que não chegou a vir a lume.

Rebenta o escândalo literário suscitado pelo baudelaireano poema *Esplêndida*. Ramalho Ortigão, com quem viria a relacionar-se posteriormente, fustiga n'*As Farpas* o jovem poeta, pedindo-lhe que «seja menos verde e mais cesário». Fialho, que viria a admirá-lo, arranha-o também.

Por seu turno, Teófilo Braga era de opinião «que um poeta amante e moderno devia ser trabalhador, forte e digno e não devia rebaixar-se assim».

1875 — Publica em revistas de pequena circulação *(Tribuna, Mosaico) Ironias do desgosto, Deslumbramentos, Humorismos do amor.* No jornal *O Porto,* é dada à estampa *Desastre.* Cesário interessa-se pelo lançamento de uma revista, *Mundo Novo,* que não passou de projecto.

Em carta a Silva Pinto confessa: «Cá vou vivendo cheio de trabalho comercial.»

1876 — Na revista coimbrã *Evolução* é dada à estampa a sua poesia *A débil* e, em *O Porto, Nevroses,* que virá a ser recolhida em *O Livro* sob o título de *Contrariedades.*

1877 — Em *Parnaso Português Moderno,* antologia organizada e prefaciada por Teófilo Braga, não há sequer referência ao nome de Cesário.

Principia a queixar-se aos amigos de falta de saúde.

1878 — Publicação de *Num bairro moderno, Merina, Sardenta.*

1879 — Publicação de *Manhãs brumosas, Em petiz, Cristalizações.* O *Diário Ilustrado* (4 de Outubro de 1879), referindo-se à poesia *Em petiz,* considera cada verso «um vomitório, e onde em cada recordação se revela de sobejo os maus instintos da criança, e presentemente o desamor do homem já feito pela desgraça e miséria alheias». O poeta, exasperado, desafia o jornalista para um duelo.

Em carta a Silva Pinto confidencia: «Eu por aqui me afasto da literatura; amando-a ainda muitíssimo, não penso exclusivamente nela.»

1880 — Publicação de *Num álbum,* e de *O Sentimento dum Ocidental,* sua obra-prima, que passou quase desapercebida. Em carta a Macedo Papança lamentava-se: «Uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação.» Parece todavia que Guerra Junqueiro, entretanto, descobrira e apreciara a poesia de Cesário.

Gradual substituição do pai nas actividades da loja de ferragens e na exploração da granja de Linda-a-Pastora.

1882 — Projecto de um jornal portuense, *O Mercantil,* que se malogrou, e do qual deveriam ser redactores Cesário, Teófilo e João de Deus.

Deve referir-se, aproximadamente, a esta época o retrato que Fialho nos legou do poeta: «Alto e mui grave, vestido de azul e com um colarinho voltado sobre uma gravata escarlate, tinha bem a figura do carácter, e não se podia mirá-lo sem logo lhe ver, na ingénua arrogância, o quer que fosse do ser filtrado misteriosamente por uma estranha e aristocrática selecção. O tipo era seco, com uma ossatura poderosa, a pele de fêmea loura, rosada, de bom sangue, a cabeça pequena e grega, com uma testa magnífica, e feições redondas, onde os olhos amarelo-pardos de estátua, ligeiramente míopes, tinham a expressão profunda, rectilínea, longínqua, que a gente nota nas dos marítimos acostumados a interrogar o oceano por dilatadas extensões.»

1884 — Publicação da poesia *Nós*, seu último grande poema. Por esta época, em tom de presságio, cantava:

A mim mesmo, que tenho a pretensão
De ter saúde, a mim que adoro a pompa
Das forças, pode ser que se me rompa
Uma artéria, e me mine uma lesão.

1886 — A doença progride. Em carta de 16 de Junho confessa a Macedo Papança as suas apreensões: «Subitamente, chegam-me dúvidas, descrenças, terrores de futuro. Curo-me? Sim, talvez.»

Talvez... A 19 de Julho, com 31 anos, morre em Caneças [1] onde se houvera fixado em procura de bons ares, vitimado pela tuberculose, doença a que, anteriormente, haviam sucumbido já dois irmãos. As suas últimas palavras, recolhidas por Jorge Verde, único sobrevivente dos filhos do Sr. Anastácio Verde, foram: «Não quero nada, deixa-me dormir.»

Nos necrológios dos jornais, o *Diário de Notícias* considerava-o «poeta apreciável», e o *Jornal do Comércio* declarava o seguinte: «Cesário Verde morre quase ignorado. Circunstâncias especiais da sua vida fizeram talvez com que ele não pudesse apurar as suas faculdades, nem aperfeiçoar os seus processos artísticos; mas o que dele fica basta para revelar uma decidida vocação poética, original e independente como poucas.»

1887 — Devido aos cuidados de Silva Pinto, publica-se em Abril, numa edição de 200 exemplares, que não foi posta à venda, *O Livro de Cesário Verde*, reeditado depois várias vezes.

[1] No necrológio do *Diário de Notícias* (20-7-1886) refere-se que o falecimento teria ocorrido «numa casa do Lumiar».

ESBOÇO DE BIBLIOGRAFIA RESPEITANTE A CESÁRIO VERDE

AGUILAR, MANUEL BUSQUETS DE — *O Curso Superior de Letras (1858-1911)*, Lisboa, 1939.

ALMEIDA, FIALHO DE — *Os Gatos*, III, nova ed., Lisboa, 1947, p. 271; VI, nova ed., Lisboa, 1953, p. 327.

— *Vida Irónica*, nova ed., Lisboa, [1957?], pp. 109, 144-145.

— «Um inédito de Fialho: Cesário Verde», carta ao livreiro Manuel Gomes, que ficou incompleta e se destinava a preceder a sua edição do *Livro de Cesário Verde*, in *In Memoriam de F. de A.*, Porto, 1917, pp. 9-15.

AMARAL, HENRIQUE DO — «A captação do real em Cesário e em Baudelaire», in *Vértice*, vol. XV, n.º 147, Coimbra, Dez.º de 1955, pp. 727-732.

ANDRADE, MIRANDA DE — «Sobre o lirismo de Cesário Verde», in *Ocidente*, vol. XLVIII, n.º 205, Lisboa, Maio de 1955, pp. 161-173.

ARAÚJO, JOAQUIM DE — *Poetas Mortos. Consagrações*, Sonetos, Porto, 1888.

ATKINSON, DOROTHY M. — *Notas sobre a Estilística de Cesário Verde*, separata de *Ocidente*, vol. LXXV, n.º 367, Lisboa, Nov.º de 1968, pp. 202-210.

BARROS, JOÃO DE — «Cesário Verde», in *Pátria Esquecida*, Lisboa, 1935, pp. 61-80.

— *Pequena História da Poesia Portuguesa*, Biblioteca Cosmos, Lisboa, 1941; 2.ª ed., id., 1944, pp. 113-114.

— *O Povo na Literatura Portuguesa* (antologia), Lisboa, s/d. [1947], pp. 176-178.

BOURBON E MENESES — «Pedras Soltas. A sensibilidade trágica de Cesário Verde», in *Diário de Notícias*, Lisboa, 4-10-1929; reprod. in *Sua Graça é Lisboa*, Lisboa, 1944, pp. 33-40.

— «Pedras Soltas», in *Diário de Notícias*, Lisboa, 13-6-1930.

— «Pedras Soltas», in *Diário de Notícias*, Lisboa, 17-5-1935.

BRANDÃO, JÚLIO — *Poetas e Prosadores,* Braga, s/d. [1923], pp. 73 e segs.

— *Galeria das Sombras,* Porto, s/d. [1935], p. 74.

BRAS, BERTA HENRIQUES — *Alguns Aspectos Estilísticos no «Livro de Cesário Verde»,* dissertação de licenciatura em Filologia Românica, Coimbra, 1960.

BREYNER, SOPHIA DE MELLO — *Quatre poètes portugais: Camões, Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa.* Selecção, trad. e apresentação de..., Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970; 2.ª ed., 1979.

Cancioneiro — I Salão dos Independentes, Lisboa, 1930.

CARTER, JANET E. — *O Universo Humano na Obra Poética de Cesário Verde,* tese de doutoramento, ciclostilada, submetida à Faculty of Arts de Witwatersrand, Joanesburgo, 1980.

CASTRO, EUGÉNIO DE — «Cesário Verde», in *Cartas de Torna-Viagem,* I, Lisboa, 1926, pp. 87-102.

CAVALHEIRO, RODRIGUES — «Apontamento sobre Cesário Verde», in *Diário de Notícias,* Lisboa, 18-1-1954.

CHAIX-RUY, J. — *Au Portugal — Deux poètes disparus: Cesário Verde et António Nobre; un poète d'aujourd'hui: Eugénio de Castro,* separata de *Cursos e Conferências* da Biblioteca Geral da Univ. de Coimbra, vol. VII, 1937.

CHAVES, LUÍS — «Lisboa nos versos de Cesário Verde», in *Novidades,* Lisboa, 10-4-1955.

COELHO, JACINTO DO PRADO — Recensão de *Realistas e Parnasianos,* de Óscar Lopes, in *Rumo,* n.º 6, Lisboa, Nov.º 1946, pp. 284-288.

— «Um clássico da modernidade: Cesário Verde», «Cesário e Baudelaire» e «Cesário Verde, escritor», in *Problemática da História Literária,* Lisboa, 1961, pp. 219-239; 2.ª ed., Lisboa, 1972, pp. 181-198.

— «Verso e frase em "O Sentimento dum Ocidental"», in *A Letra e o Leitor,* Lisboa, 1969, pp. 195-203; 2.ª ed., Lisboa, 1977, pp. 143-148.

— «Cesário Verde», in *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira,* Porto, 1960, pp. 840-841; 2.ª ed., 2 vols., Porto, 1969-1971, pp. 1139-1141.

— «Cesário Verde, poeta do espaço e da memória», in *Ao contrário de Penélope,* Lisboa, 1976, pp. 195-198.

— Recensão de *Nós. Uma Leitura de Cesário Verde,* de Helder Macedo, in *Colóquio/Letras,* n.º 37, Lisboa, Maio de 1977, pp. 88-89.

CUNHA, CARLOS — *Cesário, Poeta Moderno,* Braga, s/d. [1955].

DACOSTA, LUÍSA — «O Povo na obra de Cesário Verde», in *Vértice*, vol. XV, n.º 147, Coimbra, Dez.º de 1955, pp. 733-735.

— «O realismo burguês e o populismo no *Livro de Cesário Verde*», in *Notas de Crítica Literária*, Porto, 1960, pp. 69-80.

Diário de Notícias, Lisboa, 20-7-1886, notícia da morte do poeta.

DUARTE, JOSÉ — «Cesário Verde, um precursor do Modernismo», in *Momento*, Lisboa, n.º 2, Jan.º de 1934.

FERREIRA, DAVID MOURÃO — v. MOURÃO-FERREIRA, DAVID.

FERREIRA, LUÍS EUGÉNIO — «Subsídios para um estudo sobre Cesário Verde», in *Vértice*, vol. XV, n.º 147, Coimbra, Dez.º 1955, pp. 718-724.

FERREIRA, JOSÉ GOMES — *A Memória das Palavras ou O Gosto de Falar de Mim*, Lisboa, 1965; edições posteriores.

FERREIRA, VERGÍLIO — «Relendo Cesário», in *Colóquio/Letras*, n.º 31, Lisboa, Maio de 1976, pp. 49-58; reprod. in *Espaço do Invisível*, III, Lisboa, pp. 173-190.

FIGUEIREDO, FIDELINO DE — *História da Literatura Realista (1871-1900)*, Lisboa, 1914, pp. 100-103.

FIGUEIREDO, JOÃO PINTO DE — *Álbum de Cesário Verde, com fotografias e cartas inéditas do poeta*, separata de *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XIII, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, pp. 191-233.

— *A Vida de Cesário Verde*, tiragem especial de 100 exs., fora do mercado, Lisboa, 1981.

— *Cesário Verde — a Obra e o Homem*, Lisboa, 1981.

FRANÇA, JOSÉ-AUGUSTO — «Livros escolhidos — Poesia, de Cesário ao fim do século» [recensão de *Nós — Uma Leitura de Cesário Verde*, de Helder Macedo], in *Diário Popular*, Lisboa, 22-1-1976 e 12-2-1976.

FREIRE («MÁRIO»), JOÃO PAULO — *Camilo Castelo Branco e Silva Pinto*, Lisboa, 1918, pp. 88, 144, 170-191.

FREITAS, GUSTAVO DE — «O romantismo realista de Cesário Verde», in *Atlântico*, n.º 2, Lisboa, 1942, pp. 234-247.

GAMA, SEBASTIÃO DA — *O Segredo É Amar*, Lisboa, 1969, pp. 303-317; 2.ª ed., Lisboa, 1974, pp. 229-239.

GOMES, ÁLVARO CARDOSO — «A consciência em crise em Cesário Verde», in *Língua e Literatura*, n.º 5, S. Paulo, 1976, pp. 57-66.

GOMES, AUGUSTO FERREIRA — «O génio de Cesário Verde», in *Diário da Manhã*, Lisboa, 1-12-1932.

GUIMARÃES, LUÍS DE OLIVEIRA — «O monóculo de Cesário», in *Diário de Notícias,* Lisboa, 24-2-1955.

HESS, RAINER — *Die Anfänge der modernen Lyrik in Portugal (1865-1890),* Munique, 1978.

HOHLFELDT, ANTÓNIO — Artigos sobre Cesário Verde no «Caderno de Sábado», *Correio do Povo,* Porto Alegre (Brasil), Abril de 1977.

Ilustração (A), vol. III, n.º 15, Paris, 5-8-1886, p. 227, notícia da morte do poeta.

JESUS, EDUÍNO DE — «Cesário Verde e a poesia pura», in *O Primeiro de Janeiro,* Porto, 8-10-1958.

Jornal da Noite, Lisboa, 19-7-1886, notícia da morte do poeta.

LISTOPAD, GEORGES F. — «Ao traduzir Cesário Verde», in *Colóquio,* n.ºs 5-6, Lisboa, Nov.º de 1959, pp. 96-97.

LOPES, ALBERTO — «A ironia heineana de Cesário Verde», in *Colóquio,* n.º 47, Lisboa, Fev.º de 1968, pp. 53-55.

LOPES, ÓSCAR — *Realistas e Parnasianos (1860-1890),* Lisboa, s/d. [1946].

— Recensão de *Cesário Verde,* de Joel Serrão, in *O Comércio do Porto,* Porto, 21-5-1957.

— «Tolentino e Cesário», in *Estrada Larga,* I, Porto, s/d. [1958], pp. 414-417.

— «Sobre Cesário Verde», in *Modo de Ler,* Porto, 1969, pp. 253-259.

— «Cesário ou Do Romantismo ao Modernismo», in *Vértice,* vol. XXVII, n.º 284, Coimbra, Maio de 1967, pp. 257-265; reprod. in *Literatura Portuguesa, II (História Ilustrada das Grandes Literaturas),* Lisboa, 1973, pp. 622-631; (v. SARAIVA, ANTÓNIO JOSÉ, & ÓSCAR LOPES).

MACEDO, HELDER — *The Poetry of Cesário Verde,* tese de doutoramento submetida à Universidade de Londres (texto policopiado), 1974.

— *Nós. Uma Leitura de Cesário Verde,* Lisboa, 1975.

— Resposta à crítica de J.-A. França, in *Diário Popular,* Lisboa, 12-2-76.

MACEDO, DIOGO DE — «Notas de Arte. O pintor Jaime Verde» [irmão de Cesário Verde], in *Ocidente,* vol. XXVI, n.º 90, Lisboa, Out.º de 1945, p. 105.

MARQUES, HENRIQUE — *Memórias de um Editor,* Lisboa, 1935, pp. 127-129.

MARTINS, ROCHA — «Cesário Verde e a sua pitoresca habitação de Caneças», in *Diário de Notícias,* Lisboa, 12-8-1951.

— «Dois poetas numa loja de ferragens», in *Diário de Notícias,* Lisboa, 22-3-1956.

MELO, MARTINHO NOBRE DE — *Cesário Verde,* Rio de Janeiro, Col. Nossos Clássicos, 1958.

MENDES, MANUEL — «As ilustrações de Bernardo Marques para *O Livro de Cesário Verde*», in *Colóquio,* n.º 36, Lisboa, Dez.º de 1965, pp. 19-21.

MENDES, MARGARIDA VIEIRA — *Poesias de Cesário Verde,* Lisboa, Col. Textos Literários, 1979.

MENDONÇA, HENRIQUE LOPES DE — «Cesário Verde», in *Jornal de Domingo,* Lisboa, 31-7-1887.

MOISÉS, CARLOS FELIPE — *Cesário Verde — Poesia Completa & Cartas Escolhidas,* edição organizada, prefaciada e anotada por..., São Paulo, 1982.

MOISÉS, MASSAUD — «A poesia do quotidiano. Cesário Verde», in *A Literatura Portuguesa,* 2.ª ed., São Paulo, 1962, pp. 139-144; 16.ª ed., São Paulo, 1980, pp. 215-221.

— *A Literatura Brasileira. O Simbolismo (1893-1902),* São Paulo, 1966.

MONSARAZ, ALBERTO DE — *Cesário Verde e Macedo Papança,* separata da *Revista Municipal,* n.º 66, Lisboa, 1955 [com a elegia «A Cesário Verde», do Conde de Monsaraz].

MONTEIRO, ADOLFO CASAIS — «Sobre o 'moderno' e o 'eterno' na poesia portuguesa contemporânea», in *De Pés Fincados na Terra,* Lisboa, 1940-41, pp. 259 e segs.

— «Desenho de compasso e esquadro...», in *Variante,* n.º 1, Lisboa, Inverno de 1943, pp. 69-73.

— «Cesário Verde», in *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX,* II, direcção, prefácio e notas biobibliográficas de João Gaspar Simões, Lisboa, 1947, pp. 331-341.

— «Sobre Cesário Verde, leviandade crítica e o resto», in *Diário de Lisboa,* Lisboa, 19-2-1953.

— «Cesário Verde», in *A Poesia Portuguesa Contemporânea,* Lisboa, 1977, pp. 15-34.

MOREIRA, ALBERTO — «O poeta infeliz elogiado por Guerra Junqueiro», in *O Primeiro de Janeiro,* Porto, 27-8-1952.

— «Cesário Verde e Silva Pinto, ou Poesia e a ordem pública», in *Jornal de Notícias,* Porto, 18-10-1953.

— «Subsídios para uma biografia de Cesário Verde», in *Jornal de Notícias,* Porto, 22-4-1955, 29-4-1955 e 13-5-1955.

— *Cesário Verde e a Cidade Heróica,* Porto, 1963.

MOURÃO-FERREIRA, DAVID — «Acerca de uma trajectória na poesia de Cesário Verde», in *Ocidente,* vol. XXXVII, n.ºs 136 e 137, Lisboa, Ag. e Set.º de 1949.

— «Os críticos de Cesário Verde», in *Távola Redonda,* n.º 15, Lisboa, 31-12-1952, pp. 8-7.

— «Ainda Cesário Verde», in *Diário de Lisboa,* Lisboa, 5-3-1953.

— «Notas sobre Cesário Verde: I — Cesário e a tradição poética; II — Um pintor nascido poeta; III — Da cidade para o campo; IV — Cesário e Baudelaire», in *Hospital das Letras,* Lisboa, 1967, pp. 97-134; 2.ª ed., Lisboa, [1983], pp. 67-95.

— Prefácio a *Saudades de Lisboa* (antologia), Lisboa, 1967; reprod. in *Tópicos de Crítica e de História Literária,* Lisboa, 1969, pp. 85-107 e, parcialmente, na 2.ª ed. de *Hospital das Letras,* Lisboa, [1983], pp. 86-90.

MURICY, ANDRADE — *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro,* 3 vols., Rio de Janeiro, 1952.

NASCIMENTO, CABRAL DO — «Poesia sem mistério», in *Aléo,* Lisboa, 27-2-1947.

— Advertência à 9.ª ed., revista, de *O Livro de Cesário Verde,* Lisboa, 1952; edições posteriores.

NEMÉSIO, JORGE — *Poesias Dispersas. Notas a «O Livro de Cesário Verde»,* Lisboa, 1964 (juntamente com a edição de *O Livro,* Estúdios Cor).

NEMÉSIO, VITORINO — «Leitura semanal», in *Diário Popular,* Lisboa, 19-2-1945 e 12-5-1948 («De Cesário e de Nobre»).

— Prefácio a *O Livro de Cesário Verde,* Lisboa, Estúdios Cor, 1964.

— *Portugal — A Terra e o Homem,* Antologia de textos de escritores dos séculos XIX-XX, Lisboa, 1948; nova ed., 1978.

NEVES, HENRIQUE DAS — *Esbocetos Individuais,* Lisboa, 1911, pp. 172-182.

NEVES, MOREIRA DAS — «Cesário Verde, poeta do campo», in *Novidades,* Lisboa, 11-8-57.

NOGUEIRA, GOULART — «Cesário», in *Diário de Notícias,* Lisboa, 24-2-55.

OCTAVIO (Filho), RODRIGO — «Cesário Verde — sua influência na poesia brasileira», in *Jornal do Comércio,* Rio de Janeiro, 25-12-1955.

OLIVEIRA, LUIZ AMARO DE — *Cesário Verde — Novos Subsídios para o Estudo da Sua Personalidade,* Coimbra, 1944.

— *3 Sentidos Fundamentais na Poesia de Cesário Verde,* Lisboa, 1949.

— «Para uma biografia de Cesário», in *Estrada Larga,* I, Porto, s/d. [1958], pp. 381-383.

— *Antologia Comentada de Poesias de «O Livro de Cesário Verde»,* Porto, 1980.

ORTIGÃO, RAMALHO — «A musa moderna — Conselhos a um jovem poeta», in *As Farpas,* X, ed. integral, Lisboa, 1944, pp. 219-225.

PALMA-FERREIRA, JOÃO — «Responsabilidades de um título», in *Diário Popular*, Lisboa, 30-7-1964.

PARREIRA, CARLOS — «A casa de Linda-a-Pastora onde viveu Cesário Verde», in *Panorama*, n.º 14, Lisboa, 1948, pp. 29-32.

PATRÍCIO, JOÃO — «Cesário», in *Diário da Manhã*, Lisboa, 10-3-1955.

PEREIRA, ESTEVES, & GUILHERME RODRIGUES — *Portugal. Dicionário Histórico, Biográfico, Bibliográfico, etc.*, Lisboa, 1903-1915 (VII vol., p. 384).

PEREIRA, JOSÉ CARLOS SEABRA — *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, 1975.

PEREIRA, JOSÉ MARIA DOS REIS [JOSÉ RÉGIO] — *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* (Dissertação para licenciatura na Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra — Secção de Filologia Românica), Vila do Conde, 1925, pp. 36-38.

PESSOA, FERNANDO — *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, Lisboa, s/d.

— *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Lisboa, 1966.

— «Fragmentos inéditos», in *Colóquio/Letras*, Lisboa, n.º 8, Julho de 1972, pp. 54-55.

PIMENTA, ALFREDO — «Cesário Verde», in *Sombras de Príncipes*, Lisboa, pp. 61-63.

PINA, MARIANO — «Les poètes modernes (La poésie portugaise)», in *A Ilustração*, vol. I, n.º 11, Paris, 5-10-1884, pp. 170-171 (transcrito do n.º 4 da rev. *Le Monde Poétique*, Paris, e com o poema «Nós»).

— «Crónica — Cesário Verde», in *A Ilustração*, vol. III, n.º 16, 20-8-1886, pp. 242-243 (com três poesias de Cesário).

PINTO, SILVA — Carta de apresentação de Cesário Verde a Manuel de Arriaga, in *Diário da Tarde*, Lisboa, 1873.

— Dedicatória (a Jorge Verde) e Prefácio e Notas da 1.ª ed. de *O Livro*, Lisboa, 1887; edições posteriores.

— *Noites de Vigília*, vol. II, Lisboa, 1897, p. 53.

— *Pela Vida Fora (1870-1900)*, Lisboa, s/d.

PIRES, ORLANDO — *Cesário Verde, Precursor e Clássico*, Rio de Janeiro, 1966.

QUADROS, ANTÓNIO — «A melancolia na poesia de Cesário Verde», in *Modernos de ontem e de hoje*, Lisboa, 1947, pp. 255-263.

RAMOS, FELICIANO — «O ritmo do vivo na obra poética de Cesário Verde», in *Meditações Históricas*, Porto, 1940, pp. 16-25.

RECKERT, STEPHEN — «Sobre uma leitura de Helder Macedo» [réplica à crítica de J. G. Simões ao livro de H. Macedo sobre Cesário Verde], in *Diário de Notícias*, Lisboa, 19-2-1976 e 26-2-1976.

RÉGIO, JOSÉ [v. PEREIRA, JOSÉ MARIA DOS REIS] — *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa,* Lisboa, 1941, pp. 44-49; 2.ª ed., Lisboa, s/d.; 3.ª ed., Porto, 1976.

— *As mais Belas Líricas Portuguesas,* 1.ª série, Lisboa, 1944; 4.ª ed. [*Líricas Portuguesas*], 1968.

— «Sobre o realismo de Cesário», in *Estrada Larga,* I, Porto, [1958], pp. 392-395.

ROCHA, ANDRÉE CRABBÉ — «A presença do real na poesia de Cesário Verde», in *Estrada Larga,* I, Porto, [1958], pp. 396-402.

— «Cesário Verde, poeta barroco?», in *Colóquio/Letras,* n.º 1, Lisboa, Março de 1971, pp. 31-33.

SACRAMENTO, MÁRIO — *Lírica e Dialéctica em Cesário Verde,* in separata de *Vértice,* vol. XVII, n.º 163, Coimbra, Abril de 1957, n.º 165, Junho de 1957, e n.º 166, Julho de 1957; reprod. in *Ensaios de Domingo,* Coimbra, 1959, pp. 93-137.

SALGADO JÚNIOR, ANTÓNIO — «Introdução ao estudo de Cesário Verde», in *Estrada Larga,* I, Porto, [1958], pp. 386-391.

SANTOS, CÉSAR DOS — «O centenário do grande poeta», in *O Primeiro de Janeiro,* Porto, 2-2-1955.

SARAIVA, ANTÓNIO JOSÉ, & ÓSCAR LOPES — *História da Literatura Portuguesa,* Porto, 1955; 12.ª edição, Porto, 1982.

SEGOLIN, FERNANDO — Recensão de *Poesias de Cesário Verde,* de Margarida Vieira Mendes, in *Colóquio/Letras,* n.º 64, Lisboa, Nov.º de 1981, pp. 95-96.

SENA, JORGE DE — «Um «inédito» de Cesário Verde [«Loira»]», in *Mundo Literário,* n.º 29, Lisboa, 23-11-1946.

— «A linguagem de Cesário Verde», in *Estrada Larga,* I, Porto, [1958], pp. 409-413; reprod. in *Estudos de Literatura Portuguesa — I,* Lisboa, 1981, pp. 159-162.

— «Sobre a poesia de Cesário Verde», in *O Primeiro de Janeiro,* Porto, 17-12-1951; reprod. in *Da Poesia Portuguesa,* Lisboa, 1959, pp. 87-93, e *Estudos de Literatura Portuguesa — I,* Lisboa, 1981, pp. 155-158.

— Carta a propósito do artigo de Joel Serrão «Um falsário de poesia», in *Gazeta Musical e de Todas as Artes,* n.ºs 89-90, Lisboa, Ag.º-Set.º 1958, p. 135.

— «Ainda e sempre o poema 'Loira'» (carta), *ibid.,* n.º 93, Dez.º de 1958, p. 186.

SERRÃO, JOEL — *Cesário Verde — Para Uma Edição Crítica das Suas Poesias,* separata de *Vértice,* vol. XV, n.º 147, Coimbra, Dez.º de 1955, pp. 683-717.

— «Sobre o sentido da morte na poesia de Cesário Verde», in *Estrada Larga,* I, Porto, [1958], pp. 403-407.

— *Cesário Verde — Interpretação, Poesias Dispersas e Cartas,* Lisboa, 1957; 2.ª ed., Lisboa, 1961.

— «Um falsário de poesia», in *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.º 88, Lisboa, Julho de 1958, pp. 120-121.

— «O poema 'Loira' não é de Cesário Verde», *ibid.*, n.ºs 91-92, Out.º-Nov.º de 1958, pp. 157-158.

— «Ainda (mas nunca mais) o poema 'Loira'», *ibid.*, n.º 94, Jan.º de 1959, pp. 208-209.

— «A infância de Cesário Verde», in *Diário Popular*, Lisboa, 26-2-1959.

— «O sentido do tempo na poesia de Cesário Verde», in *Temas Oitocentistas*, I, Lisboa, 1959, pp. 205-214; 2.ª ed., Lisboa, 1980, pp. 155-160.

— *Obra Completa de Cesário Verde*, organizada, prefaciada e anotada por..., Lisboa, Col. Poetas de Hoje, 1964; 2.ª ed., 1970; [3.ª ed., (1976!)].

SILVEIRA, PEDRO DA — *A «Obra Completa» de Cesário Verde*, separata de *Vértice*, vol. XXIV, n.ºs 248-249, Coimbra, Maio-Junho de 1964, pp. 276-292, e n.ºs 250-251, Julho-Ag.º de 1964, pp. 456-469.

— «Sobre a colaboração de Cesário Verde em três revistas de Coimbra», in *Vértice*, vol. XXVI, n.º 273, Coimbra, Junho de 1966, pp. 398-408.

— «Ainda à roda de Cesário Verde, colaborador de revistas», in *Vértice*, vol. XXVII, n.º 284, Coimbra, Maio de 1967, pp. 266-275.

SIMÕES, JOÃO GASPAR — «Cesário Verde (Introdução)» in *Seara Nova*, n.º 258, Lisboa, 20-8-1931; reprod. («Introdução a Cesário Verde») in *O Mistério da Poesia*, Coimbra, 1931, pp. 63-87; 2.ª ed., Porto, 1971, pp. 79-94.

— *História da Poesia Portuguesa do Século Vinte*, Lisboa, 1959, pp. 13-26.

— «A 'naturalidade' de Cesário Verde», in *Literatura, Literatura, Literatura...*, Lisboa, 1964, pp. 204-209.

— Recensão de *Cesário Verde — Interpretação, Poesias Dispersas e Cartas*, de Joel Serrão, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 7-7-1962; reprod. in *Crítica V (Críticos e ensaístas contemporâneos — 1942-1979)*, Lisboa, 1983, pp. 333-337.

— *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*, Lisboa, 1964, pp. 234-237.

— Recensão da *Obra Completa de Cesário Verde*, de Joel Serrão, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 25-6-1964.

— Recensão de *O Livro de Cesário Verde*, ed. prefaciada por Vitorino Nemésio, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 3-2-1966.

— Recensão de *Nós. Uma Leitura de Cesário Verde*, de Helder Macedo, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 5-2-1976; reprod. in *Crítica V*, Lisboa, 1983, pp. 767-770.

— Recensão de *Álbum de Cesário Verde*, de João Pinto de Figueiredo, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 8-3-1979; reprod. in *Crítica V*, Lisboa, 1983, pp. 849-854.

— Recensão de *Poesias de Cesário Verde*, de Margarida Vieira Mendes, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 13-12-1979.

27.MAR 160 4335 -1

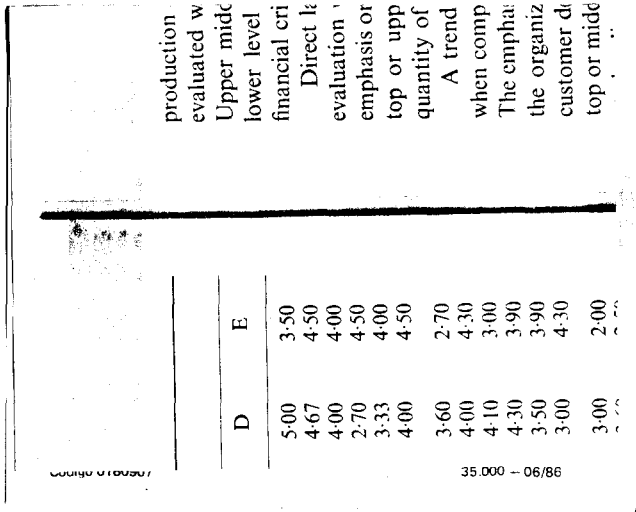
— Recensão de *A Vida de Cesário Verde / Cesário Verde — A Obra e o Homem*, de João Pinto de Figueiredo, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 12-11-1981.

VALDEMAR, ANTÓNIO — «Cesário Verde, um pintor nascido poeta», in *Diário de Notícias*, Lisboa, 23-2-1967.

VASCONCELOS, MARIO CESARINY DE — «Homenagem a Cesário Verde», in *Pena Capital*, Lisboa, 1957, p. 14; reprod. in *Poesia (1944-1955)*, Lisboa, s/d., pp. 138-139.

VERDE, JORGE — *As Minhas Poesias. Na Cidade e no Campo*, Lisboa, 1928.

— *Poésies Portugaises*, traduites par..., Paris, s/d.

VILLAÇA, ANTÓNIO CARLOS — «Introdução Geral» a *O Livro de Cesário Verde*, Rio de Janeiro, 1976, pp. 7-22.

Este «Esboço de Bibliografia» foi revisto e actualizado, para a presente edição, por Luís Amaro a quem muito se agradece a generosa e proficiante colaboração prestada.